

Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado



Dissertação de Mestrado

**Os efeitos prototípicos da categoria roupa e sua influência na tradução
interlinguística:
Uma abordagem cognitivista**

Lucas Mario Dacuña Badaracco

Pelotas, 2016

Lucas Mario Dacuña Badaracco

**Os efeitos prototípicos da categoria roupa e sua influência na tradução
interlinguística:
Uma abordagem cognitivista**

Versão parcial de texto dissertativo
apresentado ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da
Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Letras

Orientadora: Profa. Dr. Mirian Rose Brum-de-Paula

Pelotas, 2016

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B132e Badaracco, Lucas Mario Dacuña

Os efeitos prototípicos da categoria roupa e sua influência na tradução interlinguística : uma abordagem cognitivista / Lucas Mario Dacuña Badaracco ; Mirian Rose Brum-de-Paula, orientadora. — Pelotas, 2016.
160 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

1. Categorização. 2. Tradução interlinguística. 3. Linguística cognitiva. 4. Efeitos prototípicos. I. Brum-de-Paula, Mirian Rose, orient. II. Título.

CDD : 410

Lucas Mario Dacuña Badaracco

Os efeitos prototípicos da categoria roupa e sua influência na tradução

interlinguística:

Uma abordagem cognitivista

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

22 de fevereiro de 2016

Banca examinadora:



Prof.^a Dra. Mirian Rose Brum de Paula
Presidente/Orientadora

Doutora em Sciences Du Langage Linguistique Et Phonétique Gén
pela Université de Paris X – Nanterre, França



Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Membro da Banca

Doutor em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas



Prof.^a Dra. Aracy Graça Ernst
Membro da Banca

Doutora em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Prof.^a Dra. Roberta Rego Rodrigues
Membro da Banca

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

BADARACCO, Lucas Mario Dacuña. **Os efeitos prototípicos da categoria roupa e sua influência na tradução interlinguística:** uma abordagem cognitivista. 2016. 158f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Neste estudo, analisam-se traduções para o português brasileiro (PB) de sequências em língua espanhola compostas por um verbo auxiliar, pelo verbo *poner* (*pôr*) no particípio, com a acepção de *vestir-se*, e por um objeto da categoria roupa (por exemplo, *El hombre tiene los pantalones blancos puestos*). Os objetivos principais são verificar se as escolhas dos tradutores do PB sofrem, de algum modo, a influência dos efeitos prototípicos da categoria roupa e descrever as diferenças mais importantes no que tange às informações contidas na língua-fonte e na língua-alvo. O *corpus* constitui-se de 14 obras de literatura contemporâneas escritas em língua espanhola e de suas respectivas traduções para o PB. Os autores escolhidos são sete, todos oriundos de países distintos (Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, México, Paraguai e Peru), e a cada um correspondem dois títulos. O referencial teórico-metodológico utilizado centrou-se em pesquisadores da Linguística Cognitiva: nos postulados de Rosch (1975; 1978), para abordar a categorização; nos de Slobin (1996; 2003; 2004; 2005), para explicar categorias gramaticais presentes e ausentes nas línguas fonte e alvo; e nos de Lakoff (1987), para embasar a concepção de linguagem e conhecimento que se adota ao longo do estudo. Os resultados revelam diferenças gramaticais entre espanhol e português nas sequências enfocadas a depender do tipo de particípio, verbal ou nominal, envolvido. No entanto, o dado que mais chama a atenção é o uso sistemático do processo *vestir* no PB em contextos estruturalmente diversos. Encontraram-se evidências de que esse verbo é preferido pelos tradutores, mormente, quando o status do objeto da categoria roupa na sequência é mais prototípico. Por outro lado, constatou-se que estratégias mais variadas se preferem quando o status do objeto é menos prototípico. Dessa maneira, traduzir implicaria categorizar, o que corrobora a hipótese da LC de que a linguagem humana não é separada das demais habilidades cognitivas da espécie, mas integrada a elas.

Palavras-chave: tradução interlinguística; categorização; efeitos prototípicos; Linguística Cognitiva

Abstract

BADARACCO, Lucas Mario Dacuña. **Prototype effects in the clothing category and its influence on interlinguistic translation: a cognitive approach.** 2016. 158p. Dissertation (Master's Degree in Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

This study analyzes translations to Brazilian Portuguese (BP) of sequences in Spanish formed by an auxiliary verb, the verb *poner* (*to put*) in past participle, with the sense of *to get dressed*, and an object of the clothing category (for example, *El hombre tiene los pantalones blancos puestos*). The main goals are to verify if the translator's choices suffer any influence of prototype effects in the clothing category and to describe the most important differences concerning explicit and inferred information between source and goal languages. The corpus is constituted by 14 contemporary literary pieces written in Spanish and its respective translations to BP. The selected authors were seven (two titles per author), each of them from a different country: Argentina, Chile, Colombia, Cuba, Mexico, Paraguay and Peru. The theoretical and methodological framework applied come from Cognitive Linguistics (CL): Rosch's (1975; 1978) proposal is used to deal with categorization, Slobin's (1996; 2003; 2004; 2005) approach is taken to explain explicit and inferred grammatical categories in translation, and Lakoff's (1987) ideas mold our language and knowledge views throughout this study. The results show grammatical differences between Spanish and Portuguese in the analyzed sequences depending on what type of past participle (verbal or nominal) occurs. However, the most striking result was the systematic use of *vestir* in BP, in the most structurally diverse contexts. The evidences point this verb is preferred by translators in most cases when the clothing category object involved is considered a better example of the category. On the other hand, more diverse strategies are preferred when worse examples of the category are in play. Considering this, translating means categorizing. Such claim solidifies the hypothesis that human language is not separate from other cognitive abilities of the species, but rather integrated with them.

Keywords: interlinguistic translation; categorization; prototype effects; Cognitive Linguistics

Lista de tabelas

Tabela 1 – Porcentagem de uso do mesmo tempo e aspecto para expressar <i>cair e correr</i>	37
Tabela 2 – Porcentagens de descrições de trajetória descendente com verbo único.....	39
Tabela 3 – Porcentagem de narradores que deram uma descrição elaborada de lugar ao expressar um cenário em que um personagem cai de um precipício	39
Tabela 4 – Informações sobre as versões originais	65
Tabela 5 – Informações sobre as versões traduzidas	65
Tabela 6 – Tabela utilizada no teste complementar	70
Tabela 7 – Modelo de tabela para níveis de especificidade	72
Tabela 8 – Modelo de tabela para elementos linguísticos presentes em versões originais e traduzidas (particípios nominais).....	74
Tabela 9 – Modelo de tabela para elementos linguísticos presentes em versões originais e traduzidas (particípios verbais)	74
Tabela 10 – Sequências do tipo <i>verbo auxiliar + verbo principal + objeto da categoria roupa</i>	77
Tabela 11 – Sequências do tipo <i>preposição + objeto da categoria roupa + pôr</i>	79
Tabela 12 – Elementos presentes em sequências com particípios verbais	81
Tabela 13 – Elementos presentes em sequências com particípios nominais	82

Tabela 14 – Traduções para sequências do tipo <i>verbo auxiliar + verbo principal + objeto da categoria roupa</i>	86
Tabela 15 – Traduções para sequências do tipo <i>preposição + objeto da categoria roupa + pôr</i> (particípio)	91
Tabela 16 – Elementos presentes na tradução de sequências com participios verbais.....	96
Tabela 17 – Elementos presentes na tradução de sequências com participios nominais.....	97
Tabela 18 – Pontuações atribuídas aos elementos da categoria roupa	105
Tabela 19 – Relação entre os objetos com pontuações entre 1.0 e 2.0 da categoria roupa e os processos utilizados para acompanhá-los nas traduções do PB	112
Tabela 20 – Relação entre os objetos com pontuações entre 2.0 e 6.0 da categoria roupa e os processos ou as preposições utilizados para acompanhá-los nas traduções do PB	114
Tabela 21 – Relação entre os objetos com pontuações entre 6.0 e 7.0 da categoria roupa e os processos utilizados para acompanhá-los nas traduções do PB	119
Tabela 22 – Relação entre a categoria superordenada roupa e os processos ou as preposições utilizados para acompanhá-la nas traduções do PB	121

Sumário

1	Introdução.....	10
2	Referencial teórico	17
2.1	Linguística Cognitiva: quando surgiu, o que é, o que estuda.....	17
2.2	O paradigma gerativo.....	18
2.3	Bases teóricas da LC e exemplos.....	20
2.4	Mente x Corpo	27
2.5	Relativismo linguístico	30
2.6	Pensar para falar	33
2.6.1	Introdução ao tema	34
2.6.2	Objetivos	35
2.6.3	Metodologia e <i>corpus</i>	36
2.6.4	Estilo retórico	36
2.6.5	Descrição temporal	37
2.6.6	Descrição espacial	38
2.6.7	Aprendendo a pensar para falar	41
2.7	Categorização.....	43
2.7.1	<i>Women, fire and dangerous things</i>.....	43
2.7.1.1	Por que a categorização importa?.....	45
2.7.1.2	Wittgenstein, Austin, Berlin e Kay: ideias iniciais sobre protótipos	48
2.7.1.3	Brown e Berlin:ideias iniciais sobre o nível básico	51
2.7.2	Rosch	54
2.7.2.1	Efeitos prototípicos.....	54
2.7.2.2	Nível básico	56
2.8	Estudos de Tradução: tradutibilidade e equivalência.....	58
3	Metodologia	60
3.1	Traduzir é categorizar: um estudo preliminar.....	60
3.2	<i>Corpus</i> e método.....	62
3.3	Obras e autores	66
3.4	Procedimentos de análise	68
3.4.1	Modelos de tabelas e figuras – Rosch.....	69
3.4.2	Modelos de tabelas – Slobin	74

4 Resultados e discussão.....	78
4.1 Categorias gramaticais na tradução: língua espanhola	78
4.2 Categorias gramaticais na tradução: do espanhol ao português	87
4.3 A prototipicidade de objetos da categoria roupa e o seu papel na tradução	103
5 Considerações finais	126
Referências	129
Anexo A.....	136
Apêndice A.....	158

1 Introdução

O presente trabalho centra-se em duas grandes áreas dentro do campo dos estudos linguísticos: a Linguística Cognitiva (LC) e os Estudos da Tradução. A primeira, cuja constituição iniciou-se na década de 1970, é de origem recente se comparada à segunda, sobre a qual se tem teorizado desde séculos antes de Cristo. Apesar desse descompasso cronológico, as contribuições que uma pode trazer à outra justificam visar à interface entre elas. A LC “[...] adota uma *perspectiva baseada no uso*, tendo como uma de suas principais hipóteses a ideia de que o contexto orienta a construção do significado” (FERRARI, 2011, p.18). A tradução, por sua vez, é uma atividade essencialmente humana, em especial, quando se pensa na figura do tradutor. A noção *experientialista* da linguagem defendida pela LC (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987), nesse sentido, pode muito bem encontrar um suporte relevante na atividade tradutória. Do mesmo modo, esta pode ser explicada a partir de uma visão de linguagem cognitivista: não modular, integrada a outras habilidades cognitivas do ser humano e ancorada na experiência concreta com os objetos do mundo. Como expõem Benedetti e Sobral (2003, p.214),

traduzir não é definitivamente atividade restrita ao estritamente linguístico, nem é a ordem do linguístico estritamente linguística. Traduzir é criar ligações, muitas vezes perigosas; é gerar interfaces, tão sujeitas a enganos quanto as dos computadores; é vincular seres humanos entre si, por vezes de modo confrontativo [...].

A tradução, portanto, não se limita a manipular a linguagem, a meramente transpor símbolos, e a linguagem não se restringe às fronteiras de um módulo específico na cognição. Ao postular-se algo dessa natureza, não obstante, assume-se um importante compromisso: o de fornecer evidências de que tais conexões não são ocasionais, mas, sim, constitutivas do traduzir e inerentes ao uso da linguagem.

É impossível propor generalizações a respeito do tema sem que haja estudos basilares, nos quais se foquem aspectos linguísticos de caráter específico. Por esse motivo, neste trabalho, o recorte temático é bem

delimitado: investigam-se traduções para o português brasileiro (PB) de sequências, em língua espanhola, formadas por um verbo auxiliar, o verbo *poner* (pôr) no particípio e um objeto da categoria roupa. A ideia surgiu a partir da constatação de que muitas estratégias do PB podem ser equivalentes a essas sequências do espanhol. Se alguém atentar para isso enquanto lê, verificará que, mesmo um único tradutor ao longo da mesma obra, não opta pelas mesmas alternativas linguísticas nessas situações. Ao traduzir para o PB sentenças como *La niña tiene puesto un vestido*, haveria somente a transposição para a língua-alvo de elementos considerados equivalentes aos da língua-fonte? Seria possível que outros processos cognitivos, tais como a categorização, tivessem um papel importante mesmo quando o objetivo é traduzir uma estrutura gramatical pouco extensa? O fato de tratar-se de duas línguas tipologicamente próximas coibiria, de algum modo, escolhas tradutórias distantes do modelo da língua-fonte?

A fim de responder a tais questionamentos, analisaram-se as sequências supracitadas em 14 obras literárias escritas em língua espanhola e nas respectivas traduções para o PB. O *corpus*, pois, é composto por amostras de língua escrita retiradas dos seguintes títulos: *A cidade e os cachorros*, *A fronteira de cristal*, *A ilha sob o mar*, *As armas secretas*, *Contravida*, *Crônica de uma morte anunciada*, *Eu o supremo*, *Havana para um infante defunto*, *Lituma nos Andes*, *O caderno de Maya*, *O outono do patriarca*, *Os prêmios*, *Terra Nostra* e *Três tristes tigres*. Selecionaram-se autores de referência no universo da literatura contemporânea (da segunda metade do século XX em diante) em língua espanhola. No total, são sete (07), todos originários da América Latina, mas de distintos países: Augusto Roa Bastos (Paraguai), Carlos Fuentes (México), Gabriel García Márquez (Colômbia), Guillermo Cabrera Infante (Cuba), Isabel Allende (Chile), Julio Cortázar (Argentina), Mario Vargas Llosa (Peru).¹ A diversificação de nações representadas é imprescindível para constituir um conjunto de dados que não apague a enorme heterogeneidade da língua espanhola. Não seria eficaz, por exemplo, selecionar um número maior de obras escritas por um mesmo autor ou por dois compatriotas. Nesse caso,

¹ A cada autor correspondem duas obras.

como explicar que os dados não se referem a um estilo particular de redação ou às características estruturais de uma única variedade linguística? As sequências estudadas, como revela o *corpus*, são inerentes às diferentes variedades linguísticas que a língua espanhola abrange e não a uma ou outra variedade isolada do espanhol. As versões traduzidas para o PB, igualmente, não são de autoria de um mesmo indivíduo, mas de vários, oriundos de distintas regiões brasileiras.

O referencial teórico em que se buscou suporte constitui-se de autores expoentes dentro das ciências cognitivas e dos estudos da tradução. Recorreu-se a Ferrari (2011) e a Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012) para apresentar noções fundamentais sobre a Linguística Cognitiva, as quais modelam os pressupostos científicos do presente estudo. Atentou-se, sobretudo, para o caráter não modular da linguagem, para a visão enciclopédica do conhecimento linguístico humano e para o papel da experiência corpórea no uso da linguagem. Slobin (1996) serviu de base para introduzir a concepção moderna de relativismo linguístico que norteia este trabalho: o *pensar para falar*. Nela, as línguas não são sistemas neutros de projeção de uma realidade objetiva, mas, sim, guias subjetivos do mundo vivido pelos humanos que afetam o modo como se pensa enquanto se fala.

Os postulados de Lakoff (1987), por sua vez, foram essenciais para entender as diferenças entre o modelo clássico de categorização e a *Teoria de protótipos e de categorias de nível básico*, de Rosch (1978). O modelo clássico, resultado de nenhum estudo científico, é consistente com uma visão objetivista da linguagem: concebe as categorias conceptuais e linguísticas como contêineres em que os elementos se inserem totalmente ou não, além de considerá-las reais e externas à linguagem (e, portanto, aos indivíduos que a usam). De outro lado, a teoria de Rosch, respaldada por resultados de numerosas pesquisas nas ciências cognitivas, trata as categorias como dependentes das capacidades cognitivas e perceptuais do organismo que categoriza, propondo que os membros categoriais organizam-se em melhores e piores exemplares e que há distintos *níveis de entrada* na cognição.

É a proposta de Rosch (1978), principalmente, que serve como base para a análise dos dados obtidos neste trabalho. Para a autora, os sistemas categoriais têm duas dimensões: uma vertical e outra horizontal. A primeira diz respeito ao nível de especificidade, ou seja, refere-se ao eixo em que termos como *roupa* (nível superordenado), *calça* (nível básico) e *calça jeans* (nível subordinado) variam. A segunda diz respeito ao nível de segmentação em um mesmo nível de especificidade, ou seja, concerne ao eixo em que termos como *calça*, *camisa*, *vestido* e *terno* (elementos de nível básico) variam. A relevância da teoria de protótipos e de categorias de nível básico para a tradução é ressaltada por Snell-Hornby (1999), em quem se baseia a maioria das concepções sobre o ato de traduzir ao longo deste estudo. Salienta-se que o grande benefício trazido pelas investigações de Rosch aos estudos da tradução é, justamente, ajudar na leitura dos dados linguísticos. Tradicionalmente, a teoria adotada para realizar análises a respeito da categorização e do significado de unidades em uma língua-fonte e em uma língua-alvo sequer era, de fato, debatida. Nas palavras da autora,

os estudos da tradução têm enfrentado os obstáculos dos modelos tradicionais de categorização, que funcionam a partir de divisões drásticas, oposições binárias, antíteses e dicotomias. Estas costumam ser meros construtos acadêmicos que só paralisam a diferenciação requerida em todos os aspectos dos estudos da tradução (SNELL-HORNBY, 1999, p.56-57).²

No presente trabalho, aplicam-se as noções que caracterizam a teoria de Rosch à tradução interlinguística, ou *propriamente dita* (JAKOBSON, 2010). Por meio da análise (especificada adiante) dos dados obtidos nas obras que compõem o *corpus* deste trabalho, os objetivos são os seguintes: verificar quais estratégias utilizam-se no PB para traduzir as sequências do espanhol *verbo auxiliar + poner (particípio) + objeto da categoria roupa*; atentar para as semelhanças que tais estratégias compartilham entre si em relação aos elementos gramaticais explicitamente mencionados; investigar a influência que os efeitos prototípicos da categoria roupa exercem no momento de traduzir

² “Los estudios de traducción han estado obstaculizados por los modelos tradicionales de categorización, que funcionan mediante divisiones drásticas, oposiciones binarias, antítesis y dicotomías. Éstas suelen ser meros constructos académicos que sólo paralizan la diferenciación requerida en todos los aspectos de los estudios de traducción.”.

estruturas características de uma língua-fonte para uma língua-alvo, na qual se requerem mudanças de ordem sintática e semântica. Seria possível que o modo como se arquitetam as categorias na cognição transparecesse no processo tradutório entre duas línguas próximas? Se a resposta for positiva, significará que a equivalência é impossível nos casos em que a prototipicidade condiciona as escolhas linguísticas do tradutor? No que concerne ao segundo questionamento, parte-se da premissa da impossibilidade da equivalência total, uma ilusão que toma por base a existência de simetria entre os sistemas linguísticos. Uma investigação focada no significado das unidades na tradução requer que seja

[...] transmitida a opinião da ineficácia da equivalência como conceito básico na teoria da tradução: o termo *equivalência*, além de ser impreciso e de estar mal definido (inclusive depois de um intenso debate de mais de vinte anos), apresenta uma ilusão de simetria entre as línguas, apenas existente perpassando o âmbito de certas aproximações, que distorce a problemática essencial da tradução. (SNELL-HORNBY, 1999, p.41, grifo da autora).³

Em consonância com tal colocação, na análise dos dados coletados, não se visa a encontrar estruturas similares às do original na tradução, haja vista que cada língua tem um comportamento único ao exprimir o mesmo evento ou ao retratar a mesma cena. Tampouco se pressupõe que existam maneiras mais ou menos corretas na tradução dos trechos investigados, pois, em todos, a língua-alvo busca, de um modo ou de outro, manter o significado veiculado na língua-fonte. Como afirma Ramos (2000, p.30),

traduzir, realocar, alude sempre a um movimento em que algo se conserva intacto, aspira inclusive a continuar sendo o mesmo. A troca das moedas de um país ao de outro diferente, ou a troca de unidades em uma magnitude física – casos mais básicos de tradução –, consistem em conservar um valor equivalente expressando-os de modos distintos. O texto original é diferente do texto na língua meta, mas algo deve ser conservado para que os dois textos aspirem a

³ “[...] se transmite la opinión de la ineficacia de la equivalencia como concepto básico en teoría de la traducción: el término *equivalencia*, aparte de ser impreciso y estar mal definido (incluso después de un intenso debate de más de veinte años), presenta una ilusión de simetría entre las lenguas, apenas existente más allá del ámbito de ciertas aproximaciones, que distorsiona la problemática esencial de la traducción.”.

dizer o mesmo; ou mais exatamente, para que o texto traduzido aspire a dizer o mesmo que o original.⁴

Assim, o foco deste trabalho são os modos como se transmite, na língua-alvo, uma informação que aspira a ser a mesma da língua-fonte. Defender que a versão traduzida nunca é igual à original torna inútil, por exemplo, levantar discussões a respeito da adequação ou da inadequação de escolhas do tradutor. Neste estudo, portanto, acredita-se que não há uma alternativa *melhor* ou *pior* para traduzir as sequências em língua espanhola formadas por *verbo auxiliar + poner (particípio) + objeto da categoria roupa*. Os interesses são analisar o que cada estratégia tradutória preserva em relação à original e compreender quais mecanismos cognitivos influenciam a utilização de cada uma na língua-alvo.

Os dados linguísticos no espanhol e no PB foram compilados em tabelas e figuras, para fins de organicidade. Os modelos inspiram-se nos de Rosch (1975; 1978), para tratar de prototipicidade e de níveis de especificidade, e nos de Slobin (2005), para tratar de informações acrescentadas ou perdidas na tradução. Mediu-se a frequência de uso de cada verbo auxiliar e de cada particípio (verbal e nominal) e analisaram-se os tipos de objeto da categoria de roupa conforme a prototipicidade o nível de especificidade. Além disso, nos dados do PB, atentou-se para informações alteradas em relação às obras originais. O objetivo foi verificar se a categorização de roupas e a proeminência relativa de elementos explicitamente mencionados correlacionam-se de alguma maneira na tradução. A divisão dos dois tipos de particípio foi especialmente importante devido a um descompasso gramatical entre a língua-fonte e a língua-alvo. Enquanto no espanhol é corrente usar o verbo *poner* (pôr) nos particípios verbal e nominal, no PB apenas o particípio verbal é frequente. Por isso, é impossível tratar igualmente as traduções para *La niña se había puesto*

⁴ “Traducir, trasladar, alude siempre a un movimiento en el cual algo se conserva intacto, aspira incluso a seguir siendo lo mismo. El cambio de las monedas de un país al de otro diferente, o el cambio de unidades en una magnitud física – casos más elementales de traducción –, consisten en conservar un valor equivalente expresándolos de modos distintos. El texto original es diferente del texto en la lengua meta, pero algo debe conservarse para que los dos textos aspiren a decir lo mismo; o más exactamente, para que el texto traducción aspire a decir lo mismo que el original.”

un vestido (particípio verbal) e para *La niña tiene puesto un vestido* (particípio nominal).

Este trabalho é formado pelas seguintes seções: referencial teórico; metodologia; resultados e discussão; considerações finais. Na primeira, apresentam-se os autores e os conceitos-chave que embasam as concepções de linguagem, cognição, categorização, dentre outras. O suporte teórico constitui-se de postulados da Linguística Cognitiva, especialmente das propostas de Rosch (1975; 1978), Lakoff (1987) e Slobin (1996). Na segunda seção, explicam-se os procedimentos metodológicos que se adotam para investigar o tema deste estudo, os quais tomam por base, mormente, as pesquisas de caráter interlinguístico de Slobin (1996; 2003; 2004; 2005) e os estudos envolvendo a teoria de protótipos e de categorias de nível básico, de Rosch (1975; 1978). Na terceira seção, discutem-se os resultados obtidos no *corpus* deste estudo com base nos conceitos que se desenvolvem no bloco relativo ao referencial teórico. Por fim, na última seção, resumem-se as contribuições que este trabalho traz aos Estudos de Tradução e à Linguística Cognitiva e propõem-se ideias para novas investigações.

2 Referencial teórico

A seção destinada ao referencial teórico deste texto dissertativo subdivide-se em sete principais partes. Na primeira, introduzem-se as bases da Linguística Cognitiva (LC), contextualizando-a historicamente no percurso dos estudos linguísticos. Na segunda, dá-se um panorama sobre o Gerativismo, corrente à qual a LC se opõe no que concerne à concepção de linguagem. Na terceira, após uma contraposição com o que não é, lançam-se os principais pressupostos científicos que orientam os trabalhos em LC, a partir de uma visão de *significado* particular e de exemplos pertinentes para corroborá-la. Na quarta, alude-se à base experiencial da linguagem: noção fundamental para qualquer pesquisa em LC e, logo, para o presente trabalho. Na quinta, foca-se o *relativismo linguístico*, uma hipótese importante para a Linguística não gerativa do século XX que foi atualizada pelo pesquisador estadunidense Dan Slobin recentemente. Na sexta subseção, é justamente a proposta de Slobin (1996), *pensar para falar*, que se apresenta, devido à sua significativa relevância para este estudo. Por fim, na sétima, o tópico discutido é categorização, o conceito-chave do presente trabalho. Enfocam-se, especialmente, os pensamentos de Lakoff (1987) e Rosch (1975; 1978), que contribuem à LC com os termos *experientialismo* e *prototipicidade*.

2.1 Linguística Cognitiva: quando surgiu, o que é, o que estuda

O campo de estudos da Linguística Cognitiva (LC) começou a constituir-se em meados dos anos de 1970, a partir da insatisfação de estudiosos em relação aos postulados da teoria gerativa. Nessa época, o Gerativismo, corrente cujo marco inicial associa-se à publicação da obra *Estruturas Sintáticas* (1957), de Noam Chomsky, era o modelo dominante dentro da ciência linguística (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012). Fundamentalmente, tal teoria defende que a linguagem humana é uma capacidade inata da espécie, separada dos demais componentes mentais e regida por uma quantidade finita de regras. A tarefa do linguista seria, pois, estudar as possibilidades combinatórias que compõem a gramática, enfatizando os padrões gerais de funcionamento comuns às diversas línguas

do mundo. Para tanto, parte-se do módulo sintático da linguagem, uma vez que é aquele em que grandes semelhanças interlinguísticas são percebidas. No que respeita à aquisição da linguagem, acredita-se que a criança nasce equipada com um dispositivo específico, o qual lhe permite adquirir qualquer língua sem o menor esforço. Esse dispositivo, conhecido como *gramática universal*, dependeria do *input* apenas para ser ativado, mas não para ser moldado, logo, o papel que se dá aos estímulos linguísticos externos ao indivíduo é de caráter secundário. Eles seriam meramente um *gatilho* para despertar uma faculdade humana.

Mudanças significativas operaram-se nos anos de 1980, com o lançamento de uma série de obras cujas premissas diferiam das do Gerativismo. Dentre as mais célebres, estão *Metaphors we live by* (LAKOFF; JOHNSON, 1980), *Foundations of Cognitive Grammar* (LANGACKER, 1987) e *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind* (LAKOFF, 1987). Em 1989, ainda, ocorreu o primeiro Congresso Internacional de Linguística Cognitiva em Duisburg (Alemanha), organizado por um dos principais linguistas europeus, René Dirven. Graças ao evento, fundou-se a *Associação Internacional de Linguística Cognitiva (International Cognitive Linguistics Association – ICLA)*, e novas edições do congresso passaram a ser feitas a cada dois anos. No mesmo período, em 1990, surgiu a revista da ICLA, *Cognitive Linguistics*, além de vários outros periódicos em que se difundia a perspectiva da LC. Hoje, a área é bem estabelecida dentro dos estudos linguísticos internacionalmente; no Brasil, embora não haja uma bibliografia expressiva se comparada à de outras vertentes, tem havido iniciativas para divulgar a LC. A publicação de *Introdução à Linguística Cognitiva* (FERRARI, 2011), por exemplo, buscou suprir uma carência: que houvesse uma obra de caráter introdutório, em que se expusessem as bases da LC para torná-la familiar a estudantes e pesquisadores de Linguística, Psicologia, Antropologia, Sociologia e áreas afins.

2.2 O paradigma gerativo

Na LC, trabalha-se com premissas que divergem daquelas adotadas no gerativismo. Por isso, é necessário descrever, sucintamente, esse paradigma relevante dentro da Linguística, que antecedeu a LC. Parte-se, para tanto, do pensamento do seu principal expoente: Noam Chomsky. O objetivo central é conhecer a LC a partir daquilo que ela não é, a partir daquilo a que se opõe.

Na concepção de Chomsky (1998), a faculdade da linguagem é uma *propriedade da espécie*, sem muita variação entre os indivíduos e sem correlatos significativos. Dessa forma, a linguagem estaria isolada biologicamente em propriedades essenciais e seria de desenvolvimento recente em uma perspectiva evolucionista. A respeito da aquisição da linguagem, o autor defende o inatismo, argumentando que, por exemplo, não haveria evidências que propiciassem o conhecimento sobre a organização sintática da língua. Para reforçar a hipótese, expõe que tal conhecimento decorreria daquilo que Hume chama de *mão original da natureza*: um dote biológico no qual se manifestariam os princípios inatos da linguagem. Dessa forma, o caráter básico da linguagem, concebida como um órgão à parte dos outros, seria uma expressão dos genes. A aquisição assemelhar-se-ia, em suma, com o crescimento dos órgãos em geral, pois “[...] é algo que acontece com a criança e não algo que a criança faz.” (CHOMSKY, 1998, p.23).

Na proposta gerativista, o objetivo é descrever a faculdade da linguagem tanto em seu estado inicial quanto nos estados que assume posteriormente. À teoria do estado inicial da faculdade da linguagem chama-se gramática universal (GU); à teoria das línguas, gramática gerativa. Chomsky (1998, p.21), aludindo ao percurso histórico da gramática gerativa, afirma que, na revolução cognitiva dos anos de 1950, houve uma mudança de foco: “[...] do estudo do comportamento e seus produtos (textos, por exemplo) para os mecanismos internos usados pelo pensamento e pela ação humanos.”. Para entender a faculdade da linguagem, logo, não se poderia pressupor tacitamente a inteligência do usuário da língua: na perspectiva chomskiana, é essa capacidade que se deve tomar como objeto de pesquisa.

Uma das bases do gerativismo é enfatizar as semelhanças compartilhadas pelos indivíduos que usam a linguagem (as quais seriam profundas) em detrimento das diferenças (as quais seriam apenas superficiais). A diversidade das línguas do mundo, nesse sentido, seria aparente, manifestada nos dados de saída e decorrente de pequenas mudanças na fixação de controles. Insere-se, nessa visão, a abordagem de *Princípios e Parâmetros*: um programa investigativo importante, mas não acabado. A partir dele, descarta-se o conceito de regra e construção gramatical, que se decompõe nos princípios gerais da faculdade da linguagem, os quais, por sua vez, originam as propriedades das expressões.

Podemos imaginar o estado inicial da faculdade da linguagem como uma rede de relações fixa conectada a um painel de controle; a rede de relações é constituída pelos princípios da linguagem, enquanto os controles são as opções a serem determinadas pela experiência. (CHOMSKY, 1998, p.25).

No estudo dos sistemas que compõem a língua (assumindo que se possam delimitar as fronteiras de cada um sem problemas), a abordagem gerativa pressupõe a existência de traços distintivos para análise de unidades sonoras ou lexicais, as quais teriam propriedades imutáveis. A categorização, por conseguinte, ocorreria de uma forma linear: “as coisas são identificadas e atribuídas a categorias em termos de tais propriedades [...]” (*ibid.*, p.33). Aderindo a essa ótica, as categorias seriam entidades absolutas, recipientes nos quais elementos estariam inseridos ou não, como sugere o seguinte trecho: “chamamos a Inglaterra de ilha, mas, se o nível do mar caísse bastante, seria uma montanha, em virtude das faculdades da mente.” (*ibid.*, p.34).

2.3 Bases teóricas da LC e exemplos

A LC concebe a linguagem humana como uma capacidade inter-relacionada com outras habilidades cognitivas da espécie. Assumir que a linguagem não é um módulo independente no cérebro faz com que o foco dos estudos em LC seja investigar as relações existentes entre a linguagem e as faculdades gerais da cognição (p. ex.: categorização, memória, percepção). Desde uma perspectiva biológica, não há respaldo teórico de que os seres

humanos tenham desenvolvido um dispositivo especial para adquirir línguas ao longo da evolução. Tomasello (2003), nesse sentido, atenta para um problema cronológico: não teria havido tempo suficiente para que emergisse no homem um órgão específico para a linguagem. Considere-se que “[...] foi apenas nos últimos 2 milhões de anos que a linhagem humana deixou de apresentar apenas habilidades cognitivas típicas de grandes macacos [...]” (TOMASELLO, 2003, p.04). Segundo este autor, somente um mecanismo biológico pode ter sido responsável pelas alterações no comportamento e na cognição do moderno *homo sapiens: a transmissão social ou cultural*, “[...] que funciona em escalas de tempo de magnitudes bem mais rápidas do que as da evolução orgânica.” (*op. cit.*).

Defende-se, em suma, que os pilares para a construção da linguagem humana são experienciais, ancorados em um conhecimento de mundo apreendido por meio das bases sociais e fisiológicas da espécie. Como alternativa à proposta de que a linguagem teria surgido no curso da evolução humana, lança-se mão do conceito de *aprendizagem cultural*, uma forma poderosa de aprendizagem social (*ibidem*). A língua, sob esse enfoque, decorre de processos de sociogênese, nos quais vários indivíduos criam, em conjunto, algo que nenhum deles poderia criar sozinho. “Esse poder especial origina-se diretamente do fato de que, quando um ser humano está aprendendo ‘através’ de outro, ele se identifica com esse outro e com seus estados intencionais e às vezes mentais.” (TOMASELLO, 2003, p.08). Em outros termos, as origens da linguagem humana explicam-se a partir das habilidades cognitivas gerais e das características físicas que os indivíduos possuem. A linguagem estaria, dessa forma, interconectada com todas as outras capacidades da espécie desde o início da vida humana.

Ao passo que no Gerativismo o interesse primordial é a sintaxe, na LC, o foco é a semântica. Em palavras mais precisas,

[...] se a teoria gerativa postula que o significado de uma sentença é definido pelas condições sob as quais se pode interpretá-la como falsa ou verdadeira (e, portanto, o significado é concebido como reflexo da realidade), a Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado

deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. (FERRARI, 2011, p.14).

Dessa forma, não se aborda o significado linguístico de modo objetivista. Isso significa que a língua não representa a realidade exterior ao homem exatamente como é. Ela representa a realidade construída a partir da experiência que o ser humano tem com o mundo à sua volta. Em geral, exemplifica-se tal afirmação aludindo à habilidade de categorização, particularmente, referindo investigações sobre cores.

Sabe-se que o espectro cromático enxergado pelo homem não se compara ao de outras espécies: enquanto muitos animais têm acesso a uma gama de cores bastante mais extensa (como o camarão da espécie *squilla mantis*), outros dispõem de uma capacidade visual mais limitada no que diz respeito à variedade cromática (como cães). De fato, ao analisar as palavras que o léxico das línguas tem para cores, estudos comprovam a correlação entre os conceitos linguísticos e o aparato visual. Não há palavras, em língua nenhuma, para designar uma cor que o ser humano seja incapaz de ver. Evidenciou-se também que, apesar de existir grandes diferenças interlinguísticas no que tange aos termos usados para exprimir as cores nas línguas, há semelhanças fundamentais de base fisiológica. Berlin e Kay (1969), em uma das pesquisas mais relevantes para a LC, por exemplo, afirmam que falantes preferem cores de tonalidade mais prototípica quando se trata de apontar melhores exemplares. Assim, em uma língua contendo uma palavra que englobasse verde e azul (hipoteticamente, *verdul*), o melhor exemplar não seria uma mistura ideal dos dois, mas sim um verde ou um azul *focais* (prototípicos), visto que eles são mais salientes à visão. O conceito *verdul*, portanto, não mudaria a percepção dos falantes no momento de sinalizar um bom exemplo dessa cor (LAKOFF, 1987).

Embora na LC enfoque-se o significado, no Gerativismo, também há uma perspectiva adotada em relação à semântica. Nela, as palavras podem ser decompostas em traços de sentido bem determinados, como em *solteiro*: [+ adulto] e [- casado]. O conhecimento linguístico sobre significados, na

cognição, portanto, funcionaria de modo similar ao de um dicionário, em uma área específica, o que vai ao encontro da hipótese da modularidade. Em suma, na visão gerativista,

[...] assume-se que o conhecimento linguístico é representado em um componente especializado, denominado *dicionário mental* ou *léxico*, e dentro dessa perspectiva, os significados linguísticos armazenados na mente podem ser definidos de forma semelhante ao modo como aparecem no dicionário. (FERRARI, 2011, p.16, grifos da autora).

Assim, informações contextuais (ou pragmáticas) não seriam de interesse da ciência linguística, que deveria limitar-se ao que pode ser formalmente analisado mediante traços significativos. Derivada dessa ótica, inclusive, surgiu a dicotomia *semântica x pragmática*, que, até hoje, é bem aceita dentro das fronteiras gerativas e que impulsionou os estudos em semântica lexical a partir dos anos de 1960. Não obstante, muitas questões começaram a pôr em dúvida a validade dessa rígida separação entre o significado propriamente linguístico (do domínio da semântica) e o significado extralinguístico (do domínio da pragmática). Por exemplo, qual é o critério usado para determinar que um aspecto semântico de uma palavra é mais ou menos relevante? Por que uma definição associada ao conhecimento linguístico importa mais que uma relacionada ao conhecimento extralinguístico ao analisar o sentido de um vocábulo? Como explicar que o termo *solteiro*, embora passível de decomposição em traços, não se aplique a entidades como o papa, o qual também seria [+ adulto] e [- casado]?

Na visão da LC, não há traços de sentido mais ou menos relevantes em uma palavra: cada conhecimento a respeito do vocábulo importa para sua caracterização. Resumindo, “[...] *tudo* o que sabemos sobre algo pode ser potencialmente relevante em um momento dado e, portanto, há de optar-se por uma visão do significado de *enciclopédia* mais que de *dicionário*.” (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012, p.17, grifos dos autores).⁵ O motivo para defender-se isso é que o significado, na linguagem, é sempre contextualizado, logo, saberes pragmáticos teriam o mesmo status de

⁵ “[...] *tudo* lo que sabemos sobre algo puede ser potencialmente relevante en un momento dado y por lo tanto, hay que optar por una visión del significado de *enciclopedia* más que de *diccionario*.”.

relevância daqueles semânticos. O contexto, aliás, não é só externo aos enunciados:

[...] uma dada sequência é interpretável apenas em relação a um contexto, mas ao mesmo tempo a sequência desencadeia tipos de contextualizações com as quais ela é compatível. Assim, o contexto está, na sua relação com a sequência contextualizada, numa relação ao mesmo tempo de dependência e de independência. (DE VOGÜÉ et al., 2011, p.23).

Dessa maneira, a dicotomia semântica x pragmática e as dúvidas decorrentes dela desaparecem. No caso da palavra *solteiro*, é justamente através do conhecimento extralinguístico, acerca dos papéis sociais atribuídos a cada indivíduo, que não é possível associar *papa* a *solteiro*. Para Ferrari (2011), assim como para Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012), o conhecimento linguístico aproximar-se-ia de uma enciclopédia: uma rede de informações relativas às palavras e à experiência com elas. Observe-se que tal hipótese não implica conceber os significados das palavras como pertencentes a um sistema de definições desconexo e caótico. Contrariamente, “[...] a semântica cognitiva caracteriza o conhecimento enciclopédico como um sistema estruturado e organizado em rede [...]” (FERRARI, 2011, p.19). Uma análise linguística baseada na proposta de dicionário, por exemplo, não poderia explicar os diferentes sentidos que a preposição *em* adquire nos seguintes enunciados (adaptado de FERRARI, 2011):

(1) O presente está *na* caixa.

(2) As flores estão *no* vaso.

(3) O vaso está *na* mesa.

(4) O sapato está *no* meu pé.

Tradicionalmente, diz-se que a preposição *em* indica uma relação entre uma entidade e um objeto de referência que se caracteriza por conter o primeiro. Contudo, há aspectos das cenas espaciais (1), (2), (3) e (4) que não

se explicam por essa definição. Em (1), infere-se que a entidade (*o presente*) está totalmente contida no objeto (*a caixa*); em (2), assume-se que a entidade (*as flores*) está parcialmente contida no objeto (*o vaso*); em (3), supõe-se que a entidade (*o vaso*) não está propriamente contida no objeto (*a mesa*), mas jaz em sua superfície; em (4), presume-se ser o primeiro elemento (*o sapato*) que contém o segundo (*pé*). O que a LC defende é que o sentido das palavras nos enunciados depende de uma combinação com os elementos circundantes. Ademais, quando está em jogo a definição de uma unidade relacional, como uma preposição, é essencial o conhecimento a respeito das relações estabelecidas entre entidade e objeto. Por exemplo, o que possibilita interpretar que, em (1), a entidade está completamente dentro do objeto é o saber relativo ao modo como presentes são dados (em geral, dentro de algum tipo de embalagem, como uma caixa ou um papel de presente). Por sua vez, em (2), ativa-se o saber sobre a melhor maneira para conservar uma flor quando se tem um vaso. Em (3), imagina-se o vaso em cima da superfície de uma mesa graças à experiência que o ser humano tem com os possíveis usos desses objetos. Por fim, em (4), é preciso saber que a forma comum de utilização de um sapato é calçado no pé. Portanto, em todos os casos, é necessário resgatar as experiências que se tiveram com os objetos a fim de interpretar as cenas da maneira convencional.

Do mesmo modo, Badaracco e Brum-de-Paula (no prelo) apresentam alguns exemplos produzidos por falantes nativos do PB e do espanhol uruguaio (EU) nos quais se nota que a própria escolha por uma ou outra partícula preposicional dependeria dos elementos circundantes. Os autores analisam relatos descritivos na fala adulta, focalizando sequências compostas por uma entidade humana, um estado resultante de um processo e um locativo, tal como *O menino está sentado na cadeira*. Os estados que compõem a amostra são dois: *estar sentado* e *estar em pé*; ao passo que os locativos são quatro: *sofá*, *tapete*, *mesa* e *cadeira*. Assim, diversas combinações obtiveram-se a partir de gravuras que serviram de base para os relatos dos informantes nas duas línguas do *corpus*. Comparando o PB com o EU, embora tenham sido percebidas diferenças concernentes à expressão dos estados resultantes,

verificaram-se similitudes relativas ao tipo de preposição preferido na introdução do locativo. Eis alguns dados do PB:

(5) “O menino está sentado *numa* cadeira, em frente a uma mesa [...]”;

(6) “Bom, ele está de pé *sobre* o sofá, no lugar do assento.”;

(7) “Agora o menino foi sentar-se *em cima da* mesa, ele está sentado *em cima da* mesa.”;

(8) “Agora ele tá *em cima da* cadeira [...]”.

De um lado, preposições simples de significado amplamente variável, como *em*, ocorreram, mormente, em cenários convencionais, cujo contexto linguístico é prototípico. Do outro, preposições e locuções prepositivas de significado mais restrito, como *sobre* e *em cima de*, preponderaram em cenários pouco convencionais, cujo contexto linguístico é não prototípico.⁶ Em (5), por exemplo, a relação entre *estar sentado* e *cadeira* é bastante usual para o conhecimento linguístico enciclopédico humano. A preposição escolhida, portanto, é aquela menos marcada em termos semânticos, aquela cujo sentido depende exclusivamente da semântica dos elementos que interliga. Entretanto, em (6) e (7), a relação existente entre estado resultante e objeto não é comum: essencialmente, sofás servem para sentar e mesas para apoiar coisas (como alimentos, livros, utensílios culinários etc.). Nas cenas expressas em (6) e (7) pelos informantes, o estado resultante da entidade é estranho ao objeto alvo da ação. Logo, opta-se por partículas preposicionais mais marcadas (mais informativas) semanticamente, com significado restrito dentro do domínio espacial, para estabelecer a relação linguística não prototípica. Atestou-se, ainda, que o sentido bem determinado desses elementos de ligação pode permitir, em certas situações, a inferência do estado resultante a partir da combinação *preposição + objeto*. Desse modo, em (8), ainda que não se tenha um estado resultante explícito, é possível depreender que a entidade está *em*

⁶ Constatou-se o mesmo padrão no EU.

pé, uma vez que *em cima de* é uma locução bem informativa e preferida para retratar cenários não prototípicos. Ademais, se o estado fosse *sentado*, a preposição usada seria *em*.

2.4 Mente x Corpo

O estudo da linguagem em termos gerativistas centra-se na mente do falante, o que leva ao tópico do dualismo *mente x corpo*. Para Chomsky (1998), o gerativismo põe em dúvida a premissa materialista básica de que *toda realidade é física*. Dessa forma, o estudo da linguagem aproxima-se ao estudo de algo que é dado na natureza, exterior ao falante e independente do uso: uma ciência biológica ou física. Aos pesquisadores caberia, pois, desvendar o mundo, “[...] com estranhas propriedades, quaisquer que sejam elas, incluindo seus aspectos óticos, químicos, orgânicos, mentais e outros [...]” (*ibid.*, p.30). Dado que a linguagem alojar-se-ia no cérebro dos falantes como um *chip* a ser localizado e desvendado, fenômenos baseados na experiência corporal não influenciariam as línguas humanas. Ao encontro de tal postura, Pinker (2002) concebe a linguagem como um *instinto*, fazendo a seguinte analogia:

[...] as pessoas sabem falar mais ou menos da mesma maneira que as aranhas sabem tecer teias. A capacidade de tecer teias não foi inventada por alguma aranha genial e não reconhecida [...]. As aranhas tecem teias porque têm *cérebro* de aranha, o que as impele a tecer e lhes dá competência para fazê-lo com sucesso. (PINKER, 2002, p.10, grifo meu).

Logicamente, o fato de aranhas terem o *corpo* que têm não desempenharia nenhuma função relevante para tecer teias. Em verdade, o cérebro aracnídeo criaria teias a partir do nada, independentemente do corpo em que estivesse alojado. Assim, o homem, se tivesse cérebro de aranha, sairia tecendo teias por todo lugar, mesmo não tendo nenhum outro atributo corpóreo que lhe permitisse fazer isso. Abandonando ironias, Lakoff (1987) classifica esse pensamento como tradicional, haja vista que toma o conhecimento como abstrato e não necessariamente parte de nenhum organismo. Os conceitos significativos e o raciocínio seriam, portanto, transcendentais; ou seja, iriam além das limitações físicas de qualquer organismo. Seria ocasional esse tipo

de conhecimentos manifestar-se em seres humanos, uma vez que independeria de sua existência.

Na LC, o papel que o contato direto do homem com as coisas do mundo tem para a constituição da linguagem é de extrema importância. A essa abordagem, que se contrapõe à *racionalista* (encontrada não apenas no Gerativismo, mas também nas perspectivas tradicionais da semântica), chama-se *experientialismo* ou *realismo experientialista*. Nela, rejeita-se a noção de que a mente humana age como um computador, manipulando símbolos abstratos (a linguagem em si) por meio de regras formais. Ao contrário, defende-se que a mente não pode ser separada do corpo, pois através deste se estabelece o contato com a realidade exterior que estrutura a cognição. Considera-se, assim, que

o raciocínio humano não é uma instância do raciocínio transcendental; ele emerge da natureza do organismo e de tudo o que contribui à sua experiência individual e coletiva: sua herança genética, a natureza do entorno que habita, o modo como funciona nesse entorno, a natureza de seu funcionamento social etc. (LAKOFF, 1987, p.xv).

Muitas dessas relações entre corpo e mundo evidenciam-se na linguagem e tornam possível a compreensão de conceitos abstratos, como *tempo*, *amor* ou *discussão*. Para exemplificar, pode-se pensar no *tempo* em termos de *espaço* (“Ele teve um *espaço de dois dias* para fazer o trabalho.”), no *amor* como uma *jornada* (“O casal *não chegou muito longe*: a separação veio logo após o casamento.”) e numa *discussão* como um *prédio* (“Esse argumento não tem *sustentação* nenhuma!”). Esse tipo de transferência de domínios permitido pela linguagem – de um domínio-fonte concreto a um domínio-alvo abstrato – caracteriza as metáforas, estudadas em detalhe por Lakoff e Johnson (1980). Esses autores demonstram que os mecanismos da imaginação em geral não servem apenas a propósitos poéticos ou estilísticos, mas moldam a cognição humana profundamente. Como expõem os autores no início de sua obra,

a metáfora é, para a maioria das pessoas, um dispositivo da imaginação poética e da ornamentação retórica – uma questão da

linguagem extraordinária mais que da ordinária. Além disso, a metáfora é tipicamente vista como característica apenas da linguagem, uma questão de palavras e não de pensamento e ação. Por esse motivo, a maioria das pessoas pensa que pode viver perfeitamente bem sem metáforas. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora é recorrente no cotidiano, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos de como pensamos e agimos, é fundamentalmente de natureza metafórica. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.03).⁷

Há ainda outros fenômenos similares que envolvem aspectos cognitivos gerais e transparecem na linguagem, como a personificação e a metonímia. Por meio desses processos, estruturam-se conceitos e eventos sem referentes reais, de difícil apreensão, como *morte* ou *teoria*. É possível conceber a morte, por exemplo, em termos de uma entidade que se desloca até um alvo e cujas ações se assemelham às de uma pessoa (“A morte o *pegou* pelo braço, definitivamente.”; “A morte finalmente *veio buscá-la*.”). Por outro lado, ao aludir a uma teoria elaborada por um autor, é recorrente que se pense no conjunto de pensamentos, ou seja, na teoria em si, como uma entidade com ações humanas (“A teoria *afirma* algo distinto.”; “Essa teoria *usa* procedimentos inadequados.”).

Tais conceptualizações fazem-se presentes em todas as línguas até hoje estudadas, de um modo ou de outro. Não obstante, a constituição das metáforas, das metonímias e dos processos imaginativos em geral sujeita-se a variações interlinguísticas. No caso das metáforas, as línguas podem não usar os mesmos domínios-fonte para transferir a domínios-alvo. É o que ocorre em aymara, uma língua indígena do Peru, quando seus falantes pensam no conceito de *futuro* (FERRARI, 2011). Na maioria das línguas conhecidas, concebe-se o futuro como um caminho à frente a ser percorrido, para o qual se desloca, e o passado como o caminho já trilhado, o qual se situa atrás. Contudo, em aymara, o ponto de referência para entender o futuro é o campo

⁷ “Metaphor is for most people a device of the poetic imagination and the rhetorical flourish – a matter of extraordinary rather than ordinary language. Moreover, metaphor is typically viewed as characteristic of language alone, a matter of words rather than thought or action. For this reason, most people think they can get along perfectly well without metaphor. We have found, on the contrary, that metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.”.

de visão, e não um caminho a percorrer. Sendo aquilo que se desconhece, o futuro, para os falantes de aymara, encontra-se atrás, fora do campo da visão humana, algo a que não se tem acesso. Por sua vez, aquilo que se conhece, o passado, encontra-se à frente, dentro do campo de visão, algo que se pode enxergar. As variações no nível da conceptualização de noções abstratas, juntamente com as diferenças interlinguísticas respectivas às categorias conceituais e gramaticais, fazem com que o relativismo linguístico seja um tema de interesse da LC. Assim, retoma-se um questionamento para o qual tem havido diversas respostas no curso dos estudos linguísticos: as línguas influenciariam, de algum modo, como os falantes veem o mundo ao seu redor?

2.5 Relativismo linguístico

Como expõe Delbecque (2006), as hipóteses relativistas sobre a linguagem remetem aos séculos XVII e XVIII. Os estudiosos que começaram a discutir a influência da linguagem no pensamento em maiores detalhes nesse período foram o inglês John Locke (1632 – 1704) e os alemães Johann Gottfried Herder (1744 – 1803) e Wilhelm von Humboldt (1767 – 1835).

Até que ponto a nossa língua influencia a nossa forma de pensar? Até que ponto existe interação e influência mútua entre língua e cultura? Raras são as questões de ordem linguística que fascinaram assim tanto pensadores e cientistas ao longo da história. (DELBECQUE, 2006, p.176).

As perguntas que buscavam responder intrigaram teóricos de épocas posteriores e ressurgiram fortemente no início do século XX nos Estados Unidos a partir das investigações de Franz Boas e de seus discípulos Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf. Conforme relata Slobin (1996), para Humboldt, linguagem e pensamento seriam inseparáveis; portanto, cada comunidade de fala teria a sua própria visão de mundo. Assim, cada língua implicaria uma visão de mundo única. Por sua vez, para Whorf, os falantes seriam condicionados pelas propriedades gramaticais existentes em cada língua. Isso afetaria o modo como eles descrevem situações ou narram eventos; o que os faria não equivalentes como observadores.

Boas foi responsável por catalogar e estudar uma série de línguas indígenas americanas até então desconhecidas, atentando para as diferentes categorias gramaticais obrigatórias que as caracterizavam. Na obra *Manual das línguas indígenas americanas (Handbook of American Indian languages)*, o autor traz vários exemplos de variação interlinguística quanto a categorias que devem ser expressas ou não (SLOBIN, 1996). Para a sentença em inglês *The man is sick (O homem é/está doente)*, por exemplo, na língua siouan, exige-se marcar gramaticalmente se o homem está em movimento ou em repouso; na língua kwakiutl, se o homem está visível ou não visível ao falante e se está perto do falante, do ouvinte ou de uma terceira pessoa. Na língua eskimo, por seu turno, diz-se apenas *Homem doente*, sem necessidade de marcar definitude, tempo, visibilidade ou lugar. Nas palavras de Boas,

os poucos exemplos que eu forneci aqui ilustram que muitas das categorias que nós tendemos a considerar essenciais podem estar ausentes em línguas estrangeiras, e que outras categorias podem ocorrer como substitutas. Quando nós consideramos por um momento o que isso implica, reconhecer-se-á que em cada língua apenas uma parte do conceito completo que nós temos em mente é expresso, e que cada língua tem uma tendência particular em selecionar este ou aquele aspecto da imagem mental transmitida pela expressão do pensamento. (BOAS, 1966, p.38-39 *apud* SLOBIN, 1996, p.71).⁸

Segundo o autor, existiria na mente de todos os falantes um conceito completo (ou uma imagem mental) comum. As línguas, pois, apenas recortariam aspectos desse conceito de modo distinto. Contrariamente, Humboldt e Whorf sustentam que os conceitos não existiriam sem a linguagem, como relata Slobin (1996). Este estudioso, da mesma maneira, rejeita a ideia da imagem mental universal, apresentando dados de línguas diversas que corroboram tal hipótese, discutida adiante de forma pormenorizada. Segundo Delbecque (2006), o mérito de ter realizado uma formulação clara da teoria do relativismo linguístico deve ser atribuído a Whorf. Este autor, por sua vez, afirma:

⁸ “The few examples that I have given here illustrate that many of the categories which we are inclined to consider as essential may be absent in foreign languages, and that other categories may occur as substitutes. When we consider for a moment what this implies, it will be recognized that in each language only a part of the complete concept that we have in mind is expressed, and that each language has a peculiar tendency to select this or that aspect of the mental image which is conveyed by the expression of the thought.”

nós dividimos a natureza, organizamo-la em conceitos e lhe atribuimos significados, principalmente porque chegamos ao acordo de assim fazê-lo – um acordo que se mantém através da comunidade que fala nossa mesma língua e que está codificado nos modelos da nossa linguagem. Obviamente, esse acordo é implícito e não é expresso, *mas seus termos são absolutamente obrigatórios*; não podemos falar sem aderir à organização e à classificação de informação que determina o acordo. (WHORF, 1971, p.241, grifos do autor).⁹

Delbecque (2006, p.179) acredita que Whorf exagerou ao referir-se aos termos como *obrigatórios*, pois seria “[...] sempre possível escapar às ‘cláusulas do contrato’ utilizando paráfrases e circunlocuções”. Entretanto, os *termos* de Whorf abarcam as categorias gramaticais específicas de cada língua citadas por Boas, como, por exemplo, a definitude. Em português, pode-se realizar tanto *o cachorro latiu* quanto *um cachorro latiu*, mas não *o/um cachorro latiu*. Da mesma maneira como acontece em inglês ou em espanhol, quando um artigo antecede um nome, deve-se escolher entre a definição (*o, a; os, as*) ou a indefinição (*um, uma; uns, umas*) daquilo a que se alude. Não existe, portanto, a possibilidade de usar uma categoria gramatical que englobe a definição e a indefinição ao mesmo tempo em português. Nesse sentido, é possível pensar, sim, em termos *obrigatórios* do acordo linguístico desde uma perspectiva puramente gramatical. O que é controverso de fato, o que causou uma variedade de duras críticas ao relativismo e ao determinismo linguísticos, é sustentar que distinções nas línguas implicam distinções semelhantes no pensamento. Essa noção transparece no discurso humboldtiano, ao argumentar-se que

o pensamento ganha em penetração quando as relações gramaticais respondem exatamente às relações lógicas; e o espírito sentir-se-á atraído mais vivamente para o exercício do pensamento abstrato, do pensamento puro, quando a língua já lhe tenha acostumado a uma severa separação das formas gramaticais. (HUMBOLDT, 1999, p.85).

Estabelece-se, assim, uma relação de logicidade na qual a riqueza do pensamento associar-se-ia à riqueza gramatical da língua. A obrigatoriedade

⁹ “Nosotros dividimos la naturaleza, la organizamos en conceptos, y adscribimos significados, principalmente porque hemos llegado al acuerdo de hacerlo así – un acuerdo que se mantiene a través de la comunidad que habla nuestra misma lengua y que está codificado en los modelos de nuestro lenguaje. Naturalmente, este acuerdo es implícito y no queda expresado, pero sus términos son absolutamente obligatorios; no podemos hablar sin adscribirnos a la organización y clasificación de información que determina el acuerdo.”.

da expressão da definitude na gramática de uma língua, por exemplo, refletir-se-ia na mente e na visão de mundo dos falantes sujeitos a tal diferenciação. Mas essas diferenças estruturais afetariam a própria percepção dos falantes ou, em verdade, somente emergiriam no momento de usar a linguagem? Nos estudos de Slobin (1996; 2003) e Talmy (1985), entra-se em consonância com a segunda alternativa, pois se delineia o conceito de pensamento de outro modo. Em relação aos postulados de Humboldt e de Whorf, considera-se que “a hipótese sempre encontrou problemas ao tentar determinar as estruturas mentais que subjazem a percepção, o raciocínio e o comportamento habitual como *externas* aos contextos de comportamento verbal” (SLOBIN, 1996, p.75, grifo do autor).¹⁰ Por esse motivo, as investigações contemporâneas têm enfatizado o caráter dinâmico do pensamento quando se está a usar a língua, preferindo, inclusive, os termos *pensar* e *falar*, que são a base da proposta *pensar para falar*, de Dan Slobin, cuja grande relevância para o presente trabalho requer detalhá-la.

2.6 Pensar para falar

Slobin (1996) acredita que aderir a uma doutrina determinista sobre a linguagem traz consequências no entendimento não apenas do comportamento mental adulto, mas também dos papéis da linguagem e do pensamento na fala infantil. A premissa seria que crianças em processo de aquisição de línguas diferentes desenvolveriam estruturas conceituais distintas, as quais trariam efeitos cognitivos profundos. No determinismo, os dois termos-chave são *linguagem* e *pensamento*, ao passo que Slobin (1996) prefere utilizar *falar* e *pensar*. O objetivo do autor é atentar para os tipos de processos mentais que acontecem durante a formulação de uma sentença. Segue, nesse sentido, uma linha menos determinista, reconhecendo a diversidade linguística como decorrente de um modo específico do pensar. Para formular e defender essa hipótese, analisa-se, de maneira interlinguística, a aquisição das mesmas categorias gramaticais em narrativas de crianças falantes de diversas línguas,

¹⁰ “The hypothesis has always run into trouble in attempts to determine the mental structures that underlie perception, reasoning, and habitual behavior – as measured *outside* of the contexts of verbal behavior.”.

usando exemplos do inglês, do espanhol, do alemão e do hebraico, mormente. Algumas das categorias estudadas são relativas ao aspecto verbal, tais como o *progressivo* e o *perfectivo/ não perfectivo*.

2.6.1 Introdução ao tema

Em um enunciado como “The boy *fell* from the tree and the dog *was running* away from the bees”¹¹, por exemplo, o falante do inglês diferencia o aspecto progressivo (*was running*), assim como o falante do espanhol e do português. Ou seja, tem-se um marcador gramatical que expressa a duração do evento *correr* (*run*), ausente em *cair* (*fall*) Em espanhol e em português, ainda, há os aspectos perfectivo e imperfectivo (*caiu/ caía*), não marcados no inglês. Há sistemas, entretanto, em que não se diferencia nem o progressivo nem o perfectivo, como no alemão ou no hebraico. Para Slobin (1996), Boas, provavelmente, concluiria que, nessas últimas duas línguas, está-se ciente da diferença temporal entre as ações *correr* e *cair*, mas não há necessidade de marcá-la linguisticamente.

Em inglês, diz-se “The owl *saw* that the boy *fell*” e “The owl *saw* that the dog *was running*”¹², marcando-se o progressivo (*was running*), mas não o perfectivo/imperfectivo (usa-se *saw* nos dois casos). No espanhol (e no português), *ver* pode ser tanto perfectivo quanto imperfectivo, assim, ocorrem “La lechuza *vió* que el niño se *cayó*” ou “La lechuza *veía* que el niño se *caía*”.¹³ Por outro lado, em turco, deve-se exprimir, para algumas ações (como *cair*), se o evento foi presenciado pelo falante (*passado testemunhado*) ou não (*passado não testemunhado* ou *inferido*). O autor põe em dúvida se esses casos podem ser analisados por meio do *conceito completo* proposto por Boas. Afinal, os falantes de outras línguas saberiam, de fato, que *ver* pode ser perfectivo ou imperfectivo e que *cair* pode ser um processo testemunhado ou não?

¹¹ “O menino *caiu* da árvore e o cachorro *estava fugindo* das abelhas.”

¹² Respectivamente, “A coruja *viu* que o menino *caiu*.” e “A coruja *viu* que o cachorro *estava correndo*.”

¹³ Respectivamente, “A coruja *viu* que o menino *caiu*.” e “A coruja *via* que o menino *caía*.”

Slobin (1996) argumenta que uma grande parte da gramática das línguas não se relaciona com imagens mentais ou com realidade objetiva. Muitas das marcas gramaticais que existem são apenas necessárias ao discurso. Desse modo, há *pontos de vista gramaticais*, como as vozes ativa e passiva. Usando uma frase de Boas (1938 *apud* JAKOBSON, 2010), o que determina que se descreva um acontecimento como *o homem matou o touro* ou *o touro foi morto pelo homem*? Unicamente o discurso, haja vista que o evento não solicita ao falante que o ponto de vista recaia sobre uma ou outra entidade. Em inglês, há uma gama de escolhas que se devem realizar “se a ação referida é *kill* [matar] e se *the man* [o homem] e *the bull* [o touro] funcionam como agente e paciente respectivamente [...]” (JAKOBSON, 2010, p.112): (i) construção ativa ou passiva; (ii) pretérito ou não pretérito; (iii) perfeito (*retrospectivo, permansivo, inclusivo*) ou não perfeito; (iv) progressivo ou não progressivo. Dá-se, assim, ênfase à intencionalidade do falante, pois, dentro de um único sistema, há várias possibilidades de formular-se uma sentença.

2.6.2 Objetivos

O objetivo da investigação de Slobin (1996) é demonstrar que, aos três ou quatro anos de idade, crianças em fase de aquisição da linguagem são influenciadas pelas categorias gramaticais obrigatórias de suas respectivas línguas ao narrar os eventos retratados no livro infantil *Frog, where are you?*. O autor visa apresentar uma nova versão da posição de Humboldt e de Whorf. Em vez de *linguagem e pensamento* (entidades estáticas), adotam-se *pensar e falar* (entidades dinâmicas). Defende-se haver uma forma de pensar bastante ligada à linguagem: aquela que se faz presente no momento em que se fala. O autor afirma acreditar ser esse o tipo de relação que Boas tinha em mente, em contraste a Whorf. No entanto, sugere que Boas, talvez, estivesse equivocado em pensar que os falantes de todas as línguas teriam um *conceito completo* comum. Mesmo assim, Boas teria acertado ao dizer que qualquer sentença é uma *esquematisação seletiva de um conceito*, uma esquematização dependente dos meios gramaticais da língua específica do falante, a fim de expressar-se verbalmente.

Na visão de Slobin (1996), existe uma forma especial de pensamento com vistas à comunicação: o processo *pensar para falar*. Assume-se que o tipo de atividade mental desenvolvido enquanto se formulam sentenças não é simples, nem óbvio. O conteúdo da mente seria especial quando o objetivo é comunicá-lo: a atividade de pensar, portanto, seria diferente ao ser requerida na atividade de falar. No mesmo instante em que se constroem enunciados no discurso, moldam-se os pensamentos em formas linguísticas disponíveis. *Pensar para falar* envolve selecionar características de objetos e eventos que (a) encaixam-se na caracterização do evento e (b) são prontamente manifestadas na língua. Ao adquirir uma língua nativa, em suma, a criança aprenderia modos particulares de pensar para falar (*ibidem*).

2.6.3 Metodologia e *corpus*

Usaram-se gravuras do livro *Frog, where are you?* para coletar dados de crianças em idade pré-escolar (de três a cinco anos) e escolar (nove anos) e de adultos. Analisaram-se as línguas inglesa, espanhola, alemã, e hebraica, a fim de ver se havia diferenças significativas nos relatos feitos. Constatou-se que até na idade pré-escolar há evidências de padrões específicos das línguas, padrões estes que têm implicações no desenvolvimento do *estilo retórico* de cada língua.

2.6.4 Estilo retórico

Por meio de exemplos, verifica-se que, embora inglês e espanhol sejam semelhantes no domínio semântico temporal, não o são no espacial. Falantes de língua inglesa expressam trajetórias de uma forma mais elaborada (como *fly out*) que falantes de língua espanhola, os quais preferem verbos simples para mudanças de lugar (como *salir*). Em contrapartida, os falantes do espanhol, por meio de construções relativas, atêm-se mais às descrições das cenas. Em termos de complexidade sintática, ainda que no inglês não se construam frases como no espanhol (em que há maior uso de orações relativas e mais inversões dos constituintes frasais), recorre-se mais à voz passiva. Busca-se, dessa forma, mostrar que os falantes das línguas têm padrões distintos quanto ao

modo de *pensar para falar*. Ou seja, diferem quanto à organização do fluxo de informação e à atenção aos detalhes que são manifestados linguisticamente.

2.6.5 Descrição temporal

Analisa-se, no inglês e no espanhol, os tempos verbais disponíveis para narrar eventos retratados em duas gravuras. No inglês, pode-se marcar a duração de um fato, como em “The dog is *running* through there, and the boy *fell off*”.¹⁴ Há, assim, formas de narrar fatos passados (*He fell off*) e progressivos (*He’s running*). De outro lado, no espanhol (e também no português), existem os pretéritos perfeito e imperfeito, que permitem marcar os dois polos da duração (durativo/ não durativo). No inglês, porém, apenas o polo durativo é expresso, através do progressivo.

O alemão e o hebraico, por seu turno, não possuem formas de expressar nem o aspecto progressivo, nem o imperfectivo. Slobin (1996) afirma que as categorias gramaticais dessas duas línguas, diferentemente das do inglês e das do espanhol, não requerem que o falante atente para esse contraste. Chega-se à evidência de que os falantes manifestam as formas que suas respectivas línguas disponibilizam, o que significaria não ser possível separar o pensar do falar. Embora haja a tendência natural de marcar ou não marcar determinados aspectos verbais, as línguas dispõem de meios para expressar aspectos ausentes, como finitude e duração (*ibidem*). Por outro lado, a ausência de aspectos verbais em certas línguas revela que não é mandatório usar todas as opções disponíveis na morfologia dos verbos. O fato mais surpreendente indicado nos dados é que os falantes raramente usam opções que diferem da norma da língua (tabela 1). Em suma, falantes de alemão e hebraico tentam realizar distinções aspectuais um quarto das vezes; já falantes de inglês e espanhol falham na distinção com a mesma frequência (1/4). Falantes de todas as idades, de qualquer língua, sabem, de algum modo não linguístico, que alguns acontecimentos constituem eventos pontuais e que outros constituem eventos simultâneos ou durativos. Mesmo assim, eles não

¹⁴ “O cachorro atravessou correndo por ali, e o menino *caiu*.”. Essa frase serve de base para a tabela 1.

parecem propensos a expressar mais conhecimento linguístico que aquele permitido pela língua. Crianças de apenas três anos, por exemplo, já mostram a *atenção seletiva* de suas respectivas línguas maternas (*ibidem*).

Tabela 1 – Porcentagem de uso do mesmo tempo e aspecto para expressar *cair* e *correr* (SLOBIN, 1996)

	PRÉ-ESCOLARES (3:00 a 5:00)	ESCOLARES (9:00)	ADULTOS	MÉDIA
HEBRAICO	71%	100%	63%	78%
ALEMÃO	54%	80%	78%	71%
INGLÊS	26%	22%	33%	27%
ESPAANHOL	23%	18%	0%	21%

Em relação ao aspecto verbal, as quatro línguas analisadas distinguem-se em número e tipos de distinções marcadas. No hebraico, não se tem os aspectos perfectivo, progressivo ou perfeito; no alemão, tem-se apenas o perfeito; no inglês, tem-se o progressivo e o perfeito; no espanhol, tem-se o perfectivo/ imperfectivo, o progressivo e o perfeito. Tais dados sugerem que, em línguas com ausência de certas nuances das categorias gramaticais, não haveria *compensação*: as categorias seriam, geralmente, ignoradas no *pensar para falar*.

2.6.6 Descrição espacial

No que diz respeito à descrição de espaço, apontam-se diferenças entre o inglês e o espanhol¹⁵, duas línguas que diferem bastante quanto a padrões de lexicalização de verbos de movimento. Talmy (1985) diz que o verbo, em inglês, codifica a mudança de *lugar* (*location*) de um *modo* (*manner*) particular (*throw, carry, run* etc.). A *direção* é expressa por preposições e *particles* (*in, up, off, over* etc.). Esse mecanismo permite expressar trajetórias complexas, como

¹⁵ Os padrões do espanhol quanto ao domínio espacial assemelham-se bastante aos do português.

(09) The bird flew *down from out of* the hole of the tree.¹⁶

O verbo exprime o movimento de um modo particular (*fly*) e os outros elementos especificam a trajetória (*down from out of*).

No espanhol, os verbos de movimento expressam ou direção (*entrar, salir, subir, bajar*) ou modo (*volar, correr*). No entanto, não há como elaborar expressões compostas que contenham direção e modo de maneira sintética, como permite o inglês. O mais próximo de (09) seria

(10) El pájaro *salió* del agujero del árbol *volando* hacia abajo.¹⁷

As preposições do espanhol, ao contrário das do inglês, dão pouca noção de espaço. As trajetórias, em geral, são inferidas, mesmo quando se necessita uma oração que especifique o movimento. Outro exemplo em inglês é a sentença

(11) The boy put the frog down into a jar.¹⁸

Em espanhol, por sua vez, ter-se-ia:

(12) El niño metió la rana en el frasco que había abajo.¹⁹

Para Slobin (1996), a oração relativa *que había abajo* determina a direção da *inserção (meter)*. Assim, no espanhol, a trajetória *down into* infere-se por meio da combinação verbo + descrição estática da localização do alvo. No inglês, diferentemente, por meio de *down into*, infere-se a localização estática do alvo. Essa é uma diferença sistemática entre as duas línguas. O inglês tende a

¹⁶ Uma tradução mais literal seria “O pássaro voou do buraco da árvore até embaixo.”.

¹⁷ “O pássaro *saiu* do buraco da árvore *voando* até embaixo.”.

¹⁸ “O menino colocou a rã dentro de um pote.”.

¹⁹ “O menino enfiou a rã no pote que havia embaixo.”.

expressar trajetórias e a inferir lugares; o espanhol, a expressar lugares e direções e a inferir trajetórias.

No que concerne a descrições espaciais, o alemão assemelha-se ao inglês; enquanto que o hebreu, ao espanhol. Compõem-se, assim dois grupos diferentes daqueles formados na tabela 1, como mostram as tabelas 2 e 3:

Tabela 2 – Porcentagens de descrições de trajetória descendente com verbo único

	3 ANOS	5 ANOS	9 ANOS
INGLÊS	4%	27%	13%
ALEMÃO	15%	2%	0%
ESPAÑHOL	68%	37%	54%
HEBRAICO	68%	72%	45%

Tabela 3 – Porcentagem de narradores que deram uma descrição elaborada de lugar ao expressar um cenário em que um personagem cai de um precipício

	3 ANOS	9 ANOS
INGLÊS	8%	8%
ALEMÃO	0%	17%
ESPAÑHOL	8%	42%
HEBRAICO	0%	42%

Nas tabelas 2 e 3, crianças falantes de inglês e de alemão integram um grupo diferente daquele composto por crianças falantes de espanhol e de hebraico. O comportamento do primeiro corrobora a hipótese de que as línguas inglesa e alemã preferem o uso de verbos de modo junto com partículas direcionais para expressar movimentos. Por isso, há uma baixa porcentagem de utilização de verbos únicos (como *descer* ou *subir*), como se vê na tabela 2. Ademais, descrições de cenários são menos frequentes, uma vez que as direções não são inferidas, mas explícitas. Assim, comprova-se uma baixa porcentagem também nesse parâmetro, como se exhibe na tabela 3. O

comportamento do segundo grupo, de outro lado, corrobora a hipótese de que as línguas espanhola e hebraica preferem o uso de verbos de direção junto com descrições elaboradas de cenários para expressar movimentos. É devido a isso que há altas porcentagens de utilização de verbos únicos, conforme a tabela 2, e de descrição de cenários elaborados (consolidada aos 9:00), conforme a tabela 3.

Slobin (1996) afirma que o contraste entre esses dois tipos de língua parece ter consequências importantes para o *pensar para falar*.²⁰ O fato de não existir um dispositivo gramatical específico (um sistema de expressões de lugar relacionado a verbos) poderia ter grandes consequências para a organização narrativa. Crianças falantes de espanhol e de hebraico, por exemplo, desenvolvem métodos de descrição de cenas por meio dos quais se permite inferir mudanças de lugar pouco especificadas em relatos. Um dispositivo gramatical que cumpriria essa função seriam as orações relativas: muito mais usadas no espanhol e no hebraico que no inglês e no alemão. Isso já se evidencia aos três anos, o que indicaria um desenvolvimento precoce de um estilo narrativo em que descrições e predicções são importantes.

2.6.7 Aprendendo a pensar para falar

Slobin (1996) menciona a importância de continuar desenvolvendo esse tipo de pesquisa, não somente por meio do estudo das línguas que compõem o seu *corpus*, mas também por meio do acréscimo de outras línguas e de outros gêneros textuais. Ainda, afirma que se deve ser cauteloso ao fazer generalizações, porque as amostras não abrangem um vasto número de dados e porque o livro que se usou na coleta foi apenas um: *Frog, where are you?*.

O autor conclui, no entanto, que os eventos do livro de gravuras são interpretados de forma diferente pelos falantes das diversas línguas, no processo em que se expressa verbalmente uma história a partir deles.

²⁰ Em trabalho posterior, Slobin (2003) vale-se de uma classificação baseada nas investigações de Leonard Talmy. Nela, inglês e alemão integram as chamadas línguas-satélite (*satellite-framed languages*); e espanhol e hebraico, as línguas-verbais (*verb-framed languages*).

Prossegue, apontando que não há nada nas gravuras que leve falantes do inglês a expressar o aspecto progressivo de uma ação; falantes do espanhol a notar que a ação está concluída; falantes do alemão a formular descrições elaboradas de trajetória; falantes do hebraico a ser indiferentes à duração e à definitude. Sugere, em suma, que, ao adquirir cada uma dessas línguas, crianças são induzidas, pela gama de distinções gramaticais disponíveis, a prestar atenção em certas características narrativas enquanto falam.

Levanta-se a hipótese de que a forma como se aprende uma língua na infância limita a sensibilidade dos falantes aos *conteúdos de experiência possíveis por meio de termos linguísticos* (SAPIR, 1924 *apud* SLOBIN, 1996). Para sustentar tal visão, recorre-se a exemplos dos elementos estudados na pesquisa: aspecto verbal (domínio temporal) e trajetória no espaço (domínio espacial). Essas diferenças são as que tornam tão difícil a gramática de uma L2, embora não haja nada fácil ou difícil, em termos científicos, nas distinções feitas por cada língua. Em síntese, cada língua materna direciona seus falantes a prestar diferentes tipos de atenção em eventos ou em experiências ao falar. Esse condicionamento aconteceria na infância e seria incrivelmente resistente a reestruturar-se ao adquirir uma L2 na fase adulta.

No que se refere às categorias gramaticais que são suscetíveis à influência da L1, Slobin (1996) afirma que elas têm algo importante em comum: não podem ser percebidas diretamente por nosso contato perceptual, prático e sensório-motor de mundo. Segundo o autor, somente as línguas requerem categorizar eventos como inacabados ou acabados ou objetos como em repouso ou em movimento. Outras categorias pareceriam ser menos dependentes de mera categorização verbal, como a marcação de plural ou a marcação de instrumento. Isso aconteceria porque essas categorias são óbvias aos nossos sentidos sensoriais. Assim, seria mais perceptível a diferença entre *carro* e *carros* (uma distinção de número) que aquela entre *o carro* e *um carro* (uma distinção de definitude). Distinções de aspecto, definitude, voz e afins são, por excelência, apenas aprendidas através da língua, ou seja, seu uso limita-se ao próprio sistema linguístico. Elas não são categorias do pensamento em geral, mas categorias do pensar para falar. As línguas que se aprendem na

infância, resumindo, não seriam sistemas neutros de projeção de uma realidade objetiva, mas sim guias subjetivos do mundo vivido pelos humanos que afetariam o modo como se pensa enquanto se fala (SLOBIN, 1996).

2.7 Categorização

Conceber a linguagem humana como integrada a outras habilidades cognitivas da espécie implica analisá-la a partir de interfaces, e não isoladamente. Por isso, as relações linguagem/ memória, linguagem/ percepção e linguagem/ categorização são de especial interesse em pesquisas em Linguística Cognitiva. Nesta seção, enfatiza-se a última, posto que é a mais explorada no presente trabalho. A pertinência de estudar tal assunto pode ser assim resumida:

Se examinamos de forma adequada a maneira em que se produzem os fenômenos de categorização, pode-se ver que muitos dos fenômenos linguísticos mais difíceis de apreender devido à sua variabilidade adquirem, de repente, muito mais sentido. (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012, p.16).²¹

Para abordar os estudos sobre categorização, toma-se como base uma obra considerada clássica nas ciências cognitivas: *Women, fire and dangerous things*, de George Lakoff, ainda sem tradução para o PB. Nela, sintetizam-se os modos de entender o processo da categorização ao longo do pensamento ocidental, desde Aristóteles. Um dos objetivos do autor é alertar sobre o tipo de pressupostos que a chamada *teoria clássica de categorização* carrega consigo, em oposição às premissas de novos modelos. Por motivos de espaço, sumarizam-se, em seguida, os primeiros capítulos da obra, nos quais se obtêm contribuições relevantes à ciência linguística, como a exposição das bases do realismo experiencialista.

2.7.1 *Women, fire and dangerous things*

²¹ “Si examinamos de manera adecuada la manera en que se producen los fenómenos de categorización, se puede ver que muchos de los fenómenos lingüísticos más difíciles de aprehender por su variabilidad cobran de repente mucho más sentido.”.

A área das ciências cognitivas tem uma origem recente e, visto que trata da mente humana, relaciona-se com várias outras disciplinas acadêmicas: a Psicologia, a Linguística, a Antropologia, a Filosofia e a Ciência da Computação. Nesse campo, buscam-se possíveis respostas para as seguintes perguntas: o que é raciocínio? Como atribuímos sentido à nossa experiência? O que é um sistema conceitual e como ele é organizado? Todas as pessoas usam o mesmo sistema conceitual? Se sim, o que é esse sistema? Se não, o que há em comum exatamente no modo como todos os seres humanos pensam? Lakoff (1987), já desde o início de sua obra, expõe duas vertentes discrepantes que tratam desses assuntos, uma considerada tradicional e outra recente. À tradicional chama-se *objetivista*; à nova, *realista-experencialista*.

Um dos tópicos centrais para ambas é a categorização. Como ela se concebe, afinal? No objetivismo, as categorias caracterizam-se somente pelas propriedades compartilhadas entre seus membros, ou seja, (a) independentes da natureza corpórea dos seres que categorizam e (b) isentas de mecanismos imaginativos, como as metáforas e as metonímias. No realismo-experencialista, a experiência corpórea concreta e o modo como se usam os mecanismos imaginativos são centrais para explicar a maneira pela qual se constroem as categorias e pela qual se atribui sentido à experiência. As ciências cognitivas, para Lakoff (1987), têm passado por uma transição, apoiada em novos dados sobre categorização, que corroboram a vertente experencialista. Ressaltam-se, nesse sentido, as implicações do surgimento da *teoria de protótipos e de categorias de nível básico*, proposta por Eleanor Rosch.

Lakoff (1987) atenta para alguns postulados da visão tradicional sobre raciocínio e conhecimento. Apesar de pesquisas recentes questionarem-nos fortemente e trazerem evidências contrárias a eles, há dois motivos principais para que o objetivismo ainda se sustente. O primeiro respeita às origens: o *peso acumulado* de dois mil anos de filosofia e de uma visão tradicional não desaparece em pouco tempo, uma vez que, no ocidente, educa-se a pensar nesses termos. A segunda razão respeita às alternativas: é recente o surgimento de uma concepção em que se preserva o que é pertinente no

objetivismo e em que se realizam mudanças com base em dados de novas pesquisas.

2.7.1.1 Por que a categorização importa?

Sabe-se que existe uma noção do senso comum sobre o que significa elementos pertencerem à mesma categoria. A ideia geral é a de que coisas são categorizadas juntas com base naquilo que elas têm em comum. Contudo, esse é apenas um dos muitos mecanismos que envolvem a categorização. Na língua australiana aborígene dyirbal, por exemplo, há uma categoria (*balan*) que engloba os conceitos de *mulher*, *fogo*, *coisas perigosas*, *aves não perigosas* e *animais excepcionais*. Esses elementos estariam em uma única classe não pelas propriedades que compartilham entre si, mas por outros critérios mais complexos, os quais envolvem uma série de capacidades humanas (LAKOFF, 1987).

A categorização é central para o processamento das informações a que os seres humanos são constantemente expostos. A todo instante em que se vê algo ou em que se raciocina sobre algo, categoriza-se. No que tange à linguagem, ao produzir ou ao ouvir qualquer sentença de extensão significativa, recorre-se a dezenas ou centenas de categorias: categorias de sons da fala, de palavras, de frases e orações, de conceitos. Sem tal habilidade, o ser humano não poderia funcionar, no mundo físico ou na vida social e intelectual. Entender como se categoriza, pois, é central para compreender como o ser humano pensa e funciona (*ibidem*).

Para Lakoff (1987), o processo de categorização, por ser automático e inconsciente, só é notado pelos falantes em casos problemáticos. Em vários casos, as categorias correspondem às coisas do mundo, o que faz com que elas sejam concebidas como *naturais*. Porém, há numerosos outros exemplos de categorias de natureza heterogênea, como eventos, ações, emoções, relações espaciais, vínculos sociais, ou de abstrações, como governos ou enfermidades.

Durante um longo período, acreditou-se que as categorias fossem contêineres abstratos, nos quais as coisas se inseriam ou não com base nas propriedades compartilhadas entre elas. Essa teoria clássica, no entanto, perpetuou-se sem embasamento nenhum, uma vez que não se elaborou a partir de nenhum estudo empírico, nem foi um tópico de discussão científica. Segundo Lakoff (1987), ela estabeleceu-se a partir de meras especulações e passou a tomar-se como verdadeira na maioria das disciplinas escolares. Até pouco tempo (primeira metade do século XX), sequer se admitia que a teoria clássica de categorias fosse uma *teoria* de fato. O seu status era, desse modo, o de verdade inquestionável e absoluta. Não obstante, em pouco tempo, o panorama sofreu mudanças devido aos avanços das diversas disciplinas cognitivas, como a linguística e a psicologia. As contribuições de Eleanor Rosch, por exemplo, foram significativas. Em seus trabalhos, a autora enfocou duas implicações da teoria clássica: (i) se as categorias definem-se somente pelas propriedades compartilhadas entre todos seus membros, nenhum membro, então, deve ser melhor exemplar de categoria que outro; (ii) se as categorias definem-se somente pelas propriedades inerentes aos membros, elas devem ser independentes dos seres que categorizam; ou seja, elas não devem envolver questões neurofisiológicas humanas. Com base em numerosos dados de investigações, Rosch (1973; 1975; 1978), Rosch e Mervis (1975), Rosch et al. (1976) e outros teóricos propuseram que as categorias têm melhores exemplares (chamados de *protótipos*) e que várias capacidades humanas – como a percepção, a aprendizagem, a memorização ou a comunicação – influenciam a categorização.

A proposta de Rosch vai de encontro à metáfora contemporânea da mente como computador. Nela, a mente manipularia símbolos abstratos da mesma forma que um computador o faz. De modo implícito, essa concepção de raciocínio carregaria consigo a teoria clássica de categorização. Isso ocorreria por vários motivos. No objetivismo, por exemplo, se os símbolos em geral só adquirem significado por meio da sua correspondência com coisas, os símbolos categoriais adquiririam significado somente por meio de sua correspondência com categorias do mundo. Assim, as categorias seriam vistas como existentes no mundo e como independentes dos seres humanos. A

abordagem da teoria do protótipo a que Lakoff (1987) adere postula, ao contrário, que a categorização humana é uma questão de experiência e imaginação humanas: de percepção, de atividade motora e de cultura, por um lado; de metáfora, de metonímia e de imagética mental, por outro. Ao seguir essa perspectiva, as hipóteses da teoria clássica que se abandonam são as seguintes (LAKOFF, 1987, p.09):

- (i) O significado é baseado na verdade e na referência; ele envolve a relação entre símbolos e coisas no mundo.
- (ii) A mente é separada e independente do corpo.
- (iii) A emoção não tem conteúdo conceitual.
- (iv) Existe uma visão correta, de Deus, sobre o mundo: uma única forma adequada de entender o que é verdadeiro e o que não é.
- (v) Todas as pessoas usam o mesmo sistema conceitual.

As ideias contra as quais se argumenta são relacionadas à própria definição comum de ciência (*ibidem*). Há uma visão que limita a ciência ao modelo matemático da lógica de primeira ordem; nesse raciocínio, as explicações empíricas deveriam dar-se sempre por meio de deduções baseadas em hipóteses. Essa metodologia não somente reivindicaria ser bastante rigorosa, mas também defenderia não haver nenhuma outra abordagem suficientemente precisa para ser chamada de científica. Apesar de prevalecer em certas comunidades de linguistas e psicólogos, esse método assume *a priori* a teoria clássica de categorização, o que impede um questionamento empírico sobre o tema.

A meta central das ciências cognitivas é descobrir o que caracteriza o raciocínio e, por conseguinte, o que caracteriza as categorias. Em virtude disso, é importante que não se tome como verdadeira a visão de ciência baseada na lógica, uma vez que pressupõe respostas para questões passíveis

de investigação (*ibidem*). Nota-se, por fim, que o modelo de categorização associado a Rosch, o qual se apoia em resultados de pesquisas empíricas, não surgiu de uma só vez. Até chegar-se à noção moderna de categorização que circula nas ciências cognitivas, houve uma série de estágios intermediários de desenvolvimento: da filosofia de Wittgenstein à investigação psicológica de Rosch.

2.7.1.2 Wittgenstein, Austin, Berlin e Kay: ideias iniciais sobre protótipos

A primeira maior ruptura em relação à teoria clássica de categorização surgiu a partir dos estudos de Wittgenstein. A categoria clássica tem *fronteiras precisas*, definidas por *propriedades comuns*. Porém, o autor discute o exemplo de *jogo*, uma categoria que não se encaixa no molde clássico, visto que não existem propriedades comuns compartilhadas por todos os jogos. Alguns envolvem apenas a diversão, como o sobe-e-desce. Nesse caso, não há competição (nem vencedor, nem perdedor), mas, em outros, sim. Alguns jogos envolvem a sorte, como os de tabuleiro, em que o lançamento do dado determina cada movimento. Outros, como o xadrez, envolvem habilidade. Há ainda aqueles que envolvem sorte e habilidade, como o pôquer.

Embora não haja um conjunto de propriedades compartilhadas pelos jogos, a categoria é unida por aquilo que Wittgenstein chama de *semelhanças de família*. Membros de uma família são parecidos entre si de várias formas: eles podem compartilhar a mesma estrutura ou as mesmas características faciais, a mesma cor de cabelo ou de olhos, o mesmo temperamento etc. Entretanto, não existe um conjunto de traços que deva obrigatoriamente ser partilhado por todos os membros de uma família. Os jogos, nesse sentido, são como famílias. Xadrez e damas envolvem competição, habilidade e uso de estratégias de longo prazo. Xadrez e pôquer envolvem competição. Pôquer e truco são jogos de carta. Em suma, jogos, assim como membros de família, são similares entre si de formas bastante diversas. São essas semelhanças, e não um único conjunto bem definido de propriedades comuns, as que fazem de *jogo* uma categoria.

Outras características dos jogos contrariam não apenas a ideia de que há traços comuns entre os membros, mas também a de que as categorias são contêineres localizados fora da linguagem, dados no mundo. Se esta hipótese for aceita, como explicar que seja possível acrescentarem-se elementos às categorias? Ao pensar-se em jogos, por exemplo, a criação de novos membros categoriais (tipos de jogos) é sempre permitida. A partir dos anos de 1970, a criação de um novo conceito de jogo revolucionou a compreensão dessa categoria: os videogames. Surgiram lugares onde era possível jogar *arcades* (grandes máquinas de videogame) com amigos, comprando fichas. Posteriormente, lançaram-se os videogames domésticos, para ser jogados na frente da televisão, como são os hoje populares Playstation e X-Box, das companhias de eletrônicos Sony e Microsoft, respectivamente. Antes disso, nos anos de 1950, Wittgenstein já afirmara que categorias em geral seriam extensíveis, e não fechadas. Ademais, o autor também atentara para a peculiaridade de que o status dos membros de uma categoria não é nunca o mesmo no momento de defini-la. Por isso, se alguém pedir a uma babá que ensine um jogo qualquer a uma criança, roleta russa não seria o mais indicado.

Austin (1961 *apud* LAKOFF, 1987), por outro lado, apresentou algumas primeiras reflexões a respeito daquilo que se tornaria a noção de *protótipo*. Ao investigar os sentidos distintos que uma mesma palavra pode adquirir, o autor propõe que existiria um *sentido nuclear*, ou seja, um sentido mais comum em relação a outros. Entre *corpo saudável*, *fisionomia saudável* e *exercício saudável*, o adjetivo seria nuclear no primeiro caso, uma vez que o significado de *corpo saudável* estaria contido nas outras duas expressões via metonímia ou metáfora. Assim, *fisionomia saudável* (produto de um corpo saudável) e *exercício saudável* (meio para um corpo saudável) associar-se-iam a *corpo saudável*. Austin aponta, ainda, que existe o fenômeno de *encadeamento* de significados de uma categoria. Isso significa que um sentido nuclear é capaz de originar outros, parecidos não necessariamente em todos os aspectos com a *matriz*. Um exemplo disso, no PB, seria *democrático* em um enunciado como *Aquela loja de roupas é bem democrática, pois abrange todos os estilos*. O significado da palavra que interessa nesse caso é bastante restrito (o “de/para

todos”), pois não há nenhum *governo* envolvido na sentença, que seria um aspecto-chave do sentido dito nuclear.

Outra contribuição de Austin foi esboçar um modelo de *frame* bastante parecido com o que Fillmore (1982 *apud* LAKOFF, 1987) desenvolveria anos depois. Como exemplo, o autor discute as combinações *taco de cricket*, *bola de cricket* e *juiz de cricket*. Nesses três termos, *cricket* não significaria “usado no *cricket*”, haja vista que se deve entender o papel de cada elemento dentro do jogo para explicá-los. Assim, não existiria nenhuma propriedade comum compartilhada entre tacos, bolas e árbitro. Os nomes modificados por *cricket* integrariam uma categoria, a qual não se pode descrever pelos traços inerentes entre seus membros. O que, de fato, ocorreria seria lançar-se mão de um *modelo cognitivo* relativo ao jogo em si na compreensão dessas expressões. Em suma, Austin, assim como Wittgenstein, dedicou-se, primariamente, a sinalizar as inadequações das visões filosóficas tradicionais sobre a linguagem e sobre a mente, as quais ainda se defendem nas ciências cognitivas. Um dos benefícios que ele propiciou à teoria do protótipo foi notar, nas palavras, o tipo de estrutura que Wittgenstein notou nas categorias conceituais: uma corroboração de que a linguagem é, afinal, um aspecto da cognição.

Ainda referenciando textos importantes para o desenvolvimento de pesquisas desligadas do modelo tradicional de categorização, Berlin e Kay (1969 *apud* LAKOFF, 1987) são autores de um estudo clássico para a Linguística Cognitiva. Nele, o foco foi investigar as categorias de cores existentes em uma série de línguas. Esses autores opuseram-se à então concepção consagrada de que as diversas línguas dividiriam o espectro cromático de modo arbitrário. A primeira regularidade que encontraram foi nos chamados *termos básicos para cores*. Para que uma cor seja básica, é preciso que: (i) tenha apenas um morfema, como em *verde*, e não mais de um, como em *verde-escuro* ou *cor-de-grama*; (ii) não pertença a outra cor, como *escarlata*, um tipo de vermelho; (iii) não se restrinja a um número escasso de objetos (*loiro*, por exemplo, limita-se a cabelo e talvez outras poucas coisas); (iv) seja comumente conhecida, como *amarelo* em relação a *açafrão*. Berlin e Kay descobriram regularidades graças à descoberta das *cores focais*. Embora

as línguas diverjam entre si nos termos para cores, elas convergem acerca dos melhores exemplares. Por exemplo, em línguas que têm um termo básico para designar cores na escala do azul, o melhor exemplar é o mesmo azul focal para todos os falantes, independentemente da língua. Tais achados proporcionaram a abertura para que emergisse, posteriormente, o conceito de prototipicidade. A questão que seria lançada no futuro é se esses efeitos relacionados aos melhores e piores exemplares categoriais limitar-se-iam a categorias com evidente base fisiológica, como a de cores, ou estender-se-iam a outras.

2.7.1.3 Brown e Berlin: ideias iniciais sobre o nível básico

Brown (1958; 1965 *apud* LAKOFF, 1987) atentou para o fato de que algumas palavras, na linguagem, poder-se-iam considerar como *palavras reais* para designar objetos. Para referir-se a uma moeda, por exemplo, soaria mais comum o termo *moeda* que *objeto metálico*, *dinheiro* (mais gerais) ou *50 centavos emitidos pela Casa da Moeda em 2002* (mais específico). É também o caso de cadeira, palavra mais específica que *peça de mobília*, mas mais geral que *cadeira de escritório*. Segundo o autor, esses nomes que parecem ser mais *verdadeiros* tendem a ser curtos e mais frequentemente empregados pelos falantes. Ademais, eles também se relacionam com ações não linguísticas. Por exemplo, há maneiras de interagir com cadeiras, com mesas e com sofás, mas há alguma forma de tratar peças de mobília? Enquanto é possível sentar em cadeiras, apoiar objetos em mesas e sentar-se confortavelmente em sofás, não existe um tipo de ação específica para a categoria mais geral que engloba esses elementos. No caso de categorias mais específicas, como *cadeira de escritório*, a maneira de interagir (sentar-se) é comum também a objetos de mesmo nível, como *cadeira de praia*, *cadeira de balanço* ou *cadeira de barbeiro*. Por esse motivo, os modos de interação com objetos dizem respeito a um chamado *nível intermediário*, sendo distintivos por poder funcionar como símbolos categoriais.

Brown (*op. cit.*), assim, volta-se aos aspectos extralinguísticos que se relacionam com a categorização. Para o autor, quando algo é categorizado, é

automaticamente visto como equivalente a outras coisas. A equivalência, nesse sentido, refere-se a como os indivíduos comportam-se com os elementos de uma mesma classe. Flores, por exemplo, são equivalentes entre si, na medida em que se podem cheirar e recolher. A esse nível intermediário (o de *flor*, em oposição a *ser vivo* ou *orquídea*) Brown chama de *nível da ação distintiva*. Na aquisição da linguagem infantil, segundo o autor, a categorização começa nesse nível. Posteriormente, adquirem-se as categorias superordenadas (o nível de *planta* e *ser vivo*) e, por último, as subordinadas (o nível de *orquídea*), através dos *construtos da imaginação*.²² Em suma, o primeiro nível caracteriza-se pelas seguintes propriedades: (i) é o nível das ações distintivas; (ii) é o nível que se aprende primeiro e em que as coisas são primeiramente nomeadas; (iii) é o nível no qual os nomes são mais *curtos* e mais frequentemente usados; e (iv) é um nível natural de categorização, diferente dos níveis que são construtos da imaginação.

Os estudos de Berlin (1968; 1976 *apud* LAKOFF, 1987), por outro lado, podem ser tratados como uma resposta à visão filosófica clássica de que *as categorias da mente representam as categorias do mundo*. Da perspectiva linguística, seria uma resposta à *doutrina dos termos de tipo natural*. Essa doutrina afirma que o mundo consiste, amplamente, de tipos naturais de coisas e que as línguas naturais contêm nomes (chamados *termos de tipo natural*) que os representam. Exemplos comuns de tipos naturais seriam *vacas, cachorros, tigres, ouro, prata, água* etc. A fim de testar empiricamente a hipótese da existência de tipos naturais, Berlin, Breedlove e Raven (1974, *ibidem*) investigaram os termos utilizados para plantas e para animais com falantes da língua indígena tzeltal, inseridos em sua comunidade, na região de Chiapas, no México. Os resultados revelaram que as categorias do nível de gênero (um nível intermediário) foram as preferidas para referir-se tanto a plantas quanto a animais (*carvalho, bordo, coelho, guaxinim* etc.), mesmo quando os falantes conheciam as respectivas formas mais específicas, referentes à espécie (LAKOFF, 1987).

²² No original, *achievements of the imagination*.

Estudos posteriores, como os de Rosch (1975; 1978), demonstraram que os resultados não foram acidentais e que o nível intermediário, de fato, é psicologicamente básico, uma vez que, nesse nível: (i) as pessoas nomeiam as coisas mais prontamente; (ii) as línguas têm nomes mais simples para os elementos; (iii) as categorias têm maior significância cultural; (iv) os elementos são lembrados mais rapidamente; e (v) as coisas são percebidas de modo holístico, como um *gestalt* único. Além de motivações psicológicas, a preferência por uma taxonomia apoiada em um nível intermediário teria um porquê biológico. Nos casos de plantas e animais, ele diria respeito ao fato de que duas espécies muito próximas (o suficiente para que seja difícil para um humano apontar a diferença entre elas) podem ter um formato quase idêntico. O nível das espécies, nesse sentido, é bastante informativo, e nele os membros podem compartilhar muitos atributos. Isso faz com que o nível intermediário de gênero seja o preferido, por não ser nem pouco específico nem específico a ponto de que membros sejam muito parecidos entre si. Outra observação sobre o uso desse nível é que, em áreas geográficas restritas, como aquela na qual os falantes de tzeltal se circunscrevem, a designação pelo gênero tem uma base ambiental. Nas palavras de Lakoff (1987, p.36),

ao longo da evolução, as espécies que sobrevivem em uma região geográfica particular são aquelas que se adaptam com maior sucesso ao meio ambiente local. Assim, para cada gênero, é comum que exista apenas uma espécie representando o gênero localmente.

O nível intermediário de categorização, desse modo, depende de aspectos experienciais da psicologia humana: percepção holística, imagética mental, atividades motoras, funcionamento social e memória. Assumindo que os aspectos psicológicos e fisiológicos dos seres humanos no mundo variam muito pouco, qualquer variação decorreria, provavelmente, da cultura e do contexto. Mas de que tipo seria essa variação e o quanto ela se manifestaria? Berlin (comunicação pessoal *apud* LAKOFF, 1987) sugere que há dois níveis presentes na categorização de nível básico: um referente aos fatores psicológicos e fisiológicos e outro referente aos fatores culturais e aprendidos. Para esse autor, uma cultura pode pouco utilizar certas capacidades humanas que servem à categorização de nível intermediário, como a percepção holística. Em culturas urbanas, por exemplo, pode-se tratar *árvore* (a princípio, uma

categoria mais geral) como uma categoria intermédia. Por outro lado, também pode haver subgrupos de especialistas, em uma cultura, que, por meio de treinamento, disponham de uma capacidade perceptiva mais acurada para alguns domínios (por exemplo, para raças de cachorro ou tipos de carro). Berlin (*op. cit.*), pois, propõe dois tipos de variação ou de *não universalidade*: (i) uma decorrente da pouca utilização de capacidades humanas gerais, que possibilita tratar como intermédias categorias mais gerais (p. ex.: *árvore*); e (ii) outra atribuída ao treinamento especial, limitado a subgrupos de especialistas, que permite tratar categorias mais específicas (p. ex.: *golden retriever, porsche*) como intermédias.

2.7.2 Rosch

As investigações de Rosch (1975; 1978) podem ser divididas em dois tipos: as que apresentam resultados concernentes a efeitos prototípicos (uma extensão do estudo sobre as categorias de cores de Berlin e Kay) e as que trazem contribuições sobre os efeitos do nível básico (uma generalização das observações de Brown e dos resultados de Berlin). Além disso, na literatura, estudiosos como Kleiber (1990) e Lakoff (1987) dividem os trabalhos da autora em três fases, referentes às distintas visões sobre a estrutura cognitiva das categorias.

2.7.2.1 Efeitos prototípicos

Nas pesquisas relativas aos efeitos prototípicos, enfoca-se o status dos membros de diferentes categorias. Em um dos primeiros estudos, abarcam-se os termos usados para cores na língua dani, da Nova Guiné. Constatou-se que, nela, existem apenas duas categorias linguísticas para cores: uma que abrange as cores quentes; e outra, as cores frias. Após uma série de experimentos, a pesquisadora concluiu que as categorias de cores primárias eram reais aos falantes, apesar de não ter correspondentes linguísticos. Refutou, assim, a hipótese whorfiana de que a língua determina o sistema conceitual. Se Whorf estivesse certo, as duas palavras para cores em dani determinariam apenas duas categorias conceituais de cores (LAKOFF, 1987). Para Rosch (1973), as

cores focais corresponderiam a *pontos de referência cognitivos e protótipos* – subcategorias ou membros categoriais que têm um status cognitivo especial. A partir dessa primeira noção sobre prototipicidade, o interesse estendeu-se a objetos físicos, como cadeiras. Testes com informantes mostraram que alguns membros categoriais seriam mais representativos da categoria que outros. Por exemplo, falantes julgaram que cadeiras de escritório representam melhor a categoria *cadeira* que cadeiras de balanço, cadeiras de barbeiro ou cadeiras elétricas. Em um dos estudos mais detalhados sobre o assunto (ROSCH, 1975), mensurou-se a prototipicidade de diversos exemplares dentro das categorias *mobília, fruta, veículo, arma, verdura, ferramenta, ave, esporte, brinquedo e roupa*. Os paradigmas experimentais investigados foram *pontuação direta, tempo de reação, produção de exemplos, assimetria em pontuações de similaridade, assimetria na generalização, semelhanças de família*.

Tanto Kleiber (1990) quanto Lakoff (1987) apontam, não obstante, que muitos pesquisadores interpretaram equivocadamente os estudos de Rosch. Isso ocorreu porque, embora tenha sinalizado uma série de inadequações da teoria clássica de categorização, a autora não forneceu nenhuma teoria alternativa específica sobre como as representações mentais ocorrem. Os efeitos prototípicos, nesse sentido, não refletem diretamente a maneira como as categorias concebem-se na cognição. A autora explicita tal perspectiva nos trabalhos da chamada terceira fase, porém há estudiosos que recorrem apenas aos textos das primeiras duas fases. As três etapas podem ser assim resumidas:

(i) 1ª fase (do fim dos anos de 1960 ao início dos anos de 1970): Os estudos centravam-se nas categorias de cores e de formatos e na representação cognitiva das emoções. Os protótipos seriam uma questão de (a) saliência perceptual, (b) memorização, (c) generalização via estímulo.

(ii) 2ª fase (do início à metade dos anos de 1970): Sob influência da psicologia de processamento de informações, Rosch considerou a

possibilidade de que os efeitos prototípicos retratassem a estruturação interna das categorias. Portanto, as pontuações dos *testes de melhores exemplares* poderiam refletir essa estrutura na representação mental. Entretanto, dois questionamentos pertinentes surgiram: os efeitos prototípicos caracterizariam a estrutura da categoria do modo como ela é representada na cognição? Os protótipos constituem representações mentais de fato?

(iii) 3ª fase (fim dos anos de 1970): Rosch desistiu das interpretações sobre a estrutura interna categorial baseadas em resultados experimentais. Para a autora, os efeitos prototípicos não representariam diretamente como as categorias estruturam-se e os protótipos não constituiriam representações categoriais.

Em consonância com o raciocínio da terceira fase, Lakoff (1987) defende que os efeitos prototípicos são resultantes da natureza dos modelos cognitivos. Alguns trabalhos que corroboram essa hipótese são os de Barsalou (1983; 1984), autor que investigou as categorias *ad hoc* – as quais não são convencionalmente fixadas, mas sim inventadas a partir de um propósito imediato. Elas devem ser construídas com base nos modelos cognitivos de um determinado tema. Por exemplo, pode-se pensar em *coisas que alguém deve tirar de casa quando ela pega fogo, o que comprar de presente de aniversário, o que fazer para entreter-se no fim de semana* etc. Barsalou observou que essas categorias têm uma estrutura de protótipo que não existe a priori, pois são categorias não convencionais e sem estrutura definida. A natureza categorial determinar-se-ia pelos objetivos de cada indivíduo, os quais se baseariam nos modelos cognitivos das pessoas.

2.7.2.2 Nível básico

O conceito de *nível básico* é chave para o entendimento da proposta de Rosch. Ele é também referido na literatura como *nível de entrada* (na cognição) ou *nível intermediário* (ROGERS; McCLELLAND, 2004). Para melhor compreendê-lo, pense-se nas palavras *carro, moto e ônibus*, todas

consideradas categorias básicas. Além de ser possível referir-se a objetos nesse nível de especificidade, pode-se fazê-lo também de modo mais geral ou mais específico. Esses três elementos, recorrendo a uma noção mais abrangente, pertenceriam à categoria *veículo*, de *nível superordenado*. Por outro lado, também há como informar mais acuradamente os tipos de carro, moto e ônibus em questão, por meio dos rótulos *Ford Fiesta 2015*, *Harley-Davidson Street 500* e *Marcopolo Paradiso 1200*, de *nível subordinado*. O nível básico, portanto, refere-se à categorização em um nível de especificidade nem amplo, nem delimitado por completo.

Segundo Rosch et al. (1976) e Lakoff (1987), o nível básico tem as seguintes características: (i) é o nível mais elevado em que os membros categoriais têm formato percebido similar; (ii) é o nível mais elevado em que uma única imagem mental pode representar a categoria inteira; (iii) é o nível mais elevado em que os indivíduos usam movimentos similares na interação com os membros categoriais; (iv) é o nível em que sujeitos identificam mais rapidamente os objetos; (v) é o primeiro nível de entrada para o léxico de uma língua; (vi) é o nível que tem lexemas primários mais curtos; (vii) é o nível em que os termos são usados em contextos neutros; (viii) é o primeiro nível entendido e adquirido pelas crianças; (ix) é o nível em que a maior parte do conhecimento humano é organizado.

Rogers e McClelland (2004), por sua vez, apontam que o nível básico destaca-se em relação aos níveis superordenado e subordinado, na medida em que, nele, maximizam-se tanto a distintividade quanto a informatividade entre exemplares. Ao recorrer a categorias superordenadas, não se tem muitas informações disponíveis, uma vez que os elementos, nesse nível, compartilham poucos atributos entre si. Pensando na categoria *animal*, por exemplo, é difícil encontrar propriedades comuns a todos os membros categoriais: uns são bípedes, outros quadrúpedes; uns alimentam-se de plantas, outros de carne, uns são aquáticos, outros terrestres. Dessa maneira, afirma-se que o nível superordenado é pouco informativo. Por outro lado, ao lançar-se mão de categorias subordinadas, a distinção entre exemplares é escassa. Tomando-se de exemplo um *pastor alemão*, um *labrador* e um *boxer*, são numerosas as

semelhanças comuns às três raças. Os atributos percebidos como distintivos entre membros categoriais, nesse nível, são poucos, sobressaindo, de fato, as similaridades. Assim, é no nível básico que se potencializam a distinção e a informação dos exemplares. De acordo com Rogers e McClelland (2004, p.17), “objetos da mesma categoria básica tendem a compartilhar várias propriedades entre si, e poucas com exemplares de categorias contrastantes, e, por isso, categorias básicas são consideradas particularmente úteis [...]”.²³ Nesse sentido, o nível de *cachorro* supõe uma vantagem cognitiva ausente, seja pelo lado da informatividade, seja pelo da distintividade, no nível mais geral e no mais específico.

Uma vez apresentados os autores e os conceitos-chave que modelam este estudo, parte-se, em seguida, para a metodologia adotada a fim de alcançar os objetivos estabelecidos. Nela, percebe-se a influência dos procedimentos levados a cabo, principalmente, por Slobin (1996; 2003; 2004; 2005) e por Rosch (1975) nas suas respectivas investigações. Com isso, pretende-se abordar a tradução interlinguística desde uma perspectiva cognitivista, a qual pode colaborar efetivamente para interpretar os dados de língua obtidos, conforme afirma Snell-Hornby (1999).

2.8 Estudos de Tradução: tradutibilidade e equivalência

A atividade tradutória tem sido alvo de muitas teorizações ao longo do tempo. Os dois conceitos-chave que mais interessam sobre o assunto neste trabalho são o de *tradutibilidade* e o de *equivalência*. Laranjeira (2003) expõe que as visões sobre a tradução são diversas: há quem defenda que tudo se pode traduzir e há quem postule que a tradução é impossível teoricamente. Com base nas traduções existentes hoje em dia, no entanto, as radicalizações são perigosas. Por isso, “parece mais razoável, ao invés de se falar de tradutibilidade ou intradutibilidade absolutas, aceitar que, na verdade, existem

²³ “Objects from the same basic category tend to share many properties with one another, and few with exemplars of contrasting categories, and thus basic categories are considered particularly useful [...]”.

graus, aqui maiores, ali menores, de tradutibilidade.” (LARANJEIRA, 2003, p.15).

No presente estudo, parte-se dessa premissa para tratar das traduções encontradas no *corpus*. Exemplificando, assume-se que as traduções de sequências com participios nominais de *poner* são distintas daquelas com participios verbais. Enquanto que, no PB, o participio nominal de *pôr* não é de uso corrente, o mesmo não pode ser dito da forma de participio verbal. Assim, participios nominais de *poner* concebem-se como menos traduzíveis ao PB que participios verbais desse processo. Isso, porém, não implica que o significado de um seja mais apreensível que o de outro, mas sim que a figura do tradutor vai ser sentida de maneiras distintas. Como se verá adiante, traduções de sequências que envolvem participios nominais de *poner*, em geral, apresentam significativas diferenças quanto a categorias gramaticais expressas em relação à versão da língua-fonte.

O conceito de equivalência, por sua vez, é apontado por Snell-Hornby (1999) como o ponto que todas as escolas de tradução baseadas na Linguística têm em comum. A tradução centra-se, para alguns autores (WILLS, 1970; NIDA; TABER, 1986 apud SNELL-HORNBY, 1999), na substituição de material de uma língua-fonte para material equivalente de uma língua-alvo. A fragilidade dessa hipótese está na pressuposição de que existe um certo grau de simetria entre as línguas. Em última instância, seria possível defender que há traduções perfeitamente equivalentes no nível interlinguístico e outras não equivalentes. A questão que entra em jogo é: como delimitar os tipos de equivalência sem recorrer a um modelo clássico de categorização? Snell-Hornby (1999) propõe adotar e aplicar, nos Estudos de Tradução, as noções de *gestalt* e protótipo, de Rosch (1978), dando origem a uma *perspectiva integradora* na tradução. Nela, reconhece-se como objeto do tradutor uma unidade gestáltica da língua-fonte, ou seja, não se foca o significado de cada palavra no momento do ato tradutório, mas sim o sentido evocado por uma combinação de elementos sem correlatos idênticos na língua-alvo. É essa perspectiva que orienta a visão de tradução neste trabalho.

3 Metodologia

Nesta seção, constam os procedimentos adotados para estudar a tradução para o PB das construções em espanhol formadas por *verbo auxiliar + poner (particípio) + objeto da categoria roupa*. Dentre eles, detalham-se os critérios para a composição do *corpus* e para a quantificação e a organização dos dados que se analisam. Como introdução ao tema focalizado, descreve-se o trabalho-piloto (BADARACCO; BRUM-DE-PAULA, 2015) que serviu de base para o desenvolvimento da presente pesquisa.

3.1 Traduzir é categorizar: um estudo preliminar

Esta investigação iniciou-se a partir de um experimento que originou o artigo *Traduzir é categorizar: um caso de tradução interlinguística espanhol-português* (BADARACCO; BRUM-DE-PAULA, 2015). Nele, o objetivo foi investigar o modo como os processos de *categorização* e de *proeminência* ocorrem em fragmentos da obra *Doze contos peregrinos*. Analisaram-se a versão original, em espanhol, escrita pelo autor colombiano Gabriel García Márquez (2011 [1992]), e a versão traduzida ao PB, feita pelo tradutor brasileiro Eric Nepomuceno (1992). Focaram-se fragmentos em que o verbo *pôr* (*poner*) surge conjugado no particípio em espanhol, com a acepção de *vestir-se*. De modo geral, procurou-se realizar discussões a respeito do conteúdo semântico que as duas línguas expressam nessas situações. Partindo do pressuposto de que não há uma equivalência direta para a forma *puesto* no PB e levando em conta que a própria noção de *equivalência* é bastante controversa nos estudos da tradução, surgiu uma questão norteadora: quais seriam as opções do tradutor ao encontrar-se com uma estrutura do tipo *El niño tiene los zapatos puestos*? Além disso, o que elas poderiam revelar sobre o aparato conceitual humano? Os níveis de categorização teriam as mesmas especificidade e distintividade na língua-fonte e na língua-alvo? Quais informações deixariam de ser expressas e quais se tornariam explícitas após a tradução dessas sequências? A fim de responder a tais questionamentos, recorreu-se, mormente, às propostas de Rosch (1975; 1978) e Lakoff (1987), as quais se destacam na área das ciências cognitivas.

A pesquisa, apesar de contar com um *corpus* escasso, traz resultados que interessam aos campos da tradução e da linguística cognitiva. No que concerne à proeminência relativa, constatou-se que sequências com o particípio de *pôr* em espanhol podem ser traduzidas para o PB de modo particular. Em um dos trechos selecionados, o espanhol traz *máscara puesta*, que o PB traduz como *máscara no rosto*. Enquanto na língua espanhola o particípio (*puesta*) informa que o objeto (*a máscara*) está sendo usado por uma entidade, na língua portuguesa, o adjunto (*no rosto*) indica a localização espacial do objeto na entidade. Existe, pois, uma inversão quanto ao que se expressa e ao que se infere. No original, explicita-se o processo ocorrido (*pôr*) e o estado final (*puesto*), inferindo-se em que lugar da entidade a máscara se encontra (*no rosto*); na tradução, por sua vez, explicita-se o locativo, inferindo-se o processo ocorrido e o estado final.

Esse dado, no entanto, constituiu uma exceção quantitativamente. Em sequências que continham outro tipo de objeto da categoria roupa, as estratégias tradutórias foram diferentes. Percebeu-se que, na maioria dos contextos analisados, o tradutor do PB preferiu o processo *vestir* ao processo *pôr*. Em correlação com as alternativas gramaticais que cada língua oferece para os particípios, levantou-se a hipótese de que o status do objeto da categoria roupa pudesse influenciar tal escolha. De forma praticamente exclusiva tanto para particípios nominais como para verbais, a forma *vestir* reservou-se a membros prototípicos da categoria (*sobretudo, jaqueta, cueca*) ou ao vocábulo que designa a categoria superordenada (*roupa*). Para membros pouco representativos da categoria, como *máscara*, houve diversas combinações, e cada uma traz implicações informacionais específicas. Assim, a atividade da tradução torna-se um objeto de estudo pertinente para a linguística cognitiva, uma vez que nela se manifestam os efeitos prototípicos a que se sujeita qualquer categoria.

Outra reflexão passível de maior desenvolvimento que o artigo destaca centra-se nos níveis categoriais e contribui, por isso, às ciências cognitivas em geral. Os dados da pesquisa, juntamente com aqueles obtidos por Rosch

(1975), lançam dúvidas relativas à abrangência da categoria superordenada *roupa*. Posto que se prefere *vestir* para exemplares prototípicos de *roupa*, não seria possível que alguns exemplares não prototípicos pertencessem a outras categorias superordenadas, tais como *acessório* ou *disfarce*? Trechos de traduções para o PB que envolvem exemplares como *lenço de cozinha* ou *máscara* parecem sugerir que sim. Neles, a tradução escolhe processos diferentes (*usar* ou *estar* + *preposição*) e explicita locativos. Para Brown (1965 *apud* LAKOFF, 1987, p.32), as categorias superordenadas e subordinadas seriam “frutos da imaginação”, ou seja, abstrações puramente humanas. Por esse exato motivo e com base nas estratégias adotadas pelo tradutor de *Doze Contos Peregrinos*, pode-se argumentar que roupas difeririam de acessórios e de disfarces, concorrendo essas três categorias no mesmo eixo horizontal superordenado.

As limitações do estudo dizem respeito, principalmente, ao tamanho do *corpus* (representatividade das amostras) e ao aprofundamento das análises. Os dados de língua espanhola referem-se a um único autor, falante de uma variedade linguística determinada, na qual se localiza um único idioleto. O mesmo se aplica aos dados de língua portuguesa: as traduções resultam do trabalho de um indivíduo só, cujo uso do PB não é igual ao de nenhum outro. O alcance das generalizações feitas a partir dos resultados, pois, é bastante curto, levantando questões metodológicas plausíveis. Como provar que os dados em espanhol não decorrem do estilo de escrita do autor ou não são característicos apenas da variedade colombiana? Uma vez que o método dedutivo não pode responder cientificamente a esses questionamentos, requer-se aumentar o número de dados, quantitativa e qualitativamente. Isso significa lidar com uma amostragem não somente mais ampla, mas também mais diversa. Em relação à análise dos dados, o estudo restringiu-se às fronteiras permitidas pelo gênero textual em que foi veiculado (artigo científico). Aprofundar as discussões concernentes a cada tipo de ocorrência, nesse aspecto, é essencial para levar a cabo uma pesquisa que proporcione contribuições significativas aos diferentes âmbitos dos estudos linguísticos.

3.2 Corpus e método

O *corpus* deste texto dissertativo constitui-se de dados de língua escrita literária, os quais se retiram de obras escritas em espanhol e de respectivas traduções para o PB. O foco do estudo são as diferenças e as semelhanças que sobressaem na tradução para o PB de sintagmas em língua espanhola formados por um verbo auxiliar (*tener, estar, llevar*), pelo verbo *poner* (*pôr*) em particípio e por um objeto da categoria roupa. Alguns exemplos são as sentenças *Él tiene puesta la camisa* ou *Ella se había puesto una pollera*. Adicionam-se a esses casos aqueles em que ocorre uma preposição em lugar de um verbo auxiliar (p. ex.: *Los niños salían con los moños puestos*), em que se usa a categoria superordenada em lugar do objeto (p. ex.: *Él se había puesto la ropa sucia*) e em que há uma elipse do objeto da categoria roupa (p. ex.: *No tenían nada puesto* e *Viajaron únicamente con lo que llevaban puesto*). Nessa última situação, não se faz referência a nenhuma peça de vestuário específica, mas à totalidade das peças que alguém veste.

As obras escolhidas para compor o *corpus* são de literatura *stricto sensu*. O principal motivo para ter-se recorrido a elas foi a disponibilidade de tradução, uma vez que artigos jornalísticos ou textos de revistas, por exemplo, são pouco traduzidos ou circulam em meios restritos. Procurou-se reunir um conjunto de peças literárias que não representasse o estilo de um único escritor ou de uma só variedade linguística, mas que abarcasse estilos e variedades distintos dentro de uma mesma língua. Do mesmo modo, as versões traduzidas para o PB não são de autoria de um mesmo indivíduo, mas de vários, oriundos de estados brasileiros diversos. Selecionaram-se autores de referência no universo da literatura contemporânea (da segunda metade do século XX em diante) em língua espanhola, nativos de diferentes países, como Argentina, México, Colômbia e Peru. Essa diversificação no *corpus* possibilita tratar as sequências estudadas como inerentes ao conjunto de variedades linguísticas que uma língua representa e não a uma ou outra variedade isolada do espanhol. O gênero literário escolhido, por sua vez, foi o romance, que, em oposição ao conto ou à novela, é de considerável extensão e em que, portanto, há maior possibilidade de ocorrências de dados. O poema descartou-se devido à sua estrutura particular, em versos e estrofes, e aos seus elementos

característicos (p. ex.: rima e métrica), os quais limitam combinações gramaticais analíticas, tais como as que se focam no presente trabalho.

Ressalte-se, ainda, que, nos fragmentos analisados, o importante é o significado em detrimento do significante. Nesse aspecto, os trechos podem enquadrar-se nos chamados *textos veiculares*, descritos por Laranjeira (2003). Segundo o autor, “as qualidades positivas de tais textos ditos veiculares são a univocidade e a clareza. Têm compromisso com uma racionalidade objetiva e com o critério de verdade. Eles têm referencialidade exterior a si próprios.” (LARANJEIRA, 2003, p.21). A língua, nesses casos, serve de suporte para comunicar algo externo a ela mesma, como um conceito, um processo, um acontecimento.

É pertinente estudar essas estruturas sob a perspectiva da tradução, dado que, para a mesma combinação de elementos na língua-fonte, encontra-se uma série de possibilidades na língua-alvo. Ademais, o tipo de evento expresso nesses contextos é bastante comum em ambas as línguas: o relato a respeito da vestimenta de um personagem qualquer. Apesar de ter-se recorrido a obras literárias para a presente análise, os dados que se coletam são extremamente representativos do modo de exprimir uma determinada situação na escrita de duas línguas próximas. Por tratar-se de dois sistemas que convivem lado a lado, tanto tipológica quanto geograficamente, aliás, a hipótese de que não há diferenças significativas entre eles no que concerne a informações veiculadas parece ser de ampla aceitação. Se assim fosse, contudo, ao traduzir o sintagma *verbo auxiliar + poner (particípio) + objeto da categoria roupa* do espanhol para o PB, as mesmas categorias conceituais apareceriam na língua-alvo. As escolhas lexicais, da mesma forma, evocariam um único sentido na cognição dos falantes do espanhol e do PB. No presente trabalho, contrariamente, sustenta-se que cada símbolo tem um significado particular, único em relação a outros. Acredita-se, nesse sentido, que os símbolos linguísticos

[...] libertam a cognição humana da situação perceptual imediata não só porque permitem referir-se a coisas exteriores a essa situação [...], mas sobretudo por permitirem várias representações simultâneas de

cada uma e, na verdade, de todas as situações perceptuais possíveis. (TOMASELLO, 2003, p.12).

Assim, em cada língua, há meios de representação distintos para situações perceptuais idênticas. Investigar quais elementos conceituais se ressaltam e quais se deixam de lado no espanhol e no PB ao verbalizar cenas do cotidiano, pois, faz-se relevante para descrever as preferências desses sistemas.

O tipo de sequência gramatical escolhido como objeto de estudo faz parte do dia-a-dia dos falantes de espanhol, tanto para descrever cenários como para narrar eventos. Pode-se encontrar na língua falada e na língua escrita, em telejornais e em revistas, em conversas informais e em textos acadêmicos. Afirmar isso, porém, talvez suscite dúvidas de ordem sociolinguística. Haja vista que o espanhol é a língua materna de quase 470 milhões de pessoas no mundo (número que ascende a 540 milhões ao considerar os falantes de espanhol como língua estrangeira), não haveria diferenças quanto à realização dessas construções?²⁴ Elas ocorreriam em contextos iguais, com significado linguístico idêntico, independentemente de variáveis como localidade, faixa etária, sexo ou escolaridade? Para responder com acurácia a tais questões, seria necessário um grande número de dados que, dificilmente, ajudariam a alcançar os objetivos deste trabalho (seção 1). Não obstante, é possível generalizar e, ao mesmo tempo, levar em conta a heterogeneidade inerente ao uso das línguas sem cair na imprecisão científica. Um modo de fazê-lo é circunscrever as generalizações ao *corpus* da pesquisa, estritamente, sem estendê-las a instâncias linguísticas não analisadas.

Pela classificação de Tripodi et al. (1975 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2011), o presente trabalho caracteriza-se por ser de cunho exploratório. Esses estudos são definidos como

[...] investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa futura

²⁴ Em: <<http://www.elmundo.es/cultura/2015/02/19/54e5f69622601d54468b457b.html>>. Acesso em: 29 de abril de 2015.

mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. (MARCONI; LAKATOS, 2011, p.71).

A descrição realizada neles é tanto quantitativa como qualitativa, embora nesta pesquisa não se lide com um número bruto de dados muito extenso. São notáveis, portanto, as diferenças metodológicas existentes entre o presente trabalho e aqueles que aderem ao modelo da sociolinguística, o qual é, em sua essência, quantitativo. Uma grande parte das investigações que se baseia no modelo laboviano para coleta e análise de dados situa-se no campo dos *estudos de relações de variáveis*. Eles se descrevem como

[...] uma forma de estudos quantitativo-descritivos que se referem à descoberta de variáveis pertinentes a determinada questão ou situação, da mesma forma que à descoberta de relações relevantes entre variáveis. Geralmente, nem hipóteses preditivas (*ante factum*) nem perguntas específicas são *a priori* formuladas, de modo que se inclui no estudo grande número de variáveis potencialmente relevantes e o interesse se centraliza em encontrar as de valor preditivo. (*loc. cit.*).

Dessa forma, mais precisamente, opta-se aqui por um estudo *exploratório-descritivo combinado*, que objetiva

[...] descrever completamente determinado fenômeno, como por exemplo o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas. Podem ser encontradas tanto descrições quantitativas e/ou qualitativas quanto acumulação de informações detalhadas como as obtidas por intermédio da observação participante. Dá-se precedência ao caráter representativo sistemático e, em consequência, os procedimentos de amostragem são flexíveis [...] (*loc. cit.*).

3.3 Obras e autores

Escolheram-se, ao todo, sete autores nativos de países diferentes nos quais a língua espanhola predomina (Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, México, Paraguai e Peru). Analisaram-se duas obras de cada um, o que totalizou 14 títulos no *corpus*: *A cidade e os cachorros*, *A fronteira de cristal*, *A ilha sob o mar*, *As armas secretas*, *Contravida*, *Crônica de uma morte anunciada*, *Eu o supremo*, *Havana para um infante defunto*, *Lituma nos Andes*, *O caderno de Maya*, *O outono do patriarca*, *Os prêmios*, *Terra Nostra* e *Três*

tristes tigres, Os autores, em ordem alfabética, são Augusto Roa Bastos (Paraguai), Carlos Fuentes (México), Gabriel García Márquez (Colômbia), Guillermo Cabrera Infante (Cuba), Isabel Allende (Chile), Julio Cortázar (Argentina), Mario Vargas Llosa (Peru). Na tabela 4, resumiram-se os títulos originais, os respectivos autores, os países de origem e os anos das primeiras edições. Por sua vez, na tabela 5, constam os títulos no PB, os respectivos tradutores e os anos das traduções que servem como fonte para este estudo:

Tabela 4 – Informações sobre as versões originais

Título original	Autor	País	Ano
La ciudad y los perros	Mario Vargas Llosa	Peru	1963
Lituma en los Andes	Mario Vargas Llosa	Peru	1993
La frontera de cristal	Carlos Fuentes	México	1995
Terra Nostra	Carlos Fuentes	México	1975
La isla bajo el mar	Isabel Allende	Chile	2009
El cuaderno de Maya	Isabel Allende	Chile	2011
Las armas secretas	Julio Cortázar	Argentina	1959
Los premios	Julio Cortázar	Argentina	1960
Contraída	Augusto Roa Bastos	Paraguai	1994
Yo el supremo	Augusto Roa Bastos	Paraguai	1974
Crónica de una muerte anunciada	Gabriel García Márquez	Colômbia	1981
El otoño del patriarca	Gabriel García Márquez	Colômbia	1975
La Habana para un infante difunto	Guillermo Cabrera Infante	Cuba	1979
Tres tristes tigres	Guillermo Cabrera Infante	Cuba	1965

Tabela 5 – Informações sobre as versões traduzidas

Título traduzido	Tradutor	Ano da tradução
A cidade e os cachorros	Samuel Titan Jr.	2012
Lituma nos Andes	Paulina Wacht e Ari Roitman	2012
A fronteira de cristal	Mauro Gama	1999
Terra Nostra	Olga Savary	1982
A ilha sob o mar	Ernani Ssó	2010
O caderno de Maya	Ernani Ssó	2011

As armas secretas	Eric Nepomuceno	2010
Os prêmios	Glória Rodriguez	1969
Contravida	Josely Vianna Baptista	2001
Eu o supremo	Galeno de Freitas	1977
Crônica de uma morte anunciada	Remy Gorga Filho	2014
O outono do patriarca	Remy Gorga Filho	2014
Havana para um infante defunto	João Silvério Trevisan	1987
Três tristes tigres	Stella Leonardos	1980

3.4 Procedimentos de análise

O levantamento de dados para este trabalho foi feito, mormente, de forma digital. Em primeiro lugar, recorreu-se às versões digitalizadas (extensão .pdf) das obras em espanhol, as quais estão disponíveis para *download* em diversas páginas da *internet* (Anexo A). Logo, usou-se a ferramenta de busca do programa *Adobe Reader* em cada documento, procurando-se fragmentos com o radical *puest-*, para abranger tanto os participios verbais (*puesto*) quanto os nominais (*puesto, puesta; puestos, puestas*). Desconsideraram-se os dados que não diziam respeito a sequências do tipo *verbo auxiliar + poner (participio) + objeto da categoria roupa* (p. ex.: *Tenía puestos los pies sobre el sillón* ou *Se habían puesto las sillas en la cocina*). Tampouco levaram-se em conta os verbos derivados de *poner* (p. ex.: *disponer – dispuesto; exponer – expuesto; reponer – repuesto*). Posteriormente, compilaram-se os trechos selecionados, de forma separada para cada obra. Uma vez terminada essa etapa, seguiram-se outros passos para a coleta de dados em língua portuguesa.

As versões traduzidas dos romances, contrariamente às originais, não se encontraram todas disponíveis na *internet*. É comum, ainda, deparar-se com traduções *clandestinas*, ou seja, versões sem autoria explícita. Por isso, alguns títulos foram manipulados em plataforma impressa, especificamente, *A fronteira de cristal*, *A ilha sob o mar*, *Contravida*, *Crônica de uma morte anunciada*, *Eu o supremo*, *Havana para um infante defunto*, *O outono do patriarca*, *Os prêmios*, *Três tristes tigres*. Para procurar os fragmentos no PB, a ferramenta de busca

pouco ajudou, no caso das traduções manipuladas em formato digital. Isso se deve a que não existe uma única alternativa para traduzir ao PB as estruturas analisadas neste trabalho. Em verdade, as opções são em grande número, fazendo, inclusive, com que um mesmo tradutor opte por mais de uma estratégia tradutória ao longo de uma só obra. Ao não haver, pois, nenhum radical ou vocábulo específico equivalente a *puest-* em todos os contextos, decidiu-se buscar a tradução de outras sequências, que estivessem na mesma página de cada ocorrência. Por exemplo, em uma página em que ocorresse um dado próximo da sentença *El hombre había salido sin el paraguas rojo*, procurava-se por *O homem havia/tinha saído sem o guarda-chuvas vermelho*. Se o resultado fosse malsucedido, tentavam-se novas combinações na mesma página. No formato impresso das versões traduzidas, no entanto, não houve solução senão realizar a busca manualmente.

Após ter compilado os trechos que interessavam em ambas as línguas, procedeu-se à organização e à quantificação desses dados. Para tanto, elaboraram-se tabelas de controle dos elementos que ocorreram nos fragmentos originais e nos traduzidos. Os modelos de tabelas e figuras baseiam-se nos de Rosch (1975; 1978), para tratar de prototipicidade e de níveis de especificidade, e nos de Slobin (2005), para tratar de informações acrescentadas ou perdidas na tradução. Mediu-se a frequência de uso de cada verbo auxiliar e de cada particípio (verbal e nominal) e analisaram-se os tipos de objeto da categoria de roupa conforme a prototipicidade o nível de especificidade de cada um. Além disso, nos dados do PB, atentou-se para informações alteradas em relação às obras originais. Visou-se, assim, investigar se a categorização de roupas e a proeminência relativa de elementos explicitamente mencionados correlacionam-se na tradução. O status mais ou menos prototípico de um objeto da categoria de roupa condicionaria de algum modo a adição ou a supressão de informações na língua-alvo? Os níveis de especificidade dos elementos oracionais seriam idênticos nas duas línguas? E a existência de um particípio nominal para *pôr* no espanhol, mas não no PB faria com que o tradutor se distanciasse ou se aproximasse da língua-fonte?

3.4.1 Modelos de tabelas e figuras – Rosch

A referência usada para determinar o grau de prototipicidade dos objetos da categoria roupa foi um teste aplicado a falantes do PB com base em um realizado por Rosch (1975). No teste da autora, pediu-se a falantes de língua inglesa que atribuíssem valores de um (01) a sete (07) para julgar a representatividade categorial de diferentes peças de vestuário. Quanto menor fosse o valor (mais próximo de um), melhor exemplar seria o elemento dentro da categoria; quanto maior fosse o valor (mais próximo de sete), pior exemplar o seria. Constatou-se que a categoria roupa, assim como muitas outras analisadas pela autora, apresenta efeitos prototípicos. Para os falantes, logo, *camiseta* seria um representante mais ideal de roupa que *relógio*, por exemplo. Esses resultados são centrais para o presente trabalho, uma vez que constituem uma base empírica para tratar da categoria enfocada na análise dos dados. Mostra-se, a seguir, o modelo de representação gráfica dos efeitos prototípicos encontrados em uma determinada categoria:

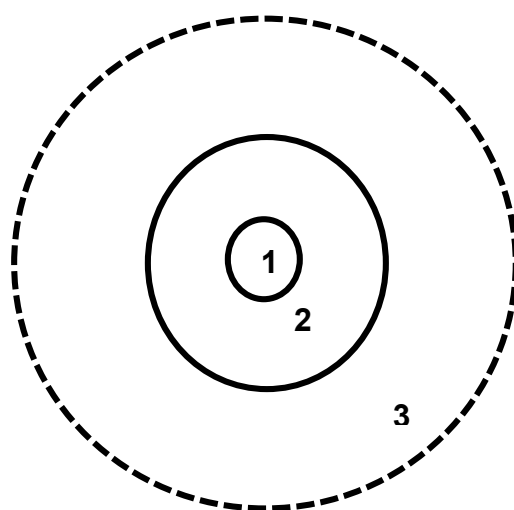


Figura 1 – Modelo de representação de efeitos prototípicos em uma categoria

Na figura 1, os números indicados (1, 2 e 3) representam entidades quaisquer dentro de uma categoria cujos limites tornam-se imprecisos perto da linha pontilhada. A entidade 1 seria um exemplar categorial considerado prototípico, como *saia* dentro da categoria *roupa*. A entidade 2, por sua vez, seria um exemplar categorial menos ideal que 1, mas, ainda assim, julgado pelos falantes como bem representativo, como, por exemplo, *meia* dentro da

categoria supracitada. Por fim, a entidade 3 seria um exemplar categorial pouco ideal, a ponto de os falantes não o classificarem prontamente como pertencente à categoria de que faz parte, como *óculos*. Rosch (1978) destaca, inclusive, que as categorias não têm limites bem definidos e não são totalmente separadas umas das outras, ao contrário do que se postulou durante muito tempo. Ademais,

é, atualmente, uma descoberta bem documentada que sujeitos concordam amplamente sobre seus julgamentos a respeito do quão bons ou claros exemplares são os membros de uma categoria, mesmo para categorias sobre cujas fronteiras eles discordam [...] (ROSCH, 1978, p.37).²⁵

Por essa razão, no presente estudo, abordam-se os elementos integrantes de categorias atentando mais para os efeitos prototípicos a que se sujeitam que para as fronteiras imprecisas em que se encontram.

A fim de obter resultados próprios da língua analisada neste trabalho, aplicou-se a 17 sujeitos um teste relativo à prototipicidade dos elementos categoriais de roupa que ocorreram em todo o *corpus* (Apêndice A). Objetivou-se, com isso, abranger itens que não estão presentes na tabela de Rosch (1975), mas que integram o *corpus*, tais como *alpargata*, *diadema* ou *lente de contato*. Os sujeitos foram selecionados em dois cursos básicos sobre categorização (intitulados *Categorização da linguagem* e *Categorização e Cognição*), os quais aconteceram no segundo semestre de 2015 durante a Escola de Inverno do Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO) e a I Jornada de Estudos da Linguagem, dois eventos promovidos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Todos os participantes do teste são adultos, falantes nativos do português brasileiro e estão vinculados ao Curso de Letras da UFPel como discentes ou docentes. O teste seguiu o padrão de Rosch (1975): diversos membros categoriais foram apresentados em uma tabela aos sujeitos, que pontuaram cada um conforme a representatividade como peça de roupa. Os valores de referência para a

²⁵ No original, em língua inglesa: "It is by now a well-documented finding that subjects overwhelmingly agree in their judgements of how good an example or clear a case members are of a category, even for categories about whose boundaries they disagree [...]".

atribuição de notas foram os mesmos: um (1,0) representa um bom exemplar da categoria; sete (7,0), um mau exemplar da categoria.²⁶ A tabela 6, a seguir, é idêntica à utilizada no teste complementar. Os itens são 48, ao todo:

Tabela 6 – Tabela utilizada no teste complementar

Objeto/Pontuação	1	2	3	4	5	6	7
Saia							
Chapéu							
Capa de chuva							
Roupão							
Maiô							
Luva							
Terno							
Alpargata							
Camiseta							
Calças							
Casaco							
Armadura							
Sapato							
Anel							
Jaqueta							
Bota							
Máscara							
Sobretudo							
Sapatilha							
Camisola							
Uniforme							
Boné							
Meias							
Diadema							

²⁶ Nenhum informante havia sido exposto à teoria de protótipos e de categorias de nível básico até o momento dessa atividade no curso.

Cueca							
Tênis							
Gorro							
Lente de contato							
Suéter							
Cachecol							
Lenço							
Capa							
Camisa							
Vestido							
Mantilha de igreja							
Blusa							
Avental							
Colete							
Quepe							
Fita de cabelo							
Corrente							
Gravata							
Pulseira							
Capacete							
Poncho							
Shorts							
Bermuda							
Moletom							

A nomenclatura referente aos graus de especificidade, por seu turno, seguiu a de Rosch (1978), que destaca haver três níveis principais: o superordenado, o básico, o subordinado. Para referir-se a qualquer conceito ou objeto usando a língua, os falantes lançam mão desses níveis, necessariamente. Por exemplo, quando se aponta para uma maçã e se pergunta o nome desse objeto a alguém, a tendência é ouvir como resposta *maçã* (nível básico). Não obstante, tal nomeação não é nem muito nem pouco específica, pois se poderia usar *fruta* (nível superordenado) ou *maçã gala* (nível

subordinado). Por isso, o nível básico chama-se também de *nível intermediário*, localizado entre o nível mais abstrato, ou superordenado, e o mais específico, ou subordinado. Em relação à informatividade, o nível básico situa-se também entre os outros dois, dado que não é nem o mais informativo (nível subordinado) nem o menos informativo (nível superordenado). Em seguida, traz-se o modelo de tabela usado para referir-se a tal classificação, exemplificando com os conceitos *roupa*, *casaco* e *casaco de lã*:

Tabela 7 – Modelo de tabela para níveis de especificidade

NÍVEL SUPERORDENADO	Roupa
NÍVEL BÁSICO	Casaco
NÍVEL SUBORDINADO	Casaco de lã

Neste trabalho, é essencial determinar os graus de prototipicidade e de especificidade nos contextos investigados segundo a teoria de protótipos e de categorias de nível básico para alcançar os objetivos propostos. Afinal, os elementos envolvidos na categorização influenciariam o uso de estratégias tradutórias preferidas na língua-alvo?

3.4.2 Modelos de tabelas – Slobin

O estudo de Slobin (2005), por outro lado, fornece um padrão de tabelas para organizar dados referentes a informações explícitas e implícitas na língua-fonte e na língua-alvo. Embora na pesquisa do autor se foquem constituintes de narrativas em várias línguas, as contribuições são importantes. Nesse trabalho, examinam-se traduções para dez línguas de uma obra escrita em língua inglesa (*O hobbit*), atentando para as categorias conceituais presentes em relatos narrativos que contêm cenas de movimento (p. ex.: *Ele saiu da sala*). A grande contribuição do autor foi verificar que, para traduzir sentenças compostas por verbos de modo e por partículas direcionais em inglês, as línguas do *corpus* diferiam.

No enunciado *Dori climbed out of the tree*, por exemplo, há um verbo principal que expressa o modo (*climb*), uma partícula que informa a direção (*out*) e um sintagma preposicional que revela a fonte (*of the tree*). Esse tipo de combinação recorre bastante em inglês não apenas em *O hobbit*, mas também em dados de língua falada, como comprova Slobin (1996). Em quatro das dez línguas investigadas (holandês, alemão, russo e servo-croata), os componentes gramaticais relativos ao movimento equivaliam aos do original, em estrutura análoga: verbo de modo + morfema direcional. Entretanto, nas outras seis (francês, italiano, português, espanhol, hebraico e turco), constatou-se outro padrão, ao qual os tradutores aderiram quase categoricamente. Nessa última série de línguas, requer-se um verbo principal que expresse direção (*descer*), o que deixa a inferir-se a informação sobre o modo, dada em inglês por *climb*. Assim, opta-se por traduções como *Dori desceu da árvore*, que, ao contrário do original, tampouco explicitam se a descida foi total. “Alguns dos tradutores [...] adicionam alguma expressão adverbial de totalidade, enquanto outros deixam esse aspecto à inferência [...]” (SLOBIN, 2005, p.119). As línguas, no que respeita à expressão do movimento, dividem-se, pois, em dois grupos: o das *línguas-satélite* e o das *línguas-verbo*.

Sinaliza-se, ainda, que essa discrepância provoca outras, também no nível oracional, como a frequência de uso de orações relativas. É o caso da sentença em inglês *The boy put the frog down into a jar*, que se poderia traduzir ao espanhol como *El niño metió la rana en el frasco que había abajo*. Enquanto no inglês a trajetória do movimento é expressa pela composição *put down into*, no espanhol, a alternativa é outra: a inserção da oração relativa *que había abajo*. Nessa tradução, trazem-se mais detalhes sobre a cena narrada, os quais permitem inferir adequadamente a trajetória em questão (*meter*). Ocorre, portanto, uma inversão no que respeita aos ditos e aos não ditos: ao passo que no inglês se explicita a trajetória e se infere a localização do objeto, no espanhol se tem o contrário. Para Slobin (1996), o exemplo está de acordo com as preferências que cada língua demonstra para exprimir cenas de movimento, e muitos outros podem apontar-se. Apresenta-se, em seguida, o modelo de tabela adaptado de Slobin (2005) que serve como base nesta pesquisa para apontar as diferenças entre as informações contidas nos

originais e nas traduções. A distinção mais importante entre esse modelo e o que, de fato, usou-se na seção que respeita aos resultados é ter separado a língua-fonte da língua-alvo. Por lidar com várias sequências em duas línguas, não se colocaram nas mesmas tabelas os dados das versões originais e das traduzidas. De um lado, portanto, apresentam-se e discutem-se os fragmentos em língua espanhola; de outro, aqueles em língua portuguesa. Os exemplos de enunciado segmentados nos modelos que seguem são *X tiene puesto el gorro* / *X está com o boné na cabeça* (particípio nominal) e *X se había puesto el gorro* / *X havia posto o boné na cabeça* (particípio verbal):

Tabela 8 – Modelo de tabela para elementos linguísticos presentes em versões originais e traduzidas (particípios nominais)

LÍNGUA	Processo auxiliar	Processo principal	Objeto	Locativo
ESP	Ter	Pôr (particípio)	Boné	–
PT	–	Estar com	Boné	Na cabeça

Tabela 9 – Modelo de tabela para elementos linguísticos presentes em versões originais e traduzidas (particípios verbais)

LÍNGUA	Processo auxiliar	Processo principal	Objeto	Locativo
ESP	Haver	Pôr (particípio)	Boné	–
PT	Haver	Pôr (particípio)	Boné	Na cabeça

É necessário separar os particípios nominais dos verbais devido aos dispositivos gramaticais de ambas as línguas. Enquanto no espanhol o verbo *pôr* recorre nos particípios nominal e verbal, no PB, somente se tem o verbal. Isso faz com que as estratégias tradutórias sejam particulares para cada caso, dado que a gramática do PB, logicamente, permite traduções mais próximas da língua-fonte para particípios verbais. Por sua vez, construções com particípios nominais de *pôr* no espanhol, sem correlatos diretos no PB, requerem alternativas não sempre semelhantes às encontradas na língua-fonte. Notam-se algumas diferenças no exemplo exposto na tabela 2, em que a sequência *tiene el gorro puesto* traduz-se como *está com o boné na cabeça*. Apesar de

manter-se o objeto (*boné*) no mesmo nível de categorização no PB, surge a composição *estar com* em lugar de *tener puesto* e acrescenta-se o locativo *na cabeça*, ausente na versão original. Assim, de quatro elementos oracionais, alteram-se três: o processo auxiliar, o processo principal e o locativo. O fato curioso é que, mesmo em traduções de particípio verbal, é possível ocorrer a inserção de elementos linguísticos latentes na língua-fonte (tab.9). Se os entraves tradutórios se limitassem a particípios nominais, o caso apontado na tabela 3 não faria sentido ou seria uma tradução inadequada. Porém, essa é uma das tantas estratégias que podem aparecer nas versões traduzidas para o PB sem causar estranhamento nenhum ao leitor. Por isso, faz-se plausível estudar essas construções com ênfase no papel da categorização de objetos e nas mudanças em relação às informações explícitas e subjacentes entre língua-fonte e língua-alvo.

Neste estudo, pois, busca-se traçar paralelos entre as línguas do *corpus*: o PB e o espanhol. Parte-se, para tanto, de uma estrutura da língua espanhola em direção às alternativas propostas por tradutores no PB. Haja vista que existe mais de uma possibilidade de tradução ao PB das sequências compostas por *verbo auxiliar + poner (particípio) + objeto da categoria roupa*, objetiva-se investigar o que condiciona a ocorrência de cada estratégia. Uma das hipóteses deste trabalho é que a prototipicidade dos elementos da categoria roupa nas duas línguas exerceria certa influência. Os efeitos prototípicos, nesse sentido, apareceriam em formato informacional na língua-alvo. Ao traduzir sequências sem *equivalentes diretos*, por exemplo, pode haver maior necessidade de introduzir novas informações, circundantes a objetos pouco representativos de uma determinada categoria. A consequência imediata disso seria a explicitação de aspectos latentes da língua-fonte, como discutido por Badaracco e Brum-de-Paula (2015).

4 Resultados e discussão

Nesta seção, apresentam-se e discutem-se os resultados que se encontraram ao longo das 14 obras escolhidas para compor o *corpus* deste estudo. Ao todo, ocorreram 79 sequências cuja base é composta por *verbo auxiliar + pôr (particípio) + objeto da categoria roupa* na língua-fonte (espanhol) e, por conseguinte, 79 traduções na língua-alvo (português brasileiro) seriam esperadas, compondo 158 dados para análise. Uma ocorrência de *Havana para um infante defunto*, no entanto, não foi traduzida, já que a tradução do PB assemelha-se à de língua inglesa. Nessa versão, alguns trechos da obra foram omitidos ou adaptados pelo próprio autor. Sendo assim, o número de traduções é 78, o que totaliza 157 dados entre versões originais e traduzidas.²⁷ A exposição desses resultados divide-se em duas principais etapas: na primeira, atenta-se para as categorias gramaticais presentes e ausentes nas línguas fonte e alvo, considerando diferenças entre participios nominais e verbais; na segunda, focalizam-se as estratégias tradutórias em função do tipo de objeto de roupa nas sequências de interesse. Assim, na primeira parte, destacam-se aspectos de caráter estrutural: aqueles que dizem respeito, sobretudo, a informações adicionadas ou suprimidas na língua-alvo em comparação com a língua-fonte. Na segunda, por sua vez, ressaltam-se aspectos de caráter cognitivo e suas implicações na tradução, buscando responder à seguinte pergunta: os distintos status (mais ou menos prototípicos) dos objetos da categoria roupa influenciariam nas escolhas da tradução? Nesse bloco, ainda, revelam-se os resultados do teste sobre prototipicidade, realizado com 17 sujeitos adultos durante dois cursos introdutórios à categorização ocorridos em eventos do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas.

4.1 Categorias gramaticais na tradução: língua espanhola

Nos dados em língua espanhola, houve 79 sequências cuja base gramatical é composta por um verbo auxiliar, o verbo *poner* no particípio

²⁷ A sequência sem tradução é a nº 36 (Anexo A). Por conseguinte, ela constará como vazia quando forem expostos os dados do PB.

(verbal e nominal) e um objeto da categoria *roupa* (p. ex.: *El hombre llevaba puestos los zapatos*). Dessas 79 combinações, em 57, explicitam-se esses três elementos (verbo auxiliar, verbo principal e objeto), enquanto que, em 22, a base é formada por uma preposição, o objeto de roupa e o verbo *pôr* no particípio nominal (p. ex.: *El hombre salió con los zapatos puestos*). Observe-se que é possível tratar todos os casos como pertencentes a uma mesma estrutura sintática. Assim, em *El hombre salió con los zapatos puestos*, haveria uma elipse entre *zapatos* e *puestos*: [...] *con los zapatos [que tenía] puestos*. No entanto, como definir qual é o verbo auxiliar que está elíptico? Seria *tener*, *llevar*, *traer*, *dejarse*? Se tal pergunta não for respondida, tem de admitir-se que o verbo auxiliar em nada altera o sentido do enunciado, sendo apenas uma escolha ocasional. Assim, *El hombre salió con los zapatos que tenía puestos* e *El hombre salió con los zapatos que se dejaba puestos* teriam o mesmo valor. Mas essa abstração, além de ser arbitrária e somente a serviço da sintaxe, põe os aspectos semânticos em segundo plano. Por isso, nas tabelas 10 e 11, a seguir, agrupam-se esses casos da língua-fonte, separadamente:

Tabela 10 – Sequências do tipo *verbo auxiliar + verbo principal + objeto da categoria roupa*

Nº	Pessoa	V. Auxiliar	V. Principal	Tipo	Objeto	Locativo
1	2ª p. s.	Tener	Puesta	N	Cinta	-
2	3ª p. s.	Tener	Puestos	N	Zapatos	-
3	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Sacón	-
4	3ª p. s.	Llevar	Puesto	N	Quepí	-
5	3ª p. p.	Llevar	Puesta	N	Ropa de baño	-
6	3ª p. s.	Traer	Puesto	N	Chaleco	-
7	3ª p. s.	Tener	Puesta	N	Chamarra	-
8	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Botas	-
9	3ª p. s.	Traer	Puesta	N	Cazadora	-
10	3ª p. s.	Traer	Puestas	N	Medias	-
11	3ª p. s.	Llevar	Puesto	N	Uniforme	-
12	3ª p. s.	Llevar	Puesto	N	Joyas	-
13	3ª p. s.	Tener	Puesta	N	Falda	-

14	3ª p. s.	Tener	Puesto	N	Traje	-
15	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Blusa	-
16	3ª p. s.	Tener	Puesto	N	Guardapolvo	-
17	3ª p. s.	Tener	Puesto	N	Camisón	-
18	3ª p. s.	Llevar	Puesta	N	Alpargata	-
19	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Pantalón, Camisa	-
20	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Vestido, Botas	-
21	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Traje	-
22	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Zapatos, Mantilla de iglesia	-
23	3ª p. s.	Llevar	Puesta	N	Ropa	-
24	3ª p. s.	Tener	Puesta	N	Chaqueta	-
25	3ª p. s.	Llevar	Puesto	N	Pantalón	-
26	3ª p. s.	Llevar	Puesto	N	Traje	-
27	3ª p. s.	Llevar	Puesto	N	Vestuario	-
28	3ª p. p.	Haber	Puesto	V	Chompas, Guantes, Bufandas	-
29	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Pañuelo	Cuello
30	3ª p. p.	Haber	Puesto	V	Chompas	-
31	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Lentes de contacto	-
32	3ª p. p.	Haber	Puesto	V	Uniforme	-
33	3ª p. s.	Llevar	Puesta	N	Ropa	-
34	3ª p. s.	Tener	Puesto	N	Bonete	-
35	3ª p. s.	Llevar	Puestos	N	Pantalones	-
36	3ª p. s.	Dejar	Puestas	N	Medias	-
37	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Diadema	Frente
38	3ª p. s.	Llevar	Puesto	N	Todo [Ropa]	-
39	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Uniforme	-
40	3ª p. p.	Llevar	Puesto	N	Pellejo [Ropa]	-

41	3ª p. p.	Llevar	Puestos	N	Calzoncillos	-
42	3ª p. s.	Llevar	Puestas	N	Ropas	-
43	3ª p. s.	Llevar	Puesta	N	Ropa	-
44	3ª p. p.	Haber	Puesto	V	Ropa	-
45	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Zapatillas	-
46	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Camisón	-
47	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Malla	-
48	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Pantalones	-
49	3ª p. s.	Llevar	Puesto	N	Guante	-
50	3ª p. s.	Traer	Puesta	N	Ropa	-
51	3ª p. p.	Llevar	Puesto	N	Calzado	-
52	3ª p. s.	Haber	Puesto	V	Anillo	Dedo
53	2ª p. s.	Traer	Puesta	N	Máscara	-
54	3ª p. s.	Tener	Puesta	N	Capa	-
55	3ª p. s.	Tener	Puesta	N	Bata	-
56	3ª p. s.	Tener	Puesta	N	Trusa	-
57	1ª p. s.	Llevar	Puesta	N	Ropa	-

Na tabela 10, os elementos presentes dos enunciados são a pessoa do discurso (*pessoa*), o verbo auxiliar (*v. auxiliar*), o verbo principal (*v. principal*), o tipo de particípio – verbal ou nominal – (*tipo*), o objeto da categoria *roupa* (*objeto*) e o locativo (*locativo*).

Tabela 11 – Sequências do tipo *preposição + objeto da categoria roupa + pôr*

Nº	Pessoa	Preposição	Objeto	Particípio	Tipo	Locativo
58	3ª p. p.	Con	Gorras	Puestas	N	-
59	3ª p. s.	Con	Joyas	Puestas	N	-
60	3ª p. p.	Con	Sombrero	Puesto	N	-
61	1ª p. p.	Sin	Nada [Ropa]	Puesto	N	-
62	3ª p. p.	Con	[Ropa]	Puesto	N	-
63	3ª p. s.	Con	Ropa	Puesta	N	-
64	3ª p. s.	-	Capa	Puesta	N	Hombros

65	1ª p. p.	Con	Ropa	Puesta	N	-
66	1ª p. s.	Con	Calzoncillos	Puestos	N	-
67	2ª p. s.	-	Espejuelos	Puestos	N	-
68	2ª p. s.	Con	Botas	Puestas	N	-
69	1ª p. p.	Con	Uniformes	Puestos	N	-
70	3ª p. s.	Con	Sombrero	Puesto	N	-
71	1ª p. s.	Con	Ropa	Puesta	N	-
72	1ª p. s.	Con	Zapatillas	Puestas	N	-
73	1ª p. s.	Con	Ropa	Puesta	N	-
74	1ª p. p.	Con	Ropa	Puesta	N	-
75	3ª p. s.	Con	Ropa	Puesta	N	-
76	3ª p. s.	Con	Armadura	Puesta	N	-
77	2ª p. s.	Con	Armadura	Puesta	N	-
78	3ª p. s.	Con	Botines	Puestos	N	-
79	3ª p. s.	Con	Sombrero	Puesto	N	-

Na tabela 11, os elementos dos enunciados são a pessoa do discurso (*pessoa*), a preposição (*preposição*), o objeto da categoria *roupa* (*objeto*), a forma de particípio (*particípio*), o tipo de particípio – verbal ou nominal – (*tipo*) e o locativo (*locativo*). Quanto às pessoas do discurso, nas duas tabelas, predominam as formas de terceira pessoa (*ele, ela; eles, elas*), as quais representam 82,3% do total. As formas de primeira (*eu; nós*) e segunda (*tu; vós*) pessoas, por sua vez, representam 17,7%. Tais percentuais indicam o estilo narrativo preferido pelos autores nos romances, em terceira pessoa, no qual se privilegiam descrições de cenários e de personagens. Quanto aos verbos auxiliares da tabela 10, as formas alternaram entre *haber* (35,1%), *llevar* (33,3%), *tener* (21%), *traer* (8,8%), *dejar* (1,8%). Apesar de ocorrer cinco tipos diferentes de verbos auxiliares, os casos em que se tem *haber* referem-se apenas àqueles de particípios verbais. Por isso, as formas do verbo principal que acompanha não vêm flexionadas, sendo sempre *puesto*. O fato de particípios verbais não concordarem com nenhum elemento nominal circundante aproxima-os da categoria dos verbos. Por outro lado, os particípios nominais de *poner* (*pôr*), os quais são acompanhados pelos outros verbos

auxiliares (*llevar, tener, traer, dejar*), assemelham-se muito a adjetivos. Além da concordância em gênero e número com o nome a que se ligam, esses participios, como mostram os dados da tabela 11, não exigem um verbo auxiliar na sintaxe do enunciado. Estes podem ocorrer, normalmente, ao lado de uma preposição ou apenas de um nome (ver números 64 e 67 da tab. 11). A distinção feita por Perini (2010) entre os dois tipos de participio, nesse sentido, é aplicável não apenas ao português brasileiro (PB), mas também ao espanhol.

Nas próximas duas tabelas, 12 e 13, realiza-se a divisão entre dados referentes a participios verbais e nominais na língua-fonte. Após comentá-las, serão apresentados os dados da língua-alvo, o PB, com o objetivo de contrapor as categorias gramaticais presentes nas sequências originais e nas traduções.

Tabela 12 – Elementos presentes em sequências com participios verbais

Nº	Pessoa	V. Auxiliar	V. Principal	Objeto	Locativo
80	3ª p. s.	Haber	Puesto	Sacón	-
81	3ª p. s.	Haber	Puesto	Botas	-
82	3ª p. s.	Haber	Puesto	Blusa	-
83	3ª p. s.	Haber	Puesto	Pantalón, Camisa	-
84	3ª p. s.	Haber	Puesto	Vestido, Botas	-
85	3ª p. s.	Haber	Puesto	Traje	-
86	3ª p. s.	Haber	Puesto	Zapatos, Mantilla de iglesia	-
87	3ª p. p.	Haber	Puesto	Chompas, Guantes, Bufandas	-
88	3ª p. s.	Haber	Puesto	Pañuelo	Cuello
89	3ª p. p.	Haber	Puesto	Chompas	-
90	3ª p. s.	Haber	Puesto	Lentes de contacto	-
91	3ª p. p.	Haber	Puesto	Uniforme	-
92	3ª p. s.	Haber	Puesto	Diadema	Frente
93	3ª p. s.	Haber	Puesto	Uniforme	-
94	3ª p. p.	Haber	Puesto	Ropa	-

95	3ª p. s.	Haber	Puesto	Zapatillas	-
96	3ª p. s.	Haber	Puesto	Camisón	-
97	3ª p. s.	Haber	Puesto	Malla	-
98	3ª p. s.	Haber	Puesto	Pantalones	-
99	3ª p. s.	Haber	Puesto	Anillo	Dedo

Das 79 estruturas da língua-fonte que contêm participios, 20 dizem respeito a participios verbais, ou seja, 25,3% do total. No *corpus*, eles ocorreram unicamente com a terceira pessoa do discurso (*él, ella; ellos, ellas*), o que também pode explicar-se pelo estilo narrativo em terceira pessoa presente na maioria das obras escolhidas. O verbo auxiliar foi sempre *haber*, e nunca houve omissões, o que confirma tratar-se de uma forma de participio legitimamente composta e cujo pertencimento à classe de verbos é bastante claro. Em seguida, trazem-se os dados dos participios nominais, desconsiderando as diferenças estruturais das tabelas 10 e 11.

Tabela 13 – Elementos presentes em sequências com participios nominais

Nº	Pessoa	V. Auxiliar	Prep.	V. Principal	Objeto	Locativo
100	2ª p. s.	Tener	-	Puesta	Cinta	-
101	3ª p. s.	Tener	-	Puestos	Zapatos	-
102	3ª p. s.	Llevar	-	Puesto	Quepí	-
103	3ª p. p.	Llevar	-	Puesta	Ropa de baño	-
104	3ª p. s.	Traer	-	Puesto	Chaleco	-
105	3ª p. s.	Tener	-	Puesta	Chamarra	-
106	3ª p. s.	Traer	-	Puesta	Cazadora	-
107	3ª p. s.	Traer	-	Puestas	Medias	-
108	3ª p. s.	Llevar	-	Puesto	Uniforme	-
109	3ª p. s.	Llevar	-	Puesto	Joyas	-
110	3ª p. s.	Tener	-	Puesta	Falda	-
111	3ª p. s.	Tener	-	Puesto	Traje	-
112	3ª p. s.	Tener	-	Puesto	Guardapolvo	-
113	3ª p. s.	Tener	-	Puesto	Camisón	-

114	3ª p. s.	Llevar	-	Puesta	Alpargata	-
115	3ª p. s.	Llevar	-	Puesta	Ropa	-
116	3ª p. s.	Tener	-	Puesta	Chaqueta	-
117	3ª p. s.	Llevar	-	Puesto	Pantalón	-
118	3ª p. s.	Llevar	-	Puesto	Traje	-
119	3ª p. s.	Llevar	-	Puesto	Vestuario	-
120	3ª p. s.	Llevar	-	Puesta	Ropa	-
121	3ª p. s.	Tener	-	Puesto	Bonete	-
122	3ª p. s.	Llevar	-	Puestos	Pantalones	-
123	3ª p. s.	Dejar	-	Puestas	Medias	-
124	3ª p. s.	Llevar	-	Puesto	Todo [Ropa]	-
125	3ª p. p.	Llevar	-	Puesto	Pellejo [Ropa]	-
126	3ª p. p.	Llevar	-	Puestos	Calzoncillos	-
127	3ª p. s.	Llevar	-	Puestas	Ropas	-
128	3ª p. s.	Llevar	-	Puesta	Ropa	-
129	3ª p. s.	Llevar	-	Puesto	Guante	-
130	3ª p. s.	Traer	-	Puesta	Ropa	-
131	3ª p. p.	Llevar	-	Puesto	Calzado	-
132	2ª p. s.	Traer	-	Puesta	Máscara	-
133	3ª p. s.	Tener	-	Puesta	Capa	-
134	3ª p. s.	Tener	-	Puesta	Bata	-
135	3ª p. s.	Tener	-	Puesta	Trusa	-
136	1ª p. s.	Llevar	-	Puesta	Ropa	-
137	3ª p. p.	-	Con	Puestas	Gorras	-
138	3ª p. s.	-	Con	Puestas	Joyas	-
139	3ª p. p.	-	Con	Puesto	Sombrero	-
140	1ª p. p.	-	Sin	Puesto	Nada [Ropa]	-
141	3ª p. p.	-	Con	Puesto	[Ropa]	-
142	3ª p. s.	-	Con	Puesta	Ropa	-
143	3ª p. s.	-	-	Puesta	Capa	Hombros
144	1ª p. p.	-	Con	Puesta	Ropa	-
145	1ª p. s.	-	Con	Puestos	Calzoncillos	-
146	2ª p. s.	-	-	Puestos	Espejuelos	-

147	2ª p. s.	-	Con	Puestas	Botas	-
148	1ª p. p.	-	Con	Puestos	Uniformes	-
149	3ª p. s.	-	Con	Puesto	Sombrero	-
150	1ª p. s.	-	Con	Puesta	Ropa	-
151	1ª p. s.	-	Con	Puestas	Zapatillas	-
152	1ª p. s.	-	Con	Puesta	Ropa	-
153	1ª p. p.	-	Con	Puesta	Ropa	-
154	3ª p. s.	-	Con	Puesta	Ropa	-
155	3ª p. s.	-	Con	Puesta	Armadura	-
156	2ª p. s.	-	Con	Puesta	Armadura	-
157	3ª p. s.	-	Con	Puestos	Botines	-
158	3ª p. s.	-	Con	Puesto	Sombrero	-

Na tabela 13, referente às estruturas com participios nominais, organizam-se 59 das 79 seqüências do *corpus* da língua-fonte, ou seja, 74,7% do total de dados em língua espanhola. Há variação quanto ao uso das pessoas do discurso, especialmente, nos casos em que não se tem um verbo auxiliar envolvido (da seqüência 137 à 158). Verifica-se também que a forma de participio concorda sempre em gênero e número com o nome a que se relaciona. Dessa maneira, confirma-se que o status gramatical dos participios verbais e nominais difere: de fato, participios nominais poderiam chamar-se de *participios adjetivos nominais* (PANs). Além de diferenças morfológicas em relação aos verbais, é possível identificar que os PANs admitem construções sintáticas bastante diversas: com ou sem verbos auxiliares; com ou sem preposições que os acompanhem. Nos casos em que há um verbo auxiliar na estrutura frasal, PANs podem ocorrer tanto antes quanto depois do nome a que se ligam (p. ex.: *Él traía puesto el chaleco* x *Él traía el chaleco puesto*). Por outro lado, ao não haver um verbo auxiliar na estrutura frasal, a posição sintática dos PANs é sempre posterior ao nome (p. ex.: *Él estaba con el chaleco puesto*).

Por fim, note-se que, na seqüência 141 da tabela 13, a concordância em gênero do PAN não é feita com o objeto (roupa), que é inferido do significado e

da sintaxe do enunciado, mas com o artigo *lo* (“Habían salido de Le Cap con *lo puesto* y en Cuba habían comprado lo mínimo [...]”). Da mesma maneira, há inferências nas estruturas 124, 125 e 140 da tabela 13. Em todos os casos, não obstante, a inferência a realizar-se concerne à categoria superordenada *roupa*, aludindo a todas as peças vestidas por uma determinada entidade. Um caso similar é o da sequência 109, pois também se tem uma inferência do objeto. Nesse caso, a omissão é do nome *joyas*, que é explicitado posteriormente no texto, constituindo uma referência catafórica (“[...] fíjate *lo que lleva puesto*, ¡es de oro! Las negras no pueden usar *joyas* en público.”). Por esse motivo, nas tabelas 10 e 13 o particípio nominal não concorda com o nome *joyas*, embora seja esse o elemento a que se refere.

4.2 Categorias gramaticais na tradução: do espanhol ao português

Uma vez apresentados os dados da língua-fonte em função dos aspectos estruturais (sintáticos e morfológicos), nesta seção, faz-se o mesmo para a língua-alvo. O objetivo é, na sequência, proceder à comparação entre as categorias gramaticais presentes no espanhol e no português. Em primeiro lugar, agrupam-se as traduções referentes à tabela 10 e, em seguida, aquelas que respeitam às tabelas 11, 12 e 13. Nelas, não se trazem as informações relativas às pessoas do discurso, pois não houve nenhuma modificação na língua-alvo que justificasse a inclusão dessa categoria gramatical. Por outro lado, constataram-se algumas mudanças quanto às categorias de modo e de tempo verbais.²⁸ Essas diferenças fazem com que a informação sobre o tipo de particípio, em muitas oportunidades, não conste, pois os tradutores nem sempre optam por uma forma de particípio na língua-alvo. Ainda, incluiu-se a categoria *extra* para abranger as informações ausentes na língua-fonte que os tradutores acrescentaram e que dizem respeito a outras categorias (advérbios ou adjuntos, por exemplo).²⁹

²⁸ As informações sobre pessoa, modo e tempo na língua-alvo podem ser vistas na coluna relativa ao verbo principal, na qual constam os verbos na conjugação encontrada nas traduções.

²⁹ As colunas das tabelas da língua-alvo nem sempre coincidem com a ordem sintática dos enunciados. Em caso de dúvida, consultar os fragmentos completos no Anexo A.

Tabela 14 – Traduções para sequências do tipo *verbo auxiliar + verbo principal + objeto da categoria roupa*

Nº	V. Auxiliar	V. Principal	Tipo	Objeto	Locativo	Extra
1	Estar	Usando	-	Fita	-	-
2	-	Estava com	-	Sapatos	-	-
3	-	Vestira	-	Casaco	-	-
4	-	Está de	-	Quepe	-	Ainda
5	-	lam com	-	Maiô	-	Por baixo
6	-	Está com	-	Colete	-	-
7	-	Vestia	-	Casaco	-	-
8	Haver	Posto	V	Botas	-	-
9	-	Trazia	-	Casaco	-	-
10	Ter	Colocado	V	Meias	-	-
11	-	Vestisse	-	Uniforme	-	-
12	-	Usa	-	Joias	-	-
13	-	Estava com	-	Saia	-	-
14	-	Veste	-	Terno	-	-
15	Ter	Vestido	V	Blusa	-	-
16	Estar	Vestindo	-	Avental	-	-
17	-	Vestiu	-	Camisola	-	-
18	-	Calçava	-	Alpargata	Pé	-
19	-	Vestira	-	Calça, Camisa	-	-
20	Ter	Vestido	V	Roupa, Botas	-	-
21	-	Vestira	-	Vestido	-	-
22	-	Estava com	-	Sapatos, Mantilha de igreja	-	-
23	-	Vestia	-	Roupa	-	-
24	-	Vestia	-	Casaco	-	Ainda
25	-	Veste	-	Calça	-	-
26	-	Usava	-	Traje	-	-
27	Usar	Posto	N	Vestuário [Roupa]	-	-
28	-	Puseram	-	Suéteres, Luvas,	-	-

				Cachecóis		
29	-	Amarrara	-	Lenço	Pescoço	-
30	-	Vestiram	-	Suéteres	-	-
31	Ter	Colocado	V	Lentes de contato	-	-
32	Haver	Vestido	V	Uniforme	-	-
33	-	Vestia	-	Roupa	-	-
34	Ter	Posto	V	Boné	-	-
35	-	Vestia	-	Calça	-	-
36	Deixar	Vestidas	N	Meias	-	-
37	-	Pusera	-	Diadema	Testa	-
38	Levar	Vestido	N	Tudo [Roupa]	-	-
39	-	Vestia	-	Uniforme	-	-
40	-	Vestiam	-	Trapos [Roupa]	-	-
41	-	Usamos	-	Cuecas	-	-
42	-	Vestia	-	Roupa	-	-
43	-	Usava	-	Roupa	-	-
44	-	Vestidas	N	-	-	-
45	-	Calçava	-	Sapatos	-	-
46	-	Vestira	-	Camisola	-	-
47	Ter	Vestido	V	Maiô	-	-
48	-	Vestira	-	Calças	-	-
49	Estar	Calçada	N	Luva	-	Com
50	-	Trazias	-	Roupa	-	-
51	-	Traziam	-	Calçado	-	-
52	-	Pôs	-	Anel	Dedo	-
53	-	Estar com	-	Máscara	-	-
54	-	Vinha de	-	Capa	-	-
55	-	Tinha	-	Roupão	-	-
56	Ter	Posto	V	Maiô	-	-
57	-	Estou com	-	Roupa	-	-

Nas 57 traduções para o PB de estruturas do tipo *verbo auxiliar + verbo principal + objeto da categoria roupa*, constataram-se diferenças em cada uma

das categorias gramaticais presentes no espanhol. Em relação à ocorrência de verbos auxiliares e principais, pode-se ver uma grande assimetria estrutural: apenas em 15 traduções (26,3%) mantêm-se combinações de verbo auxiliar + verbo principal, ao passo que, em 42 (73,7%), expressa-se somente um verbo principal. Quanto ao tipo de verbo principal, as alternativas escolhidas pelos tradutores do PB são variadas. Se na língua-fonte se vê apenas *poner* em particípio verbal (PV) e em particípio nominal (PN), na língua-alvo, aparecem *usar* (05 dados), *vestir* (26 dados), *estar com* (06 dados), *estar de* (01 dado), *vir de* (01 dado), *ir com* (01 dado), *pôr* (07 dados), *ter* (01 dado), *trazer* (03 dados), *colocar* (02 dados), *calçar* (03 dados), *amarrar* (01 dado). Além disso, algumas formas verbais também divergem das da língua-fonte: particípios, de fato, restringiram-se a 14 ocorrências e, em geral, seu uso coincide com o de um verbo auxiliar (à exceção da sequência 44), em combinações como *ter colocado*, *ter vestido* ou *haver posto*. Há duas ocorrências de gerúndios (sequências 1 e 16), e o restante refere-se a verbos principais conjugados nos mesmos tempo, modo e pessoa que em espanhol. Quanto aos tipos de particípios, em espanhol, eles variam entre PVs e PNs, o que também se verifica no PB. No entanto, há quatro casos em que o tipo de particípio não é o mesmo que aquele da língua-fonte (sequências 10, 34, 44 e 56). Em 10, 34 e 56, constam PNs em espanhol e PVs no PB; em 44, consta um PV em espanhol e um PN no PB. Nas sequências em que o caminho é de um PN para um PV (10, 34 e 56), as traduções alteram, de modo mais evidente, o plano estilístico dos trechos originais, pois tornam narrativos excertos de natureza descritiva.³⁰ Na sequência em que o caminho é inverso (44), as alterações são mais profundas e situam-se no plano gramatical, sendo discutidas posteriormente.

Importa observar que, embora se constatem particípios nominais no PB (sequências 36, 38, 44 e 49), as estratégias utilizadas pelos tradutores poderiam ter sido outras. Exceto na sequência 44 (ainda por discutir), em que o uso do PN *vestidas* é acompanhado de outras mudanças gramaticais na

³⁰ Por exemplo, no trecho original da sequência 34, lê-se “[...] se encontró con que todo el mundo en la casa presidencial *tenía puesto un bonete colorado* [...]”; no traduzido, por sua vez, “[...] viu que todo mundo no palácio *tinha posto boné vermelho* [...]”.

língua-alvo, em 36, 38 e 49, há construções híbridas de particípio nominal. Nas duas primeiras, *vestidas* e *vestido* referem-se aos objetos que acompanham, assim como *calçada* na última. Entretanto, *deixar vestido* e *levar vestido* no PB, por exemplo, não têm os mesmos usos de *dejarse puesto* e *llevar puesto* no espanhol. Há uma relevante diferença no que tange à naturalidade que essas combinações veiculam nas duas línguas. Em língua espanhola, tais estruturas são rapidamente compreendidas e frequentemente utilizadas pelos falantes. Mas, no PB, *deixar vestido* e *levar vestido* parecem ser menos usuais (de fato, há apenas essas duas ocorrências no *corpus*), além de carregar um valor estilístico que as combinações do espanhol não almejam.

As informações locativas no PB coincidem com as do espanhol em todas as sequências, excetuando uma: a de número 18. Nela, a língua-fonte deixa implícito o locativo *pé*, como se vê no trecho “Mostró un par de *alpargatas* nuevas. «Esto me hacía falta a mí —dijo—. La otra ya estaba muy pelecha.» *Llevaba puesta una* del flamante par.”. Por outro lado, na língua-alvo, o locativo *pé* é expresso na forma de um objeto direto do processo *calçar*: “Mostrou um par de *alpargatas* novas. «Isto estava me fazendo falta» —disse. —«A outra já estava muito surrada.» *Calçava um pé* do vistoso par.”. Esse padrão também é constatado nas duas línguas nas sequências 29, 37 e 42. Destaque-se que, em todas as ocasiões, os objetos envolvidos nas construções (*lenço*, *diadema* e *anel*) são usados em lugares bastante específicos do corpo humano, sendo natural a adição de uma informação locativa como complemento semântico. Atentando para isso, nas sequências 2, 8, 34 ou 53, a língua-alvo também poderia ter explicitado um locativo (*pé*, em 2 e 8; *cabeça*, em 34; *rosto*, em 53). Por último, em 49, o locativo expressa-se não em um complemento, mas no próprio sujeito gramatical do enunciado, em ambas as línguas: “[...] *la otra mano lleva puesto un guante*, rugoso y sebado [...]” e “[...] *a outra mão está calçada com uma luva*, enrugada e sebenta [...]”.

Na última coluna da tabela 14, constam, em três traduções do PB, informações ausentes na língua-fonte: nas sequências 4, 5 e 24.³¹ Em duas

³¹ A preposição *com* da sequência 49 não é levada em conta, dado que é exigida meramente pela sintaxe da construção *estar calçado com*.

dessas, 4 e 24, expressa-se uma informação de valor aspectual, *ainda*. A tradução, assim, revela um sentido latente nas construções originais, do mesmo modo como o faz na sequência 58, discutida a partir da tabela 15. Em 5, o caso é bastante similar, pois *por baixo*, pode ser depreendido na leitura em língua espanhola: “Al día siguiente, Teresa volvió a la playa con las dos muchachas y lo mismo los otros días. Una mañana, las seguí... Iban a Chucuito. *Llevaban puesta la ropa de baño y se desvistieron* en la playa.”. Em verdade, a inferência de que *ropa de baño* (*maiô*) está *por baixo* de outras roupas é possibilitada graças ao verbo subsequente: *desvestirse* (*despir-se*). Se o objeto não estivesse *por baixo*, a sentença seria, de fato, contraditória.³² Por isso, no PB, o tradutor opta pela seguinte estratégia: “No dia seguinte, Teresita voltou à praia com as duas garotas, e fez o mesmo nos outros dias. Um dia, eu as segui. Iam a Chucuito. *Iam com o maiô por baixo e se despiam* na praia.”. Perceba-se que, enquanto o espanhol infere a informação complementar *por baixo* pela combinação objeto (*ropa de baño*) + estado final (*puesta*), o PB infere o estado final (*vestido*) pela combinação objeto (*maiô*) + informação complementar (*por baixo*).

Na tabela 15, a seguir, apresentam-se as traduções para as sequências do tipo *preposição + objeto da categoria roupa + pôr* da tabela 11. Suprimem-se, assim como na tabela 14, informações sobre a pessoa do discurso e adiciona-se uma coluna (*extra*) para abranger informações que não se encaixam nas outras categorias gramaticais. Poderia parecer lógico excluir também a coluna referente ao tipo de particípio, uma vez que, na língua-alvo, são todos nominais e que essa forma não é usada no PB. No entanto, ela será preservada, principalmente, para dar conta de casos híbridos de tradução com particípios nominais, como aqueles descritos da tabela 14. A coluna *particípio* da tabela 11, por outro lado, constará como *processo*, pois os tradutores do PB não sempre recorrem a um particípio na língua-alvo (aliás, é uma das estratégias menos frequentes, como será observado).

³² A não ser que a referida praia fosse de nudismo, mas não era esse o caso.

Tabela 15 – Traduções para sequências do tipo *preposição + objeto da categoria roupa + pôr* (participio)

Nº	Preposição	Objeto	Processo	Tipo	Locativo	Extra
58	De	Boné	-	-	-	Continuar
59	-	Jóias	Usando	-	-	-
60	Com	Chapéu	-	-	No lugar	-
61	Sem	Nada	Posto	N	-	-
62	Com	[Roupa]	Vestiam	-	-	-
63	-	-	Vestido	N	-	-
64	-	Capa	Posta	N	Ombros	-
65	Com	Roupa	-	-	-	Do corpo
66	-	-	-	-	-	-
67	-	Óculos	Está de	-	-	-
68	Com	Botas	-	-	Nos pés	-
69	-	-	Fardados	N	-	-
70	Com	Chapéu	-	-	-	-
71	Com	Roupa	-	-	-	-
72	-	Tênis	Calçados	N	-	-
73	-	Roupa	Usava	-	-	-
74	De	Gorro, Meias, Luvas	-	-	-	-
75	-	-	Vestido	N	-	-
76	Com	Armadura	Posta	N	-	-
77	Com	Armadura	Posta	N	-	-
78	Com	Botinas	Calçadas	N	-	Em mim
79	Com	Chapéu	Posto	N	-	-

A tabela 15, relativa às traduções dos dados da tabela 11, engloba apenas PNs do verbo *pôr*. Dado que é uma forma pouco comum no PB, o tipo de estratégia tradutória foi bastante diverso. Das 22 estruturas do espanhol, escolheram-se estruturas com PN em 10 (sequências 61, 63, 64, 69, 72, 75, 76, 77, 78, 79). Apenas em 5, porém, encontra-se o verbo *pôr* em PN (sequências 61, 64, 76, 77, 79). Saliente-se que os usos em espanhol e no PB

desse verbo em PN são diferentes: *sin nada puesto* e *sem nada posto* (sequência 61), por exemplo, são estruturas que, apesar de parecer idênticas, não têm o mesmo valor para os falantes de cada língua. Se a primeira é corrente e não deixa dúvidas quanto ao que se faz alusão, a segunda é raramente presente no PB e pouco clara quanto à significação.³³

Em relação ao uso de preposições, houve estratégias com *de*, *com*, *sem* e ausência de preposição. Em espanhol, não houve ocorrências apenas com *de*, que parece ser exclusiva do PB. Os objetos sofreram modificações em quatro oportunidades (sequências 63, 69, 74 e 75). Em 63 e 75, *con ropa puesta* foi traduzido como *vestido*. O objeto (neste caso, nenhum específico, mas a totalidade que compõe o vestuário de alguém), pois, passa a ser inferido do processo *vestir*. Da mesma maneira, em 69, *con uniformes puestos* traduz-se como *fardados*: a partir de *fardar-se*, depreende-se um uniforme ou uma vestimenta comum a vários indivíduos de uma mesma classe. Por último, em 74, uma informação contida originalmente em um aposto especificativo passa, na tradução, a figurar em lugar de mais destaque no enunciado.³⁴

Os processos, por sua vez, variam entre *usar* (02 dados), *vestir* (03 dados), *estar de* (01 dado), *pôr* (05 dados), *calçar* (02 dados) e *fardar-se* (01 dado). Também há casos em que o processo é inferencial, especificamente nas sequências 58, 60, 65, 68, 70, 71 e 74 (07 dados). Cada uma dessas alternativas tradutórias ocorre em contextos específicos, não sendo possível substituir uma por outra sem modificação no significado do enunciado. Por exemplo, embora se possa entender o sentido da sentença *ele está de boné*, o da sentença *ele está de joias* dependeria de vários fatores contextuais para ser apreendido de maneira similar ao anterior. Igualmente, *vestir*, *calçar* e *fardar-se* não ocorre com todo tipo de objeto da categoria roupa. Por outro lado, embora *usar* possa combinar-se com qualquer objeto da categoria (*ele está usando*

³³ Em oposição a *sem roupas no corpo*, por exemplo.

³⁴ No original, “Tiritábamos en los sacos de dormir, *con la ropa puesta*, gorro, calcetas gruesas y guantes, mientras caía la lluvia [...]”; na tradução, “Tiritávamos nos sacos de dormir, *de gorro*, meias grossas e luvas, enquanto a chuva caía”.

joias; ele está usando uma camisa; ele está usando uma máscara), esse processo parece depender essencialmente do contexto para significar que os objetos estão sendo vestidos no corpo de uma entidade qualquer. Por esse motivo, são naturais as sentenças *ele está usando uma camisa* e *ele está usando uma camisa como pano de chão*. Curiosamente, isolada de um contexto, a primeira frase pode significar tanto algo distinto quanto algo igual à segunda. É o contexto, portanto, que determinará o sentido a ser evocado quando se recorre à combinação *usar + peça de roupa*.

Quanto às informações locativas, a tradução do PB explicita *ombros*, na sequência 64, assim como na língua-fonte. No entanto, há locativos expressos também em 60 e 68 somente na língua-alvo: *con sombrero puesto* traduz-se por *com chapéu no lugar; con botas puestas*, por *com botas nos pés*.³⁵ Invertem-se, desse modo, as informações explícitas e implícitas no espanhol e no PB. De um lado, na língua-fonte, revelam-se objeto e processo, o que permite depreender o locativo; de outro, na língua-alvo, expressam-se objeto e locativo, o que permite depreender o processo em jogo. Portanto, no PB, da mesma maneira como é possível inferir objetos por meio de processos de significação específica (*fardar-se, calçar, vestir*), é possível inferir processos por meio de combinações do tipo *objeto + locativo*.

Atente-se, ainda, para três casos em que a tradução do PB optou por exprimir informações que não constam de forma explícita no espanhol (sequências 58, 65, 78). Em 58, traduz-se “Se sientan a comer *con las gorras puestas* y se llenan las bocas de hamburguesa [...]” por “Sentados para comer, *continúan de boné* e enchem a boca de hambúrguer [...]”. O acréscimo de *continuar* destaca uma informação aspectual latente na língua-fonte e complementa o sentido da combinação *de boné* na língua-alvo. Em 65, traduz-se “[...] nadie pudo dormir esa noche, a pesar de acostarnos *con la ropa puesta* [...]” por “[...] ninguém conseguiu dormir nessa noite, apesar de deitarmos *com*

³⁵ Observe-se que, em 60, *no lugar* refere-se, em verdade, a *na cabeça*, pois o *lugar* dos chapéus no corpo humano é, efetivamente, na cabeça. No original: “[...] todos bailaban *con el sombrero blanco puesto* [...]”; na tradução, “[...] todos dançavam *com o chapéu branco no lugar* [...]”.

a *roupa do corpo* [...]”. Nesse trecho, a supressão de um processo e a adição do adjunto *do corpo* ao nome *roupa* na língua-alvo possibilitam inferir tanto um processo ocorrido (ter vestido a roupa) quanto um locativo (no corpo). Em 78, no entanto, não se suprime nenhuma categoria gramatical em relação à língua-fonte, apenas acresce-se *em mim*, visando exclusivamente à clareza do excerto no PB.³⁶

Por último, há três sequências, 70, 71 e 74, nas quais a tradução do PB suprime o processo explícito do espanhol (*poner* em particípio), mas não se vale de um locativo, nem de uma informação adicional. Nelas, é apenas pela combinação *preposição + objeto* que se depreende um processo ocorrido e um locativo. A sentença 71, na língua-fonte, é coordenada com a 72: “Por fin pude ir a mi pieza, donde me tendí en la cama sin sábanas, *con la ropa y las zapatillas puestas* [...]”. Isso é possível porque *puesto* (e demais flexões) ocorre com qualquer elemento da categoria roupa; neste caso, com a própria categoria superordenada *ropa* e com *zapatillas*. No PB, porém, lê-se “Por fim, pude ir para o meu quarto, onde me estendi na cama sem lençóis, *com a roupa e os tênis calçados* [...]”. Ali, *calçados* retoma, sintática e semanticamente, *tênis*, mas não *roupa*, além de ser um processo de caráter mais específico que o *poner* do espanhol. Tanto 71 quanto 74 (detalhada anteriormente), de um ponto de vista leitor, são compreendidas sem problemas por falantes do PB. Contudo, não se pode afirmar o mesmo da tradução 70. No original, “Mi Nini me había traído una pequeña fotografía plastificada de mi Popo en la que aparecía solo, unos tres años antes de su muerte, *con su sombrero puesto* y la pipa en la mano [...]”; na tradução, “Minha Nini havia me trazido uma pequena fotografia plastificada do meu Popo, na qual ele aparecia sozinho, uns três anos antes de sua morte, *com seu chapéu* e o cachimbo na mão [...]”. A omissão de um processo e de um locativo, no PB, para *com seu chapéu* traz uma ambiguidade inexistente no original. Isso ocorre porque o objeto que o acompanha, *cachimbo*, traz o locativo *na mão*. Logo, leitores do PB podem

³⁶ Como se vê nos fragmentos completos (Anexo A), tal adição não parece relacionar-se com o uso específico da combinação *preposição + objeto + poner (particípio)*, mas com uma escolha de caráter estilístico do tradutor.

entender que o chapéu, assim como o cachimbo, está na mão e não na cabeça. Nesse caso, percebe-se que a explicitação do locativo *na cabeça* após *chapéu* pelo tradutor do PB seria um tanto mais vantajosa no que respeita à leitura que a sua omissão.

As próximas duas tabelas, 16 e 17, revelam as escolhas tradutórias conforme o tipo de particípio envolvido em língua espanhola: verbal ou nominal (tabelas 12 e 13). Tal divisão é justificada pelo fato de que há uma relevante discrepância gramatical entre espanhol e português: enquanto em espanhol o verbo *poner* utiliza-se nas duas formas de particípio, em português, o verbo *pôr* é usual apenas em sua forma de particípio verbal (como em *Ele havia posto o chapéu na cabeça*). Note-se que não se rejeitam realizações do verbo *pôr* em particípio nominal no PB, e tampouco são chamadas de agramaticais. Elas, de fato, chegam a ocorrer na língua-alvo (por exemplo, nas sequências 61, 64 e 79). Não obstante, há de reconhecer-se que elas, além de ser pouco frequentes nas traduções, não têm o mesmo uso do espanhol. Ao passo que é recorrente e comum para falantes de espanhol uma frase como *El hombre salió con el sombrero puesto*, *O homem saiu com o chapéu posto* não é tão familiar aos falantes do PB quanto *O homem saiu de chapéu* ou *O homem saiu com o chapéu na cabeça*.

Pode-se dizer que a postura adotada aqui em muito se parece com a de Slobin (1996), quando o autor explica a lexicalização da trajetória em diversas línguas. Segundo ele, ao apresentar os padrões de um determinado sistema linguístico para lexicalizar a trajetória, não se descartam realizações menos correntes. Assim, embora no inglês tenda-se a expressar a trajetória por uma partícula preposicional e o modo de movimento por um verbo principal (característica das línguas *satellite-framed*), é possível fazê-lo de outra maneira: expressando a trajetória por um verbo principal e o modo de movimento por um adjunto (característica das línguas *verb-framed*). De maneira análoga, o particípio nominal do verbo *pôr* no PB, embora possível, não revela ser o padrão preferido quando se traduz a partir do espanhol.

As colunas das tabelas 16 e 17 seguem o mesmo padrão das anteriores. *Tipo*, portanto, refere-se ao participio em jogo: verbal (PV) ou nominal (PN). Ao não haver participio na tradução, essa coluna não contém dado algum.

Tabela 16 – Elementos presentes na tradução de seqüências com participios verbais

Nº	Auxiliar	Processo	Tipo	Objeto	Locativo	Extra
80	-	Vestira	-	Casaco	-	-
81	Haver	Posto	V	Botas	-	-
82	Ter	Vestido	V	Blusa	-	-
83	-	Vestira	-	Calça, Camisa	-	-
84	Ter	Vestido	V	Roupa, Botas	-	-
85	-	Vestira	-	Vestido	-	-
86	-	Estava com	-	Sapatos, Mantilha de igreja	-	-
87	-	Puseram	-	Suéteres, Luvas, Cachecóis	-	-
88	-	Amarrara	-	Lenço	Pescoço	-
89	-	Vestiram	-	Suéteres	-	-
90	Ter	Colocado	V	Lentes de contato	-	-
91	Haver	Vestido	V	Uniforme	-	-
92	-	Pusera	-	Diadema	Testa	-
93	Haver	Vestido	V	Uniforme	-	-
94	-	Vestidas	N	-	-	-
95	-	Calçava	-	Sapatos	-	-
96	-	Vestira	-	Camisola	-	-
97	Ter	Vestido	V	Maiô	-	-
98	-	Vestira	-	Calças	-	-
99	-	Pôs	-	Anel	Dedo	-

Na tabela 16, As traduções para o PB revelam que, embora sejam gramaticalmente possíveis, estruturas com PVs da língua-fonte podem sofrer profundas alterações. Das 20 seqüências com PVs do espanhol, apenas 07 (ou 35%) foram traduzidas ao PB com o mesmo tipo de participio: 81, 82, 84, 90,

91, 93 e 97. Ao considerar mudanças no processo das sentenças, as alternativas de tradução mais literal diminuem mais: somente em duas sequências – 81 e 90 – se vê *pôr* ou *colocar*; nas outras cinco – 82, 84, 91, 93 e 97 – usa-se *vestir*. Assim, para 20 sequências com PVs do verbo *pôr* no espanhol, opta-se em apenas duas (10%) no PB por traduções literais. Há de se questionar, assim, quais fatores, efetivamente, motivam o uso do processo *vestir* em certos casos.

Não atentando para o tipo de participio em jogo, percebe-se que os tradutores lançam mão de *vestir* com certa frequência. Nas 20 traduções da tabela 16, constam 12 usos de *vestir* (60%). Esse padrão será detalhado na seção subsequente deste trabalho, mas é importante notar alguns dos objetos com que *vestir* ocorre: *casaco*, *vestido*, *blusa*. O status categorial como roupa desses elementos é, certamente, distinto do de *lente de contato*, *diadema* ou *anel*. Portanto, a prototipicidade parece ser uma variável importante para explicar a recorrência de *vestir* nas traduções para o PB, a qual constitui o dado que mais chama a atenção.

Houve um caso pontual de tradução de participio verbal como participio nominal no PB (sequência 94), porém ele é possível devido a uma construção gramatical bastante econômica na língua-alvo. No trecho original, lê-se “—Son madre e hija [...] Dios mío, *qué ropa se han puesto*.”; na tradução, “— São mãe e filha [...] Meu Deus, *como estão vestidas*.”. Além de uma mudança no tempo verbal (do pretérito perfeito ao presente do indicativo), a categoria superordenada roupa, explicitada na língua-fonte, torna-se inferida na língua-alvo. Isso é possível pela construção *estão vestidas*, uma vez que, se alguém *está vestido*, está com roupas no corpo. O PN *vestidas*, assim, não se refere ao nome *roupas* (*roupas vestidas*), que sequer está presente na estrutura gramatical da sentença, mas a *mãe e filha* (*mãe e filha estão vestidas*). Traduções de PVs como PNs, portanto, restringiram-se a essa ocorrência específica, na qual se veem algumas diferenças estruturais relevantes entre a língua-fonte e a língua-alvo.

Nº	Auxiliar	Prep.	Processo	Tipo	Objeto	Locativo	Extra
100	Estar	-	Usando	-	Fita	-	-
101	-	-	Estava com	-	Sapatos	-	
102	-	-	Está de	-	Quepe	-	Ainda
103	-	-	lam com	-	Maiô	-	Por baixo
104	-	-	Está com	-	Colete	-	-
105	-	-	Vestia	-	Casaco	-	-
106	-	-	Trazia	-	Casaco	-	-
107	Ter	-	Colocado	V	Meias	-	-
108	-	-	Vestisse	-	Uniforme	-	-
109	-	-	Usa	-	Joias	-	-
110	-	-	Estava com	-	Saia	-	-
111	-	-	Veste	-	Terno	-	-
112	Estar	-	Vestindo	-	Avental	-	-
113	-	-	Vestiu	-	Camisola	-	-
114	-	-	Calçava	-	Alpargata	Pé	-
115	-	-	Vestia	-	Roupa	-	-
116	-	-	Vestia	-	Casaco	-	Ainda
117	-	-	Veste	-	Calça	-	-
118	-	-	Usava	-	Traje	-	-
119	Usar	-	Posto	N	Vestuário	-	-
120	-	-	Vestia	-	Roupa	-	-
121	Ter	-	Posto	V	Boné	-	-
122	-	-	Vestia	-	Calça	-	-
123	Deixar	-	Vestidas	N	Meias	-	-
124	Levar	-	Vestido	N	Tudo [Roupa]	-	-
125	-	-	Vestiam	-	Trapos [Roupa]	-	-
126	-	-	Usamos	-	Cuecas	-	-
127	-	-	Vestia	-	Roupa	-	-
128	-	-	Usava	-	Roupa	-	-
129	Estar	-	Calçada	N	Luva	-	Com

130	-	-	Trazias	-	Roupa	-	-
131	-	-	Traziam	-	Calçado	-	-
132	-	-	Estar com	-	Máscara	-	-
133	-	-	Vinha de	-	Capa	-	-
134	-	-	Tinha	-	Roupão	-	-
135	Ter	-	Posto	V	Maiô	-	-
136	-	-	Estou com	-	Roupa	-	-
137	-	De	-	-	Boné	-	Continuar
138	-	-	Usando	-	Joias	-	-
139	-	Com	-	-	Chapéu	No lugar	-
140	-	Sem	Posto	N	Nada [Roupa]	-	-
141	-	Com	Vestiam	-	[Roupa]	-	-
142	-	-	Vestido	-	-	-	-
143	-	-	Posta	N	Capa	Ombros	-
144	-	Com	-	-	Roupa	-	Do corpo
145	-	-	-	-	-	-	-
146	-	-	Está de	-	Óculos	-	-
147	-	Com	-	-	Botas	Nos pés	-
148	-	-	Fardados	N	-	-	-
149	-	Com	-	-	Chapéu	-	-
150	-	Com	-	-	Roupa	-	-
151	-	-	Calçados	N	Tênis	-	-
152	-	-	Usava	-	Roupa	-	-
153	-	De	-	-	Gorro, Meias, Luvas	-	-
154	-	-	Vestido	N	-	-	-
155	-	Com	Posta	N	Armadura	-	-
156	-	Com	Posta	N	Armadura	-	-
157	-	Com	Calçadas	N	Botinas	-	Em mim
158	-	Com	Posto	N	Chapéu	-	-

As categorias gramaticais que se discutem a partir da tabela 17, relativa a traduções de estruturas com PNs do verbo *poner*, são *processo*, *locativo* e

extra. Isso se deve a que a maioria das diferenças de ordem estrutural foi comentada nas tabelas anteriores, logo, seria redundante repetir as mesmas considerações. O que interessa, de fato, é perceber as regularidades na tradução do PB para estruturas características da língua espanhola. Um desses padrões regulares nas traduções do PB que parece relacionar-se com o uso de estruturas de PN no espanhol é a adição das informações contidas nas colunas *locativo* e *extra*. Em 114, 139, e 147, os locativos dos trechos traduzidos não constam nos originais. Igualmente, em 102, 103, 116, 137, 144 e 157, explicitam-se aspectos inferidos na língua-fonte. Destaque-se que, diferentemente dos locativos da tabela 16, os da tabela 17 (exceto o da sequência 143) não são expressos na língua-fonte. Talvez se possa afirmar, com base nisso, que, em estruturas de PN do espanhol, alguns tradutores afastam-se mais das categorias gramaticais originais. Tal asserção se justificaria nos casos em que o tradutor reconhece que está diante de uma construção própria da língua espanhola e que uma alternativa mais literal não é vantajosa para o leitor do PB.

Na categoria processo, um dos padrões regulares, talvez o mais evidente, e que se constatou também em dados com PVs, é o uso de *vestir*. Em 59 sequências com *poner* em PN na língua-fonte, verificam-se 17 usos de *vestir* na língua-alvo (28,8%). Ao somar esse número ao das traduções relativas aos PVs de *poner* do espanhol, tem-se um total de 29 usos de *vestir* no PB em 79 dados (36,7%). Para melhor detalhar esse padrão, na seção seguinte deste trabalho, enfatizam-se os objetos com que os processos ocorrem nas traduções. Uma vez que *vestir* utiliza-se para traduções tanto de PVs como de PNs com certa frequência e para sequências com verbos auxiliares ou com preposições, uma explicação de cunho puramente gramatical seria insuficiente. Ademais, deve-se relacionar essa estratégia recorrente às outras de caráter diversificado, fazendo os seguintes questionamentos: se *vestir* é uma tradução adequada para *poner* tanto em PV quanto em PN, por que ela não se aplica a todos os casos? Por que, em certas circunstâncias, os tradutores preferem outras estratégias? Por que parecem ser mais adequadas as combinações *vestir o casaco* e *vestir o terno* que *vestir o sapato* ou *vestir o anel*? No momento em que usa *vestir*, o tradutor não estaria categorizando em

termos de melhores e piores exemplares de roupa na língua-alvo? Em 4.3, visa-se responder a cada uma dessas perguntas, procurando argumentar que traduzir implica acessar habilidades cognitivas globais, como a categorização.

4.3 A prototipicidade de objetos da categoria roupa e o seu papel na tradução

Neste bloco, analisam-se as estratégias tradutórias do PB em função do status do objeto da categoria roupa envolvido nas sequências em língua espanhola. O objetivo é verificar se a prototipicidade do elemento em questão tem algum papel nas escolhas dos tradutores. Para isso, parte-se da premissa de que a categoria roupa, assim como qualquer outra, sofre efeitos prototípicos; ou seja, que é possível julgar membros categoriais como melhores ou piores exemplares (ROSCH, 1975; 1978). Se houver evidências de que os tradutores recorrem a estratégias distintas segundo a prototipicidade dos objetos, talvez possa afirmar-se que a atividade tradutória não compreende apenas a ativação de saberes estritamente linguísticos, mas também (e, sobretudo) a ativação de habilidades cognitivas globais, como a categorização.

Neste estudo visa-se, pois, contribuir aos estudos de tradução, aos estudos sobre categorização e à Linguística Cognitiva. Para estas duas últimas áreas, o interesse pode centrar-se nas evidências de que o processo de categorização atua, em sua maior parte, no plano da inconsciência e é percebido, como afirma Lakoff (1987), diante de casos pontuais e, em geral, pouco claros. Dessa maneira, busca-se, a partir das manifestações linguísticas concretas presentes na tradução, tentar explicar os caminhos percorridos pela cognição no momento de lidar com dois sistemas gramaticais e conceituais próximos, mas não equivalentes.

Uma vez que o foco desta seção reside nas estratégias utilizadas pelos tradutores, organizam-se os dados da língua-alvo somente. A seguir, apresentam-se tabelas nas quais se agrupam os dados com base no status dos objetos da categoria roupa em questão. Na primeira, compilam-se os objetos da categoria roupa que ocorreram no *corpus* deste trabalho segundo a

prototipicidade de cada um. Na segunda, discutem-se as estratégias dos tradutores para os objetos mais prototípicos: aqueles que podem ser destacados como os *melhores exemplares* de peças de roupa. Na terceira, revelam-se as traduções relativas aos objetos que não se situam em nenhum dos extremos: aqueles cujo status categorial varia de maneira mais ampla. Na quarta, por fim, abordam-se as alternativas linguísticas utilizadas pela tradução com os objetos menos prototípicos: aqueles que podem ser concebidos como os *piores exemplares* de peças de roupa.

Como determinar, porém, esse status dos elementos categoriais sem recorrer à simples intuição? A resposta para tal pergunta está no estudo de Rosch (1975), em que a autora apresenta resultados relativos à prototipicidade de objetos da categoria roupa. Embora sejam dados coletados com falantes de língua inglesa, a maioria dos objetos analisados corresponde àqueles encontrados no *corpus* do presente trabalho. Para abranger todas as peças de roupa encontradas nas 14 traduções do PB, porém, aplicou-se um teste inspirado no de Rosch (1975) a 17 falantes do PB durante a realização dos cursos *Categorização da Linguagem*, ministrado durante a *I Escola de Inverno* do Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO), e *Categorização e Cognição*, ministrado durante a *I Jornada de Estudos da Linguagem* do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Ambos os eventos aconteceram na UFPel durante o ano letivo de 2015 e foram frequentados, majoritariamente, por discentes da Graduação e da Pós-Graduação em Letras da referida instituição.

Ao longo das 14 traduções, encontraram-se 41 categorias distintas, sendo 38 relativas ao nível básico. Para cada objeto de nível básico, tem-se um valor de referência para prototipicidade, entre um (1.0) e sete (7.0). 1.0 representa que se trata de um exemplar categorial excelente: um elemento mais prototípico da categoria; 7.0, que se trata de um exemplar categorial péssimo: um elemento menos prototípico da categoria. Por exemplo, enquanto *saia* estaria mais próximo de 1.0 e distante de 7.0, *anel* estaria mais próximo de 7.0 e distante de 1.0. Os valores de referência adotados foram aqueles obtidos no teste com falantes do PB, complementando-os com os valores encontrados

em Rosch (1975), se necessário. Isso apenas foi feito, no entanto, quando os objetos em língua inglesa correspondiam aos do PB sem suscitar dúvida (p. ex.: *sock* – *meia*). Havendo discrepâncias salientes entre os valores dos informantes do PB e do inglês para algum elemento, tecem-se comentários. Ressalte-se que o uso de dados de falantes do inglês supõe uma vantagem quantitativa, pois se aplicou um teste de categorização a 209 sujeitos. Ao utilizar os dados do teste com falantes do PB, por outro lado, lida-se com os dados de 17 sujeitos.

Aponte-se, ainda, que falantes do inglês dos Estados Unidos e do português do Brasil compartilham uma cultura similar no que respeita à moda: a cultura ocidental. Nela, fazem parte do vestuário do cotidiano, por exemplo, peças como camisa, calça ou bermuda. Não obstante, há roupas que são características de regiões específicas, como o poncho (da América do Sul). Também há aquelas que, embora comuns à cultura ocidental, dependem de fatores externos (como o clima de uma região) para ser mais ou menos usadas pelos indivíduos, tais como regata e chinelos (frequentes em regiões tropicais); gorro e cachecol (frequentes em regiões temperadas). Saindo da cultura do ocidente, as diferenças são ainda maiores. A burca, vestimenta típica das mulheres no Oriente Médio, por exemplo, não é sequer encontrada à venda em lojas populares de departamento no Brasil. As diferenças transculturais da categoria roupa, portanto, não são poucas e delas há de se ter ciência. No entanto, as diversas semelhanças compartilhadas dentro da cultura ocidental permitem aproximar os dados de falantes do PB aos dos falantes do inglês dos Estados Unidos. Tais similitudes não são fictícias, mas evidenciadas a partir dos dados que serão apresentados. Neles, de fato, constatam-se numerosas coincidências entre os valores atribuídos para os objetos da categoria de roupa, tanto para os mais quanto para os menos prototípicos.

A média dos valores atribuídos pelos 17 informantes a cada um dos objetos foi calculado com o auxílio do programa estatístico *SPSS Statistics* (17.0). Além disso, o programa possibilita criar gráficos e tabelas com base nos próprios dados organizados, o que ajuda na disposição visual desta seção. Outro grande benefício propiciado pelo programa, e de grande interesse na

presente pesquisa, é o cálculo do desvio padrão para a pontuação de cada objeto. Por meio do desvio, é possível constatar se há maior ou menor concordância entre os sujeitos para atribuir a nota a um elemento. Por exemplo, se dois objetos tiverem uma média parecida, mas um deles apresentar alto desvio padrão, significa que os informantes julgam tais elementos distintamente. O alto desvio padrão representa, em suma, menor concordância entre os juízos atribuídos pelos informantes, constituindo os casos menos claros. O baixo desvio padrão, de outro lado, representa uma maior concordância, dizendo respeito aos casos mais claros da categoria roupa.

Além dos dados que concernem aos objetos da categoria roupa, há os relativos à própria categoria superordenada: traduções de trechos como “Se tiró sobre la cama en la oscuridad y con *la ropa puesta* [...]” (Crônica de uma morte anunciada). Neles, faz-se alusão não a um objeto específico da categoria, de nível básico, mas a todos que compõem o vestuário de uma entidade humana. Por tratar-se de uma categoria superordenada, de nível abstrato e para a qual não há uma imagem mental que se possa acessar (LAKOFF, 1987), não lhe foi atribuída nenhuma pontuação.³⁷ Assim, apenas por meio das traduções será possível depreender se a categoria superordenada roupa ativa esquemas próprios de objetos mais ou menos prototípicos.

Na tabela seguinte, apresentam-se as pontuações de todos os objetos que ocorreram no *corpus*, partindo dos exemplares considerados mais prototípicos da categoria roupa (valores mais próximos de 1.0) em direção àqueles menos prototípicos (valores mais próximos de 7.0). Os dados concernem a categorias de nível básico apenas, sendo assim, não se tem pontuações para *jóia*, *calçado* (categorias que se situariam entre os níveis básico e superordenado) ou *roupa* (categoria superordenada): dados que ocorreram ao longo das obras. A alternativa encontrada para estipular um valor

³⁷ Nos testes de Rosch (1975), não se atribui pontuação às categorias superordenadas, uma vez que não faria sentido perguntar aos informantes algo do tipo “Você julga *roupa* um bom exemplar da categoria roupa?”

ao primeiro caso foi a inclusão, no teste, dos objetos *corrente* e *pulseira*, que podem conceber-se como joias (assim como *anel*). Por sua vez, a pontuação de *calçado* determina-se com base nas de *sapato*, *bota*, *tênis* e *alpargata*, quatro tipos de calçado. Embora não se tenha nenhum valor para a categoria superordenada roupa, será feita uma discussão partindo não do objeto em si, mas do processo com que ocorre. Desse modo, será possível verificar se os tradutores pensam em melhores ou piores exemplares quando utilizam a categoria *roupa* com base nas estratégias a que recorrem. Por último, destaque-se que a pontuação de *botina* é adotada a partir da de *bota*; e as pontuações de *óculos* e *traje*, objetos que não figuraram no teste, são abordadas assim como a de *roupa*: a partir do processo com que aparecem nos dados, sendo discutidas separadamente. Assim, o número total de objetos com pontuações é 37 (adicionam-se *corrente* e *pulseira*, suprimem-se *botina*, *óculos* e *traje*).

A primeira coluna da tabela 18 contém todos os objetos de nível básico que ocorreram no *corpus* e a que os sujeitos do PB atribuíram pontuações. A segunda, *Valid*, refere-se à quantidade de pontuações válidas para um determinado elemento nos testes; e a terceira, *Missing*, à quantidade de pontuações não válidas. Todos os casos de não validade (apenas dois) dizem respeito a lacunas deixadas pelos informantes, ou seja, a resultados de falta de atenção no momento de realizar o teste. A quarta coluna, *Mean*, concerne à média das pontuações dadas pelos sujeitos, variando de 1.0 (excelente exemplar categorial) a 7.0 (péssimo exemplar categorial). A última coluna *Std. Deviation* (*Standard Deviation*) mostra o desvio padrão de cada elemento, revelando quais objetos provocaram maior e menor discordância entre os informantes.

Tabela 18 – Pontuações atribuídas aos elementos da categoria roupa

		N		Mean	Std. Deviation
		Valid	Missing		
01	Calças	17	0	1,00	,000
	Camisa	17	0	1,00	,000

	Vestido	17	0	1,00	,000
04	Blusa	17	0	1,06	,243
05	Casaco	17	0	1,12	,332
06	Suéter	17	0	1,18	,393
07	Saia	17	0	1,18	,529
08	Uniforme	17	0	1,24	,562
09	Terno	16	1	1,25	,683
10	Cueca	17	0	1,88	1,495
11	Colete	17	0	2,00	1,500
12	Camisola	17	0	2,12	1,616
13	Meias	17	0	2,35	1,902
14	Maiô	17	0	2,47	1,328
15	Cachecol	17	0	3,18	1,811
16	Roupão	17	0	3,24	1,602
17	Capa	17	0	3,59	1,906
	Lenço	17	0	3,59	1,906
19	Gorro	17	0	3,94	2,221
20	Avental	17	0	4,12	1,799
21	Luva	17	0	4,12	2,118
22	Mantilha de igreja	17	0	4,65	2,234
23	Tênis	17	0	4,65	2,370
24	Alpargata	17	0	4,71	2,568
25	Sapato	17	0	4,94	2,461
26	Quepe	17	0	5,00	1,969
27	Boné	17	0	5,12	1,900
28	Bota	17	0	5,12	2,205
29	Chapéu	16	1	5,19	1,940
30	Armadura	17	0	5,65	1,869
31	Diadema	17	0	6,18	1,510
32	Fita de cabelo	17	0	6,24	1,522
33	Pulseira	17	0	6,29	1,213
34	Anel	17	0	6,35	1,320
35	Máscara	17	0	6,59	1,064
36	Corrente	17	0	6,65	,862
37	Lente de contato	17	0	6,82	,529

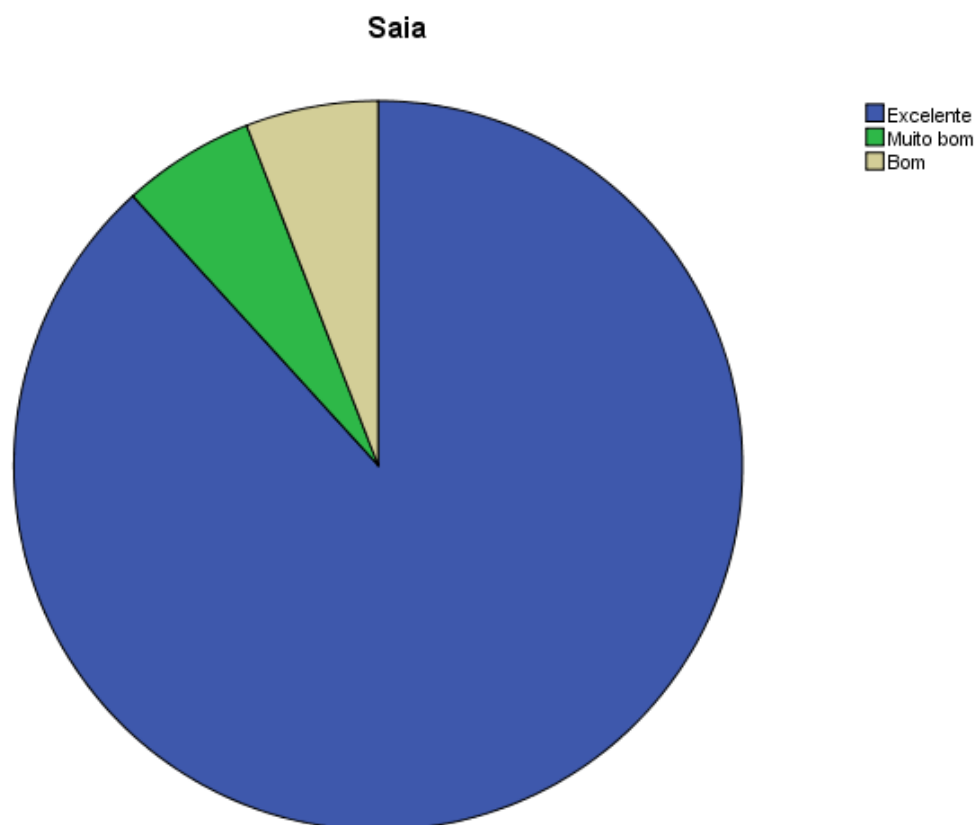
Na tabela 18, é possível observar que os informantes do PB, da mesma maneira como afirma Rosch (1975) sobre os de língua inglesa, concordam mais amplamente em relação aos exemplares categoriais considerados mais representativos. Assim, de 01 a 11, as pontuações dos objetos variam entre 1.0 e 2.0 e têm desvio padrão de até 1.5. De 01 a 09, note-se, porém, que o desvio mais alto é de apenas 0.683. De 01 a 06, tem-se uma diferença de menos de 0.500 nos juízos (0.393); e, de 01 a 03, não há desvio nenhum (0.000). Para os exemplares categoriais menos representativos, não obstante, verifica-se também certa concordância entre os sujeitos. De 31 a 37, as pontuações variam entre 6.0 e 7.0, apresentando desvio padrão de até 1.6. No extremo dos exemplares menos ideais da categoria, os objetos 36 e 37 tiveram desvio inferior a 0.900 (*corrente*: 0.862; *lente de contato*: 0.529). Apesar disso, diferentemente do que se constata com exemplares categoriais mais prototípicos, não há concordância tão ampla para os objetos menos representativos de roupa. De 31 a 37, por exemplo, nenhum exemplar teve desvio menor que 0.500.

A pontuação da grande maioria dos objetos, de 12 a 30, variou de 2.0 até 6.0. Embora alguns desses exemplares aproximem-se das pontuações extremas (de 1.0 a 2.0 e de 6.0 a 7.0), o que os diferencia dos objetos mais e menos ideais é a pouca concordância em relação à prototipicidade entre os informantes. De 12 a 30, o desvio encontrado nos juízos atribuídos pelos sujeitos aos elementos da categoria roupa varia entre 1.328 e 2.568. Deve-se mencionar que, nesses casos, as pontuações mais discrepantes dizem respeito a objetos que cobrem superfícies restritas do corpo humano (cabeça, pés, mãos, pescoço), e não superfícies amplas (peito, dorso ou pernas). Calçados, por exemplo, representaram quatro dos seis maiores desvios entre todos os elementos (*bota*: 2.205; *tênis*: 2.370; *sapato*: 2.461; *alpargata*: 2.568). *Meias*, categoria básica que também cobre os pés humanos, embora tenha pontuação 2.35, tem desvio de 1.902. Objetos que cobrem a cabeça, igualmente, mostraram desvios altos: todos superiores a 1.900 (*boné*: 1.900; *chapéu*: 1.940; *quepe*: 1.969; *gorro*: 2.221). Tais dados podem indicar que, para elementos que não são casos claros da categoria (nem excelentes, nem péssimos exemplares), o tipo de superfície coberta pelo objeto influencia nos

juízos dos sujeitos. Em resumo, há 11 elementos com pontuações entre 1.0 e 2.0; 19 com pontuações entre 2.0 e 6.0; e sete com pontuações entre 6.0 e 7.0.

Nos gráficos que seguem, ilustra-se a homogeneidade presente ou ausente nos juízos atribuídos pelos informantes a um objeto bastante representativo da categoria roupa (saia), a um objeto nem muito nem pouco representativo (tênis) e a um objeto não representativo (corrente). As pontuações, de 1.0 a 7.0, são expressas pelos termos *excelente* (1.0), *muito bom* (2.0), *bom* (3.0), *médio* (4.0), *ruim* (5.0), *muito ruim* (6.0) e *péssimo* (7.0).

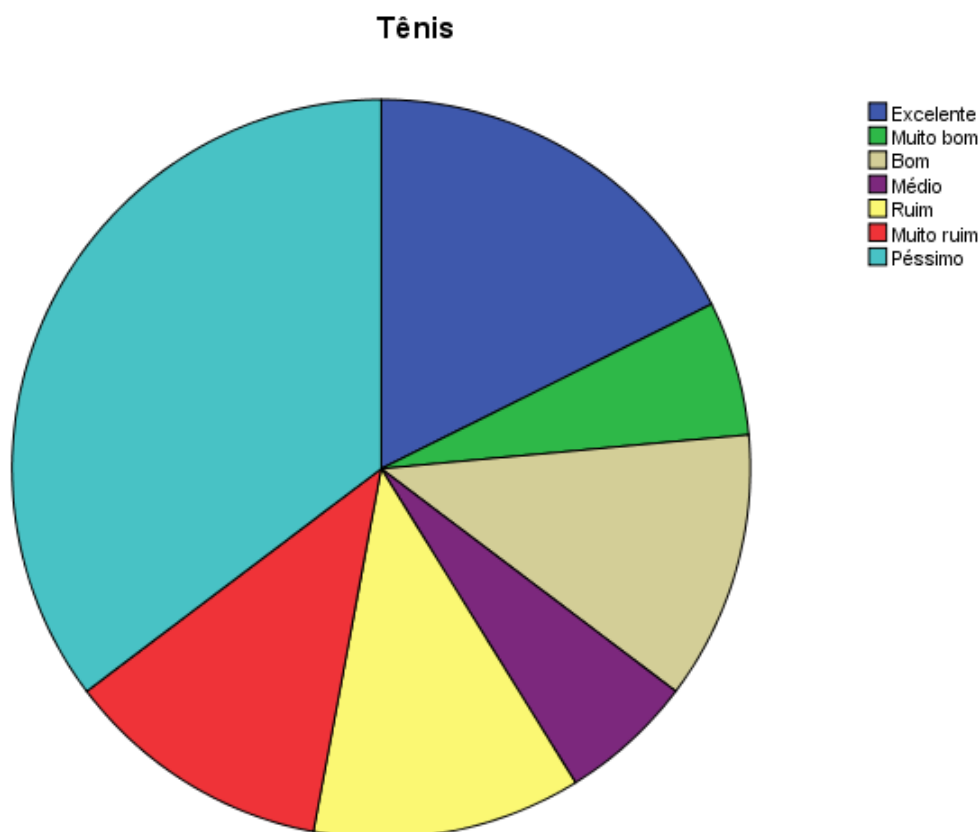
Gráfico 1 – Juízos atribuídos ao elemento *saia* pelos informantes do PB



No gráfico 1, observa-se que as respostas dos informantes para *saia* são pouco variadas, alternando apenas entre *excelente* (1.0) e *bom* (3.0). A

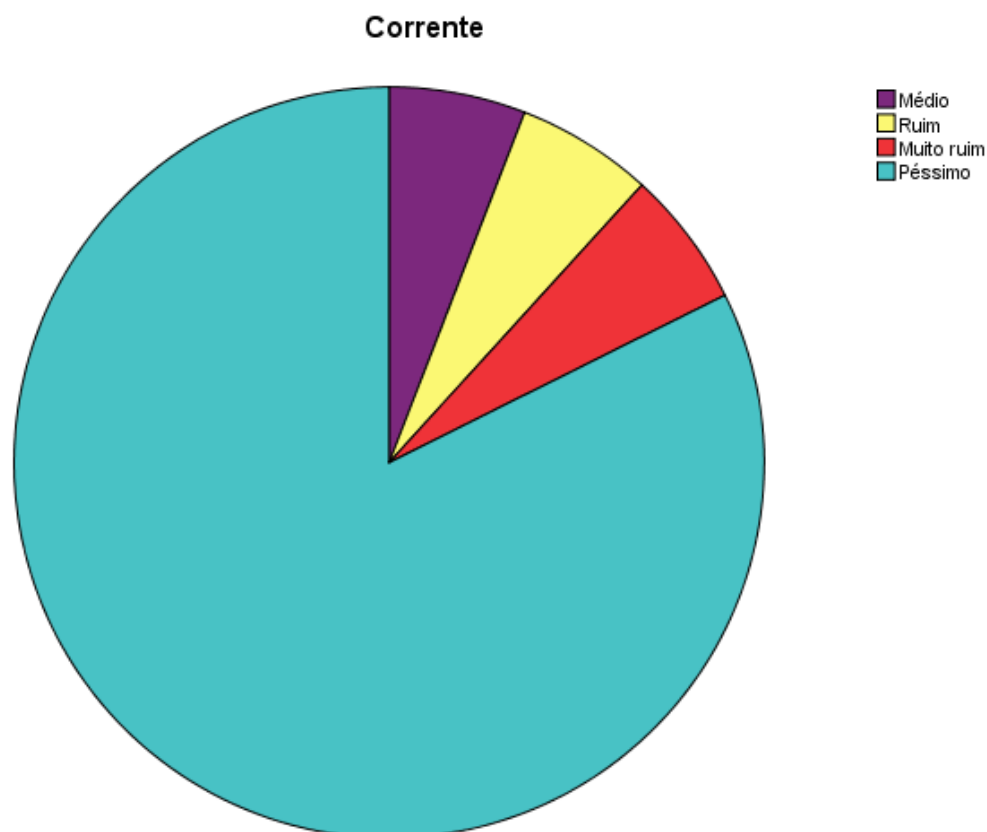
concordância para esse objeto, logo, é alta, constituindo um dos casos mais claros da categoria roupa e podendo ser chamado de exemplar prototípico.

Gráfico 2 – Juízos atribuídos ao elemento *tênis* pelos informantes do PB



No gráfico 2, em contrapartida, as respostas dos informantes para *tênis* variam amplamente dentro do espectro de juízos possíveis, de *excelente* (1.0) a *péssimo* (7.0). A concordância para esse objeto, portanto, é muito baixa entre os sujeitos, o que se sustenta pelo fato de que as duas respostas extremas são as mais frequentes. Pode-se afirmar que *tênis* constitui um dos casos menos claros da categoria, ou seja, é um dos objetos que provoca maior discordância entre os falantes do PB quando a tarefa é atribuir um juízo em relação à categoria superordenada roupa.

Gráfico 3 – Juízos atribuídos ao elemento *corrente* pelos informantes do PB



No gráfico 3, percebe-se que as respostas dos informantes para *corrente* são mais homogêneas que para *tênis*, mas menos que para *saia*. As pontuações variam de *médio* (4.0) a *péssimo* (7.0), o que indica uma concordância relativamente alta entre os juízos dos falantes do PB. Com base nisso, evidencia-se que *corrente*, embora seja considerado um exemplar pouco representativo de roupa, constitui um caso claro para os sujeitos, assim como *saia*.

Comparando os resultados desse teste com os daqueles obtidos por Rosch (1975) com falantes de língua inglesa, há mais similaridades que diferenças. Embora Rosch (1975) tenha feito o experimento com um número maior de sujeitos (209) e de objetos (55), os três exemplares considerados mais representativos da categoria, por exemplo, foram os mesmos: calças (*pants*), camisa (*shirt*) e vestido (*dress*). De fato, assim como no PB, há 11 elementos com pontuações até 2.0 pontos em língua inglesa. 10 deles

coincidem com os 13 primeiros objetos do teste do PB: *pants* (calças), *shirt* (camisa), *dress* (vestido), *skirt* (saia), *blouse* (blusa), *suit* (terno)³⁸, *slacks* (calças sociais)³⁹, *coat* (casaco), *sweater* (suéter), *underpants* (cueca). Em relação aos exemplares menos representativos, a coincidência foi menor: há sete elementos em língua inglesa com pontuações de 6.0 a 7.0, dos quais dois coincidem com os sete menos prototípicos do PB: *ring* (anel) e *bracelet* (bracelete ou pulseira). Quanto aos objetos situados entre os extremos, as diferenças e as semelhanças entre os dados do PB e do inglês não se discutem. A escolha justifica-se porque, além de haver vários exemplares diferentes nos testes com informantes das duas línguas (que podem não equivaler do ponto de vista semântico), não se tem acesso aos dados relativos ao desvio padrão dos elementos do inglês. Esses resultados são considerados importantes para, posteriormente, traçar paralelos entre a categorização dos objetos de roupa e as estratégias utilizadas pelos tradutores do PB para traduzir as sequências do espanhol com o verbo *poner* em participio.

A seguir, revelam-se os processos que acompanham, nas traduções do PB, os objetos da categoria roupa segundo a prototipicidade estipulada a partir do teste aplicado a falantes do PB. Objetiva-se, dessa maneira, verificar se o status de um determinado objeto da categoria roupa pode importar no momento de traduzir para o PB sequências de língua espanhola formadas pelo verbo *poner* (com a acepção de *vestir-se*) em participio. Inicialmente, apresentam-se e discutem-se as estratégias que concernem aos exemplares julgados como mais representativos da categoria, seguidas daquelas que se referem aos exemplares menos representativos e das que ocorrem com objetos que não fazem parte de nenhum extremo. Após, detalham-se os casos em que o objeto em questão é *óculos* e em que há omissão do objeto no PB. Por último, trazem-se as traduções escolhidas quando a categoria envolvida é a superordenada *roupa*, com a finalidade de constatar se as estratégias

³⁸ Além de *suit*, há também *tuxedo*, tradução possível para o *terno* do PB. Porém, a segunda categoria do inglês é mais específica, referindo-se a um tipo especial de terno.

³⁹ Tanto *pants* como *slacks* podem ser traduzidas como *calças* no PB, sendo a primeira categoria do inglês mais inclusiva e a segunda menos. *Slacks* poderia traduzir-se mais acuradamente no PB como *calças sociais*.

tradutórias nesses casos aproximam-se daquelas utilizadas com elementos mais ou menos prototípicos ou se há algum dado distinto.

Na tabela 19, relacionam-se os 11 objetos mais representativos da categoria roupa, segundo o teste com falantes do PB, com os processos escolhidos nas traduções para a língua-alvo. As colunas, portanto, são somente duas: objeto e processo. Na segunda, constam todas as ocorrências de processos. Por exemplo, enquanto há apenas um para *camisa*, há quatro para *calças*, devido às ocorrências no *corpus* (são quatro ocorrências com *calças* e uma com *camisa*). Não se acrescentaram colunas para locativos ou informações adicionais, pois somente houve um caso de ocorrência de *ainda*, com o objeto *casaco* e com o processo *vestir*.

Tabela 19 – Relação entre os objetos com pontuações entre 1.0 e 2.0 da categoria roupa e os processos utilizados para acompanhá-los nas traduções do PB

Objeto	Processo
Calças	Vestir
	Vestir
	Vestir
	Vestir
Camisa	Vestir
Vestido	Vestir
Blusa	Vestir
Casaco	Vestir
	Vestir
	Trazer
	Vestir
Suéter	Pôr
	Vestir
Saia	Estar com
	Vestir

Uniforme	Vestir
	Vestir
Terno	Vestir
Cueca	Usar
Colete	Estar com

No total, há 20 ocorrências no *corpus* para os 11 objetos mais representativos da categoria roupa. Quatro relativas a *calças*, uma a *camisa*, uma a *vestido*, uma a *blusa*, quatro a *casaco*, duas a *suéter*, uma a *saia*, três a *uniforme*, uma a *terno*, uma a *cueca* e uma a *colete*. Nessas traduções em que se envolve um objeto com pontuação de até 2.0 no teste aplicado a falantes do PB, 15 (75%) utilizam *vestir* e 5 (25%) variam entre *estar com*, *pôr* e *usar*. Perceba-se, porém, a diferença de significado, atentando apenas para a língua-alvo, entre um trecho como “Lisandro *vestia* um casaco de quadrados negros e coloridos, de lã, com fecho eclair até a garganta.” e outro como “O casaco *que trazia* não era impermeável, mas de lã com gola de coelho, e não cheirava bem.”. Enquanto no primeiro o leitor não precisa inferir o processo ocorrido com o objeto *casaco* (tê-lo vestido), no segundo, o mesmo leitor precisa de informações adicionais (no próprio texto) para interpretar *trazer* como *vestir*. É o que ocorre na sequência que contém o objeto *colete*: “Há um velho no meio da luz. Está descalço. Veste roupa de roça. Mas *está com um colete*. No colete reluz uma corrente de relógio.”. Nesse caso, *estar com* é interpretado como *vestir* devido a um recurso anafórico, uma vez que, na frase anterior, usa-se o próprio *vestir*. Na ocorrência de *pôr*, por sua vez, a tradução escreve “Quando chegaram a Huancavelica já era noite. Fazia frio e *puseram suéteres, luvas de lã e cachecóis*.”. Assim como nos exemplos anteriores, aqui são necessárias informações de ordem contextual para que *pôr* signifique *vestir* na leitura. Em verdade, *pôr* tem, necessariamente, de ser *vestir*, uma vez que *fazia frio* e que *suéteres, luvas de lã e cachecóis* são peças que as pessoas vestem em baixas temperaturas. É importante notar que tais sutilezas de sentido devem ser detalhadas na língua-alvo, pois não se manifestam na língua-fonte. Em nenhum dos trechos originais, o leitor de língua espanhola recorre a estratégias

de natureza inferencial ou contextual para interpretar a combinação *objeto + poner (participio)* como *vestir*.

Ao levar em conta a língua-fonte, constatam-se algumas diferenças interessantes entre o significado das sequências originais e das respectivas traduções. No excerto em que o tradutor opta por *usar* no PB, o original escreve “[...] desde entonces estamos como estamos debiendo hasta *los calzoncillos que llevamos puestos* mi general [...]”. A tradução, por sua vez, escolhe “[...] desde então estamos como sempre devendo até *as cuecas que usamos* meu general [...]”. Embora muito pouco perceptível, há um detalhe que traduzir *llevar puesto* por *usar* implica. No espanhol, tem-se a certeza de que o referido objeto (*calzoncillo*) está sendo usado (vestido) naquele exato momento enunciativo pela pessoa do discurso. Por outro lado, tal informação aspectual está ausente na tradução, pois não é claro se a pessoa do discurso deve as *cuecas que usa* naquele momento ou em qualquer momento. Note-se, não obstante, que se trata de uma diferença irrelevante nesse fragmento específico, pois não traz nenhuma alteração no entendimento de um leitor da língua-fonte e da língua-alvo.

Em seguida, na tabela 20, apresentam-se os processos que ocorreram com os 19 objetos não situados em nenhum dos extremos da prototipicidade: os que não se consideram bons nem maus exemplares da categoria roupa (pontuações de 2.0 a 6.0). As colunas contidas são as mesmas da tabela anterior, somadas à relativa às informações adicionais (*complemento*), que foram mais frequentes com esse tipo de objeto (incluem-se locativos, adjuntos e complementos de toda natureza gramatical). Ainda, a coluna relativa ao processo envolvido abrange também preposições, pois, em alguns casos, os tradutores optaram por combinações do tipo *preposição + objeto (+ locativo)*.

Tabela 20 – Relação entre os objetos com pontuações entre 2.0 e 6.0 da categoria roupa e os processos ou as preposições utilizados para acompanhá-los nas traduções do PB

Objeto	Proc./Prep.	Complemento
--------	-------------	-------------

Camisola	Vestir	-
	Vestir	-
Meias	Colocar	-
	De	-
	Vestir	-
Maiô	Ir com	Por baixo
	Vestir	-
	Pôr	-
Cachecol	Pôr	-
Roupão	Ter	-
Capa	Pôr	Ombros
	Vir de	-
Lenço	Amarrar	Pescoço
Gorro	De	-
Avental	Vestir	-
Luva	Pôr	-
	De	-
	Calçar	-
Mantilha de igreja	Estar com	-
Tênis	Calçar	-
Alpargata	Calçar	Pé
Sapato	Estar com	-
	Estar com	-
	Calçar	-
Quepe	Estar de	-
Boné	De	Continuar
	Pôr	-
Bota	Pôr	-
	Vestir*	-
	Com	Pés
	Calçar	Em mim
Chapéu	Com	No lugar
	Com	-

	Pôr	-
Armadura	Pôr	-
	Pôr	-

O número de ocorrências com esses 19 objetos da categoria no *corpus* é 36. Em cada uma delas, recorreu-se a um processo ou a uma preposição e, em algumas, a uma informação complementar. Dos 36 dados, o número de estratégias com *vestir* é de apenas seis (16,7%), sendo que, em uma ocasião (marcada por asterisco), com o objeto *bota*, houve uma coordenação com a categoria superordenada roupa: “Se não fosse pela chegada do bispo, *teria vestido a roupa cáqui e as botas de montar* com que ia, nas segundas-feiras, a *O Divino Rosto*, a fazenda que herdou do pai [...]”. Além disso, a oração relativa que segue o sintagma *botas de montar* é *com que ia*, referente a outro processo: *ir com*. À exceção desse caso com *botas* e da única ocorrência com *meias*, percebe-se que os outros objetos com os quais se usou *vestir* cobrem superfícies amplas do corpo: *camisola*, *maiô* e *avental*. Ainda, destaque-se que *camisola*, *meias* e *maiô* foram categorias básicas às quais os falantes do PB atribuíram pontuações abaixo de 2.5, o que as aproxima de exemplares mais prototípicos da categoria.

As outras 30 estratégias tradutórias que não recorrem a *vestir* envolvem um processo (13 dados: 36,1%), uma preposição (04 dados: 11,1%), processos preposicionados (06 dados: 16,7%) ou combinações do tipo *processo + complemento* (04 dados: 11,1%) e *preposição + complemento* (03 dados: 8,3%). Dentre as 13 que envolvem somente um processo, apenas três contêm um verbo de caráter específico: *calçar* (com os objetos *luva* e *sapato*). As outras 10 fazem uso de processos de caráter geral, como *pôr*, *colocar* e *ter*. Nas quatro em que se utiliza só uma preposição, as formas escolhidas foram *de* (três vezes) e *com* (uma vez), com os objetos *meias*, *gorro*, *luva* e *chapéu*. Nas seis em que há processos preposicionados, aparecem *estar com*, *estar de*, *vir de* e *ir com*, e os objetos das sequências são *maiô*, *capa*, *mantilha de igreja*,

sapato (duas vezes)⁴⁰ e *quepe*. Há, ainda, um complemento para a sequência que contém *ir com: por baixo*. Nas quatro em que há combinações *processo + complemento*, ocorrem dois verbos de significação específica (*amarrar* e *calçar*) somados a locativos (respectivamente, *pescoço* e *pé*) e um verbo inclusivo (*pôr*) somado a um locativo (*ombros*). Há também uma combinação de *calçar* com uma informação complementar (*em mim*). Os objetos em questão, nesses casos, são *capa* (processo *pôr*, complemento *ombros*), *lenço* (processo *amarrar*, complemento *pescoço*), *alpargata* (processo *calçar*, complemento *pé*) e *bota* (processo *calçar*, complemento *em mim*). Por último, nos três dados que contêm combinações *preposição + complemento*, as formas preposicionais foram *com* (duas vezes) e *de* (uma vez) e os complementos *continuar*, *pés* e *no lugar*. Os locativos ocorreram quando havia a preposição *com* (*com as botas nos pés*; *com o chapéu no lugar*) e a informação aspectual veiculada por *continuar* apareceu quando havia a preposição *de* (*continuum de boné*). Os objetos envolvidos nesses casos são *boné*, *bota* e *chapéu*. Destaque-se que as informações locativas são expressas, em todos os casos, quando há objetos que cobrem superfícies específicas do corpo: *capa*, *lenço*, *alpargata*, *bota* e *chapéu*. Apenas nos casos de *capa* e *lenço* os locativos são expressos também na língua-fonte; nos outros, de *alpargata*, *bota* e *chapéu*, são próprios da língua-alvo.

Com base nos dados até o momento, comprova-se um número variado de estratégias usadas no PB para traduzir sequências do espanhol compostas por um objeto da categoria roupa com pontuação entre 2.0 e 6.0 e pelo verbo *poner* em participio. A maioria das traduções que não contém *vestir* ou alguma informação complementar tem uma interpretação que depende altamente do contexto linguístico. Um exemplo é o seguinte trecho: “—Só quando perseguida e oculta posso agir; perdoada, sou inútil; consagrada, sou tão cruel quanto meus seguidores; condenada, mantenho a chama da sabedoria esquecida. Tinha que sobreviver. *A máscara*, depressa, não temos muito tempo... Na escuridão tocas o rosto de Celestina... Está coberto por outra máscara de

⁴⁰ Em uma dessas ocorrências, usa-se a categoria não básica *calçado*. Contudo, dada a representatividade de *sapato* como um *calçado*, o dado foi organizado junto com essa categoria de nível básico.

plumas, aranhas mortas, dardos... —*Estás com ela...* —Eu com a minha, tu com a tua, depressa...”. Para entender que *estás com ela* significa *estás usando a máscara no rosto*, o leitor do PB precisa recorrer não apenas ao referente de *ela* (*a máscara*), mas também a outras informações. Se não for assim, poderá surgir a seguinte dúvida: a personagem está usando o objeto (a máscara) no rosto ou está portando-a nas mãos ou em algum outro lugar?⁴¹ Reconheça-se que as duas interpretações são possíveis quando se olha unicamente para a sequência *estar com a máscara*. Em outros casos, no entanto, expressar um locativo pode ser necessário para eliminar uma ambiguidade na leitura, como em “Minha Nini havia me trazido uma pequena fotografia plastificada do meu Popo, na qual ele aparecia sozinho, uns três anos antes de sua morte, *com seu chapéu e o cachimbo na mão*, sorrindo para a câmera.”. Veja-se que o locativo *na mão* pode referir-se tanto somente a cachimbo como a chapéu e cachimbo. As informações circundantes, nesse caso, não ajudam a complementar o significado da sentença devidamente, uma vez que, na língua-fonte, tal ambiguidade inexistente. Em face disso, acrescentar *na cabeça* após *chapéu* poderia ter sido uma alternativa viável para que a interpretação na língua-alvo não fosse prejudicada.

Em outras situações, o uso dos locativos é, de fato, imprescindível para a compreensão leitora da cena, como em “Havia tirado o paletó e estava sentado na cama, com o cestinho entre as pernas, comendo as pamonhas com as mãos. Amarrara o lenço *no pescoço*, à guisa de guardanapo.”. Aqui, caso *no pescoço* fosse omitido, a inferência seria, de fato, muito difícil. Isso se deve, em suma, a que lenços podem ser amarrados em outras partes do corpo, como na cabeça, por exemplo. Mesmo com a explicação subsequente, *à guisa de guardanapo*, a não expressão do locativo causaria a sensação de que há algo faltando. Curiosamente, esse é um dos poucos dados em que a informação locativa é explicitada também na língua-fonte. Portanto, parece importar, nas duas línguas, o tipo de objeto envolvido na cena quando se exprime um locativo. Note-se que, diferentemente, a combinação *calçar o sapato no pé* soa

⁴¹ Badaracco e Brum-de-Paula (2015) discutem um exemplo parecido com o objeto *máscara*, porém, nele, expressa-se um locativo (*no rosto*).

um tanto redundante se comparada à anterior, *amarrar o lenço no pescoço*. Isso se explica na nossa própria experiência com sapatos, por meio da qual sabemos que eles somente podem ser usados nos pés.

Na tabela 21, a seguir, constam os processos e as informações complementares que ocorreram com os objetos considerados pelos falantes do PB como menos representativos da categoria roupa (pontuações de 6.0 a 7.0). Na tabela 18, esses elementos são sete, porém dois deles, *pulseira* e *corrente*, foram acrescentados para dar conta da categoria não básica *joia*. Como é essa categoria não básica que aparece nos dados, na próxima tabela, suprimem-se *pulseira* e *corrente*, objetos que servem de referência para a pontuação de *joia*, e adiciona-se *joia*.

Tabela 21 – Relação entre os objetos com pontuações entre 6.0 e 7.0 da categoria roupa e os processos utilizados para acompanhá-los nas traduções do PB

Objeto	Processo	Complemento
Diadema	Pôr	Na testa
Fita de cabelo	Usar	-
Joia	Usar	-
	Usar	-
Anel	Pôr	No dedo
Máscara	Estar com	-
Lente de contato	Colocar	-

O tipo de processo que ocorre com os objetos menos representativos da categoria roupa, como se vê na tabela 21, é de caráter abrangente: *usar* (03 dados), *pôr* (02 dados), *estar com* (01 dado), *colocar* (01 dado). Com *usar*, não há ocorrências de nenhum complemento, porém o significado amplo desse verbo requer que a noção de *vestir* seja apreendida por meio de uma inferência. Leia-se o trecho “[...] disse que em Nova Orleans sua mãe aparecia à varanda, nos dias de festa, *usando todas as joias*, para que a cidade inteira a admirasse ao passar...”. O que está implícito é que as joias estão *no corpo* da personagem e não em outro lugar, evocando um sentido de *usar joias* que

pode se considerar como não marcado (mais prototípico). Com *pôr*, de outro lado, usaram-se complementos locativos, *na testa* e *no dedo*, assim como na língua-fonte.⁴² No caso de *estar com*, a combinação *estar com a máscara*, como já discutido, poderia ter sido complementada com um locativo (*no rosto*), a fim de dissipar dúvidas na leitura da versão traduzida. Por último, com *colocar*, o objeto envolvido é *lente de contato*, o menos representativo da categoria roupa no *corpus*: “*Tinha colocado lentes de contato, cortado o cabelo e raspado o bigode – estava irreconhecível.*”. Da mesma maneira que com *usar*, infere-se o locativo onde o objeto foi colocado, neste caso, *nos olhos*. Portanto, verifica-se que o padrão semântico dos processos que acompanham objetos pouco prototípicos da categoria roupa é abrangente. Isso implica que, em muitos casos, existam inferências a fazer para interpretá-los como *vestir* ou que se expressem informações para complementar o sentido dos enunciados.

Destaque-se que os processos que ocorreram com os objetos *óculos* e *traje*, para os quais não se tem pontuações relativas à prototipicidade, não foram diferentes daqueles já apresentados: “[...] *Usava* naquele dia seu traje de ordenança [...]” e “—*Você está de óculos?*”. No caso de *óculos*, a alternativa tradutória assemelha-se às da tabela 20, especificamente, àquelas encontradas com objetos acessórios que cobrem superfícies restritas do corpo. No caso de *traje*, não é possível realizar comparações com base na tradução, uma vez que o processo *usar* foi recorrente com objetos pouco representativos da categoria roupa. Porém, *traje* dificilmente teria o mesmo status de *anel* ou *lente de contato*.

Os dados contidos nas últimas três tabelas permitem afirmar que (i) *vestir* é o processo preferido pelos tradutores do PB quando o elemento da categoria roupa presente é considerado prototípico na língua-alvo; (ii) ao ocorrer *vestir*, dispensam-se informações de natureza complementar e estratégias inferenciais; (iii) combinações diversas são encontradas quando o

⁴² Nos trechos originais completos (Anexo A), pode-se perceber, entretanto, que, nos dois casos, eles foram utilizados por questões de cunho formal. No primeiro, por paralelismo sintático, pois havia a sucessão de outros locativos. No segundo, para especificar o dedo em que o anel estava colocado.

status dos elementos categoriais presentes não se situa em nenhum extremo; (iv) processos de significado amplo são preferidos quando se envolvem os elementos menos representativos da categoria roupa, tornando necessárias estratégias inferenciais de leitura. Além disso, percebe-se que a explicitação dos locativos relaciona-se com o uso que cada objeto tem. Para objetos cujo uso é bem delimitado no corpo humano, locativos, se não se busca uma redundância, são dispensáveis. Por sua vez, para objetos cujo uso é diversificado no corpo humano, locativos são, em muitos casos, necessários e, em outros, esclarecedores na leitura. É importante detalhar os padrões linguísticos dessas traduções ao PB, dado que, nos originais em espanhol, tem-se sempre as mesmas combinações, as quais independem da categorização dos objetos da categoria roupa. Apesar de haver estratégias diversificadas no PB, elas parecem sujeitar-se a certas regularidades gramaticais e cognitivas, que se correlacionam.

Em seguida, na tabela 22, apresentam-se os processos envolvidos quando a categoria presente nas traduções é a superordenada roupa. Levam-se em consideração somente as sequências do PB, pois, em alguns poucos casos, os originais continham outras categorias.⁴³ Agrupam-se tanto os fragmentos em que a categoria roupa era expressa como os trechos em que ela era inferida a partir de outro objeto ou mesmo de uma omissão.⁴⁴

Tabela 22 – Relação entre a categoria superordenada roupa e os processos ou as preposições utilizados para acompanhá-la nas traduções do PB

Categoria	Proc./Prep.	Complemento
Roupa	Pôr	-
Roupa	Vestir	-

⁴³ Por exemplo, para o excerto do espanhol “De no haber sido por la llegada del obispo se habría puesto el *vestido* de caqui y las botas de montar con que se iba los lunes a El Divino Rostro [...]”, a tradução do PB escreve “Se não fosse pela chegada do bispo, teria vestido a *roupa* cáqui e as botas de montar com que ia, nas segundas-feiras, a *O Divino Rostro* [...]”.

⁴⁴ Como em “Entregou-lhe então o réu 3 calças de linho inglês, dois riscados e 1 liso, uma camisa de linho nacional de porte regular com peitilho de encaixe e um tecido de sombrinha listrado amarelo e roxo com flores de couro, para que os lavasse e passasse. *Vestuário* que usava posto o dito Joséph María [...]”.

Roupa	Vestir	-
Roupa	Vestir	-
Roupa	Pôr	-
Roupa	-	Do corpo
Roupa	Com	-
Roupa	Usar	-
Roupa	Vestir	-
Roupa	Vestir	-
Roupa	Vestir	-
Roupa	Vestir	-
Roupa	Usar	-
Roupa	Trazer	-
Roupa	Estar com	-
[Roupa]	Vestir	-
[Roupa]	Vestir	-
[Roupa]	Vestir	-

Nesses dados, vê-se que 10 das 18 ocorrências (55,5%) em que a categoria superordenada roupa está presente contêm o processo *vestir*, seja de forma explícita ou implícita. Nos últimos três casos da tabela 22, *roupa* infere-se a partir do particípio nominal de *vestir* (*vestido*, *vestida*; *vestidos*, *vestidas*), como em “Atirou-se na cama no escuro e *vestido*, pois só tinha uma hora para dormir [...]” e “— São mãe e filha — disse Nora, infalível para essas coisas. — Meu Deus, como estão *vestidas*.”. É possível afirmar que há uma inferência de *roupa*, posto que, nos respectivos fragmentos originais, a categoria superordenada é expressa. Além de *vestir*, constataram-se usos de processos de significado abrangente (*pôr*, *usar* e *trazer*) e de estratégias distintas, com apenas uma preposição (*com*), um processo preposicionado (*estar com*) ou uma informação complementar (*do corpo*). Essas outras alternativas, contudo, podem implicar outro tipo de leitura aos trechos na língua-alvo, em comparação com a língua-fonte. Nelas, infere-se *vestir* por meio de outros recursos gramaticais. Veja-se, por exemplo, o seguinte excerto: “Segue-se ao silêncio uma exclamação incrédula e todos, como antes fizeram os mendigos, caem de joelhos ao redor do coche fúnebre. Todos viram a

mesma coisa. Um cadáver vestido *com a roupa que trazias* esta manhã [...]. Como já discutido em outro momento, são necessárias informações contextuais para compreender a sequência *roupa que trazias* como *roupa que vestias* ou *roupa que trazias no corpo*. Por outro lado, as sequências do espanhol podem entender-se mesmo isoladamente sem que haja dúvidas de interpretação e sem precisar recorrer ao contexto. Por sua vez, em “[...] ninguém conseguiu dormir nessa noite, apesar de deitarmos *com a roupa do corpo*, ou seja, a veste apropriada para o verão de Havana que tínhamos deixado para trás.”, a expressão do complemento *do corpo* facilita a apreensão do processo *vestir* e completa o sentido da preposição *com*.

5 Considerações finais

Este estudo procurou contribuir, principalmente, para as áreas da Linguística Cognitiva e dos Estudos da Tradução. Tomou-se, como ponto de partida, uma construção em língua espanhola formada por um verbo auxiliar, o verbo *poner* em particípio (verbal e nominal) na acepção de *vestir-se* e um objeto da categoria roupa. Comparando tais estruturas com as respectivas traduções para o português brasileiro (PB), constata-se que não há uma única alternativa tradutória na língua-alvo: no PB, existem numerosas estratégias que equivalem às originais. Embora essa assimetria seja normal, visto que se trata de dois sistemas linguísticos distintos, o foco deste trabalho foi investigar quais variáveis podem condicionar o aparecimento de uma ou outra estratégia na língua-alvo, centrando-se no papel dos efeitos prototípicos da categoria roupa. Para tanto, o *corpus* foi composto de 14 obras literárias contemporâneas (escritas a partir da segunda metade do século XX) em língua espanhola e de suas respectivas traduções ao PB, totalizando 28 obras. O método para análise dos dados seguiu os modelos de Rosch (1975; 1978) e Slobin (1996; 2003; 2004; 2005), os quais serviram de base teórico-metodológica para abordar a prototipicidade na categoria roupa e as informações acrescentadas e suprimidas nas traduções do PB. Uma das hipóteses iniciais era que o status mais ou menos prototípico de um determinado objeto da categoria roupa poderia influenciar nas escolhas dos tradutores na língua-alvo. No entanto, para ter evidências disso, foi preciso considerar diferenças estruturais importantes nas duas línguas do *corpus*, como aquelas concernentes aos tipos de particípio. Uma vez que não é corrente o uso de um particípio nominal para *pôr* no PB, particípios nominais de *poner* em espanhol poderiam motivar traduções mais distantes na língua-alvo. Por outro lado, particípios verbais de *poner* poderiam implicar traduções mais similares gramaticalmente, dado que o particípio verbal de *pôr*, no PB, é de uso comum.

Nos resultados, verifica-se que, quantitativamente, há mais semelhanças gramaticais notáveis entre as línguas fonte e alvo quando o particípio é verbal e não nominal. Não obstante, foi comum as diferenças sobressaírem nos dois tipos de particípio. O fato de o tradutor usar uma forma verbal no gerúndio,

tornar explícita uma informação latente da língua-fonte ou recorrer a um processo distinto na língua-alvo parece independe de variáveis puramente gramaticais, tais como as sintáticas ou as morfológicas. Dessa maneira, o resultado mais interessante deste estudo foi o uso sistemático pelos tradutores do verbo *vestir* no PB para qualquer formação sintática em que ocorre *poner* no *corpus*. O que entra em jogo, de fato, é o status dos objetos da categoria roupa que aparecem em cada sequência. Os resultados sugerem que as traduções do PB preferidas para as construções com *poner* analisadas do espanhol envolvem o processo *vestir*. Porém, tal padrão não se verifica no PB quando os objetos contidos nos fragmentos são menos prototípicos na categoria roupa, como *luva*, *sapato* ou *chapéu*. Em verdade, comprova-se que a preferência por *vestir* ocorre quando os objetos da categoria roupa têm um status categorial mais prototípico, como *calças*, *camisa* ou *vestido*. Outro resultado que corrobora essas afirmações é o relativo à categoria superordenada *roupa*. A estratégia preferida pelos tradutores para a categoria superordenada é o mesmo que para as categorias básicas cujo status é mais prototípico: *vestir*. Esse achado confirma, de certo modo, que, ao pensar em categorias superordenadas, recorre-se, primeiramente, aos exemplares categoriais mais prototípicos, como se vê na obra de Ferrari (2011). Isso se explica também pela indisponibilidade de uma imagem mental para categorias de nível superior às básicas, como afirmam Rogers e McClelland (2004).

Postular que efeitos prototípicos condicionam, de alguma maneira, escolhas gramaticais no momento em que se traduz de uma língua para outra implica pôr em destaque uma série de capacidades da cognição humana. Se na tradução, uma atividade linguística, revelam-se padrões não propriamente linguísticos, a linguagem tem de ser concebida como integrada a outras habilidades cognitivas, como é a categorização. Se, no momento de traduzir do espanhol ao PB sequências com *poner*, importa o status dos objetos de uma determinada categoria, tradução e categorização devem ser capacidades indissociáveis. Assim, é possível afirmar que, para traduzir, tem de categorizar-se. Como expõe Lakoff (1987), esse processo sequer é percebido, atuando no plano da inconsciência quase em tempo integral. O mais curioso talvez seja que as duas línguas do *corpus* deste trabalho são consideradas irmãs: o

espanhol e o português. Não obstante, cada língua constitui um recorte diferente de uma realidade projetada, e distinções presentes em uma podem estar ausentes em outras (SLOBIN, 1996). Neste caso, pode-se dizer que, no espanhol, não importa o status do objeto da categoria roupa quando este se combina com *poner*. Contudo, no PB, esse status pode determinar o uso do processo *vestir* e de outras estratégias gramaticais.

Por fim, futuras investigações que envolvam tradução e categorização podem encontrar, neste trabalho, alguma base que as auxilie. Igualmente, os resultados aqui expostos podem chamar a atenção de tradutores curiosos, de docentes que trabalhem com as línguas espanhola ou portuguesa e de profissionais da Linguística em geral. Sugere-se aos pesquisadores interessados em desenvolver uma pesquisa similar que partam de um *corpus* mais extenso de língua escrita ou, talvez, de língua falada. Desse modo, poderão ser coletadas mais evidências de que linguagem e categorização são habilidades humanas que se inter-relacionam profundamente e cujo estudo integrado trará grandes benefícios aos estudos linguísticos.

Referências

ALLENDE, I. *A ilha sob o mar*. Tradução de Ernani Ssó. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. *El cuaderno de Maya*. [online] Disponível em: <http://llevatetodo.com/book/1038.pdf> Acesso em: 14 de abril de 2015.

_____. *La isla bajo el mar*. [online] Disponível em: http://www.ela.edu.sv/files/6c1970_La_Isla_bajo_el_Mar.pdf Acesso em: 14 de abril de 2015.

_____. *O caderno de Maya*. Tradução de Ernani Ssó. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BADARACCO, L. M. D.; BRUM-DE-PAULA, M. R. Traduzir é categorizar: um caso de tradução interlinguística espanhol-português. In: *Cadernos da Tradução*. [online]. v. 35, n. 01. Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/36485/29538>.

_____; _____. A expressão dos processos sentar e levantar em relatos descritivos do português do Brasil e do espanhol do Uruguai. 2015 (Não publicado).

BARSALOU, L. W. Ad hoc categories. In: *Memory & Cognition*. v. 11, n. 03. 1983. p.211-227.

_____; SEWELL, D. R. Constructing representations of categories from different points of view. In: *Emory Cognition Project Technical Report #2*. Emory University, 1984. p.02-66.

BENEDETTI, I. C.; SOBRAL, A. (Orgs.). *Conversas com tradutores*. São Paulo: Parábola, 2003.

CABRERA INFANTE, G. *Havana para um infante defunto*. Tradução de João Silvério Trevisan. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *La Habana para un infante difunto*. [online] Disponível em: <http://www.caja-pdf.es/2015/07/31/cabrera-infante-guillermo-la-habana-para-un->

infante-difunto/cabrera-infante-guillermo-la-habana-para-un-infante-difunto.pdf
Acesso em: 25 de agosto de 2015.

_____. *Tres tristes tigres*. [online] Disponível em:
<http://diariodeunchicotrabajador.com/wp-content/uploads/2011/10/Tres-tistres-tigres-Cabrera-Infante-Guillermo.pdf> Acesso em: 10 de abril de 2015.

_____. *Três tristes tigres*. Tradução de Stella Leonardos. São Paulo: Global, 1980.

CHOMSKY, N. *Linguagem e mente*: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Tradução de Lúcia Lobato. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CORTÁZAR, J. *As armas secretas*. Tradução de Eric Nepomuceno. [online] Disponível em: <http://lelivros.link/book/download-as-armas-secretas-julio-cortazar-franco-em-epub-mobi-e-pdf/> Acesso em: 10 de abril de 2015.

_____. *Las armas secretas*. [online] Disponível em:
<http://www.textosenlinea.com.ar/cortazar/Las%20armas%20secretas.pdf>
Acesso em: 10 de abril de 2015.

_____. *Los premios*. [online] Disponível em:
<http://ir.nmu.org.ua/bitstream/handle/123456789/134413/8f0731b852a2a6073746d18b11d2e20b.pdf?sequence=1> Acesso em: 26 de agosto de 2015.

_____. *Os prêmios*. Tradução de Glória Rodríguez. São Paulo: Círculo do Livro, 1969.

CULIOLI, A. et al. *La théorie d'Antoine Culioli*. Paris: Ophrys, 1992

DELBEQUE, N. *A Linguística Cognitiva*: compreender como funciona a linguagem. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J.J.; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação*: representação, referenciação e regulação. Organização de textos e de tradução de Márcia Romero e Milenne Biasotto-Holmo. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FODOR, J. A. *The Modularity of Mind*. Cambridge: MIT Press, 1983.

FUCHS, C. *La linguistique cognitive*. Paris: Ophrys, 2004.

_____.; ROBERT, S. (Orgs.). *Diversité des langues e representations cognitives*. Paris: Ophrys, 1997.

FUENTES, C. *A fronteira de cristal*. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *La frontera de cristal*. [online] Disponível em: <http://inabima.gob.do/descargas/bibliotecaFAIL/Autores%20Extranjeros/F/Fuentes,%20Carlos/Fuentes,%20Carlos%20-%20La%20frontera%20de%20cristal.pdf> Acesso em: 10 de abril de 2015.

_____. *Terra Nostra*. [online] Disponível em: <http://www.ebiblioteca.org/?/ver/19205> Acesso em: 02 de dezembro de 2015.

_____. *Terra Nostra*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Crónica de una muerte anunciada*. [online] Disponível em: <http://biblio3.url.edu.gt/Libros/cromuerte.pdf> Acesso em: 10 de abril de 2015.

_____. *Crônica de uma morte anunciada*. Tradução de Remy Gorga Filho. 46ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. *Doce cuentos peregrinos*. 18ª ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2011 [1992].

_____. *Doze contos peregrinos*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. *El otoño del patriarca*. [online] Disponível em: <http://www.instituto127.com.ar/Bibliodigital/GarciaMarquez-Elotoniodelpatriarca.pdf> Acesso em: 10 de abril de 2015.

_____. *O outono do patriarca*. Tradução de Remy Gorga Filho. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GIVÓN, T. *Mind, code and context: Essays in Pragmatics*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1989.

HUMBOLDT, W. V. Sobre a origem das formas gramaticais e sobre sua influência no desenvolvimento das ideias. Tradução de Claudia Castellanos Pfeiffer. In: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. (Orgs.). *Línguas e instrumentos linguísticos*. São Paulo: Pontes, 1999.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. Lingüística Cognitiva: origen, principios y tendencias. In: _____. (Orgs.). *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2012. p.13-28.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22ª ed. São Paulo: Cultrix, 2010 [1963; 1965].

KLEIBER, G. *La sémantique du prototype: Catégories et sens lexical*. Paris: PUF, 1990.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LARANJEIRA, M. *Poética da tradução*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2003 [1993].

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Atlas, 2011.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PINKER, S. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1994].

RAMOS, A. G. *Entre las líneas: Gadamer y la pertinencia de traducir*. Visor: Madrid, 2000.

ROA BASTOS, A. *Contravida*. [online] Disponível em: http://www.portalguarani.com/537_augusto_roa_bastos/13770_contravida_1994_novela_de_augusto_roa_bastos.html Acesso em: 08 de dezembro de 2015.

_____. *Contravida*. Tradução de Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

_____. *Eu o supremo*. Tradução de Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *Yo el supremo*. [online] Disponível em: https://vivelatinoamerica.files.wordpress.com/2014/01/roabastos_yo_el_supremo.pdf Acesso em: 10 de abril de 2015.

ROBERT, S. Variation des représentations linguistiques: des unités à l'énoncé. In: FUCHS, C.; ROBERT, S. (Orgs.). *Diversité des langues et représentations cognitives*. Paris: Ophrys, 1997. p.25-39.

ROGERS, T.; McCLELLAND, J. *Semantic cognition: a parallel distributed processing approach*. Londres: The MIT Press, 2004.

ROSCH, E. Natural Categories. In: *Cognitive Psychology*. v. 04. 1973. p.328-350.

_____. Cognitive representations of semantic categories. In: *Journal of Experimental Psychology: General*. v. 104, n. 03. 1975. p.192-233.

_____. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B (Orgs.). *Cognition and categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978. p.27-48.

_____.; MERVIS, C. B. Family Resemblances: Studies in the Internal Structure of Categories. In: *Cognitive Psychology*. v. 07. 1975. p.573-605.

_____.; _____.; GRAY, W. D.; JOHNSON, D. M.; BOYES-BRAEM, P. Basic Objects in Natural Categories. In: *Cognitive Psychology*. v. 08. 1976. p.382-439.

SLOBIN, D. From “thought and language” to “thinking for speaking”. In: GUMPERZ, J.; LEVINSON, S. (Orgs.). *Rethinking linguistic relativity*. New York: Cambridge University Press, 1996. p.70-96.

_____. Language and thought online: cognitive consequences of linguistic relativity. In: GENTNER, D.; GOLDIN-MEADOW, S. (Orgs.). *Language in mind: advances in the study of language and thought*. Cambridge, MA: MIT Press, 2003.

_____. The many ways to search for a frog: Linguistic typology and the expression of motion events. In: STRÖMQVIST, S.; VERHOEVEN, L. (Orgs.). *Relating events in narrative: v. 02. Typological and contextual perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

_____. Relating Narrative Events in Translation. In: RAVID, D.; SHYLDKROT, H. B. (Orgs.). *Perspectives on language and language development: Essays in honor of Ruth A. Berman*. Dordrecht: Kluwer, 2005.

SNELL-HORNBY, M. *Estudios de traducción: hacia una perspectiva integradora*. Tradução de Ana Sofia Ramírez. Salamanca: Almar, 1999.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge: MIT Press, 2000.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VARGAS LLOSA, M. *A cidade e os cachorros*. Tradução de Samuel Titan Jr. [online] Disponível em: <http://lelivros.link/book/download-a-cidade-e-os-cachorros-mario-vargas-llosa-epub-mobi-e-pdf/> Acesso em: 10 de abril de 2015.

_____. *La ciudad y los perros*. [online] Disponível em: <http://aplicacionesbiblioteca.udea.edu.co/multi/material/pdf/VargasLlosa04.pdf> Acesso em: 10 de abril de 2015.

_____. *Lituma en los Andes*. [online] Disponível em:
<http://www.hacer.org/pdf/lituma.pdf> Acesso em: 10 de abril de 2015.

_____. *Lituma nos Andes*. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. [online]
Disponível em: <http://lelivros.link/book/download-lituma-nos-andes-mario-vargas-llosa-em-epub-mobi-e-pdf/> Acesso em: 10 de abril de 2015.

VAUCLAIR, J. *Desenvolvimento da criança do nascimento aos dois anos: motricidade, percepção, cognição*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

WHORF, B. L. *Lenguaje, pensamiento y realidad*. Tradução de José Pomares. Barral: Barcelona, 1970.

Anexo A

Trechos completos na língua-fonte em que ocorrem participios do verbo *poner* com a acepção de *vestir-se* e suas respectivas traduções.

A cidade e os cachorros

(1) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 01; Tabela 13 – 100; Tabela 14 – 01; Tabela 17 – 100

Original: “—Hazme un favor, Rosita. Préstame tu cinta azul, esa **que tenías puesta** el sábado. Te la devolveré esta noche.” (p.36).

Tradução: “—Rosita, me faça um favor. Me empreste a sua fita azul, aquela **que você estava usando** no sábado. Devolvo hoje à noite.” (p.66).

(2) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 02; Tabela 13 – 101; Tabela 14 – 02; Tabela 17 – 101

Original: “Sólo tenía dos pares de zapatos y ahí no le servían de mucho las mañas, aunque sí un poquito. Llevaba al colegio unos zapatos negros con cordones, que parecían de hombre, pero como tenía pies pequeños, disimulaba. Los tenía siempre brillando, sin polvo y sin manchas. Al volver a su casa seguramente se los quitaba para lustrarlos, porque yo la veía entrar con zapatos negros y poco después, cuando yo llegaba para estudiar, **tenía puestos los zapatos blancos** y los negros estaban en la puerta de la cocina, como espejos.” (p.63).

Tradução: “Só tinha dois pares de sapatos, e aí o jeito não servia para grande coisa, só um pouquinho. No colégio, usava sapatos pretos de amarrar, que pareciam de homem, mas, como tinha pés pequenos, até que passavam. Estavam sempre brilhando, sem pó nem manchas. Quando voltava para casa, com certeza ela os tirava para lustrar, eu a via entrar com os sapatos pretos e pouco depois, quando eu chegava para estudar, ela já **estava com os sapatos brancos**, e os pretos estavam na soleira da cozinha, parecendo espelhos.” (p.114).

(3) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 03; Tabela 12 – 80; Tabela 14 – 03; Tabela 16 – 80

Original: “En vez de atravesar las cuadras de los cadetes, fue hacia la Prevención por el descampado. Hacía un poco de frío y él no **se había puesto el sacón**. Al verlo, los soldados de guardia lo saludaron, él les contestó. El teniente de servicio, Pedro Pitaluga, descansaba encogido sobre una silla, la cabeza entre las manos.” (p.69).

Tradução: “Em vez de atravessar os alojamentos dos cadetes, foi pelo descampado até o posto de guarda. Fazia um pouco de frio e ele não **vestira o casaco**. Quando o viram, os soldados de guarda bateram continência, ele respondeu. O tenente de serviço, Pedro Pitaluga, descansava encolhido numa poltrona, a cabeça entre as mãos.” (p.125).

(4) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 04; Tabela 13 – 102; Tabela 14 – 04; Tabela 17 – 102

Original: “Alberto se sienta y su cuerpo se hunde como en un sueño. En ese momento recuerda que **lleva puesto el quepí**. Se lo saca y pide disculpas, entre dientes. Pero el teniente no lo oye, está de espaldas, cerrando la puerta. Da media vuelta, se sienta frente a él en una silla de patas finas y lo mira.” (p.109).

Tradução: “Alberto senta-se e seu corpo se afunda como em sonho. Nesse momento, recorda que **ainda está de quepe**. Tira-o e pede desculpas, entre dentes. Mas o tenente não escuta, está de costas, fechando a porta. Dá meia-volta, senta-se diante dele numa cadeira de pés finos e o observa.” (p.197).

(5) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 05; Tabela 13 – 103; Tabela 14 – 05; Tabela 17 – 103

Original: “Al día siguiente, Teresa volvió a la playa con las dos muchachas y lo mismo los otros días. Una mañana, las seguí... Iban a Chucuito. **Llevaban puesta la ropa de baño** y se desvistieron en la playa. Había tres o cuatro muchachos que las estaban esperando.” (p.116).

Tradução: “No dia seguinte, Teresita voltou à praia com as duas garotas, e fez o mesmo nos outros dias. Um dia, eu as seguí. Iam a Chucuito. **Iam com o maiô por baixo** e se despiam na praia. Havia três ou quatro rapazes esperando por elas.” (p.210).

A fronteira de cristal

(6) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 58; Tabela 13 – 137; Tabela 15 – 58; Tabela 17 – 137

Original: “Usan camisetas sin mangas, mostrando a todas horas el vello de las axilas. Lucen rasgaduras en las rodillas de sus blue jeans y a veces andan con éstos cortados a la altura de los muslos, deshebrándose. Se sientan a comer **con las gorras puestas** y se llenan las bocas de hamburguesa, papas fritas y todo un menú salido de bolsas de plástico. Cuando de veras quieren ser informales, usan la gorra de béisbol al revés, con la visera enfriándoles la nuca.” (p.16).

Tradução: “Usam camisetas sem mangas, mostrando a todo o momento os pelos das axilas. Sobressaem nos seus *blue jeans* os rasgões na altura dos joelhos, e, às vezes, andam com as calças cortadas perto das coxas, desfiando-se. Sentados para comer, continuam **de boné** e enchem a boca de hambúrguer, batata frita e todo um cardápio tirado de sacos plásticos. Quando realmente querem ser informais, usam o boné de beisebol ao contrário, com a pala refrescando-lhes a nuca.” (p.39).

(7) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 06; Tabela 13 – 104; Tabela 14 – 06; Tabela 17 – 104

Original: “Hay un viejo en medio de la luz. Está descalzo. Viste ropa campesina. Pero **trae puesto un chaleco**. En el chaleco luce una leontina.” (p.41).

Tradução: “Há um velho no meio da luz. Está descalço. Veste roupa de roça. Mas **está com um colete**. No colete reluz uma corrente de relógio.” (p.97).

(8) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 59; Tabela 13 – 138; Tabela 15 – 59; Tabela 17 – 138

Original: “[...] dijo que en la Nueva Orleans su madre se aparecía en el balcón los días de fiesta **con todas sus joyas puestas**, para que la ciudad entera la admirara al pasar...” (p.61).

Tradução: “[...] disse que em Nova Orleans sua mãe aparecia à varanda, nos dias de festa, **usando todas as joias**, para que a cidade inteira a admirasse ao passar...” (p.147).

(9) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 07; Tabela 13 – 105; Tabela 14 – 07; Tabela 17 – 105

Original: “Lisandro **tenía puesta una chamarra de cuadros negros y colorados**, de lana, con zipper hasta la garganta.” (p.66).

Tradução: “Lisandro **vestia um casaco de quadrados negros e coloridos**, de lã, com fecho eclair até a garganta.” (p.160).

(10) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 08; Tabela 12 – 81; Tabela 14 – 08; Tabela 16 – 81

Original: “Llovía a cántaros ese día de noviembre, poco antes de que se cerrara la cueva y para llegar hasta ella Encarna **se había puesto sus buenas botas de hule**.” (p.79).

Tradução: “Chovia a cântaros nesse dia de novembro, e, pouco antes de se fechar a gruta, para chegar até ali, Encarna **havia posto suas botas de borracha.**” (p.191).

(11), (12) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 09 e 10; Tabela 13 – 106 e 107; Tabela 14 – 09 e 10; Tabela 17 – 106 e 107

Original: “**La cazadora que traía puesta** no era impermeable, sino una lana con cuello de conejo, y no olía bien. Sus faldones cubrían otro par de enaguas que la convertían en cebolla bien protegida. **Tenía puestas varias medias de lana,** unas encima de otras.” (p.79).

Tradução: “**O casaco que trazia** não era impermeável, mas de lã com gola de coelho, e não cheirava bem. Sua saia, larga, cobria um par de anáguas, que a convertiam numa cebola bem protegida. **Tinha colocado várias meias de lã,** umas sobre as outras.” (p.191).

(13) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 60; Tabela 13 – 139; Tabela 15 – 60; Tabela 17 – 139

Original: “[...] ella no tenía tiempo ni cabeza para novios, ella iba nomás los viernes al Excalibur a bailar la quebradita con los hombres que todos eran iguales, todos bailaban **con el sombrero blanco puesto,** éstos eran los rancheros, ricos o pobres, quién iba a saber, si eran todos idénticos [...]” (p.87).

Tradução: “[...] ela não tinha tempo nem cabeça para namorados, ia apenas às sextas-feiras ao Excalibur para dançar a *quebradita* com os homens que todos eram iguais, todos dançavam **com o chapéu branco no lugar,** esses eram os fazendeiros, ricos ou pobres, quem podia saber, se eram todos idénticos [...]” (p.214).

(14) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 61; Tabela 13 – 140; Tabela 15 – 61; Tabela 17 – 140

Original: “[...] no nos dejaron salir por San Diego y entrar por Tijuana, ni salir por Caléxico y entrar por Mexicali, ni salir por Nogales Arizona y entrar por Nogales Sonora, ¿hasta dónde nos van a mandar? ¿hasta el mar? ¿vamos a entrar nadando a México? ¿por qué no entienden que queremos regresar a México **sin nada puesto,** despojados, limpios? [...]” (p.99).

Tradução: “[...] não nos deixaram sair por San Diego e entrar por Tijuana, nem sair por Caléxico e entrar por Mexicali, nem sair por Nogales Arizona e entrar por Nogales Sonora, até onde nos vão mandar? até o mar? vamos entrar nadando no México? por que não entendem que queremos regressar ao México **sem nada posto,** despojados, limpos? [...]” (p.243).

A ilha sob o mar

(15) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 62; Tabela 13 – 141; Tabela 15 – 62; Tabela 17 – 141

Original: “Habían salido de Le Cap **con lo puesto** y en Cuba habían comprado lo mínimo, pero antes del viaje a Nueva Orleans necesitaban un vestuario completo, baúles y maletas.” (p.167).

Tradução: “Haviam saído de Le Cap **com o que vestiam**, e em Cuba tinham comprado o mínimo, mas antes de viajar para Nova Orleans necessitavam de um vestuário completo, baús e malas.” (p.244).

(16) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 11; Tabela 13 – 108; Tabela 14 – 11; Tabela 17 – 108

Original: “Se saludaron, él con una rígida inclinación de cabeza y un chocar de talones, como si aún **llevara puesto el uniforme**, y ella con un parpadeo de sus pestañas de jirafa.” (p.280)

Tradução: “Cumprimentaram-se, ele com uma rígida inclinação de cabeça e uma batida de calcanhares, como se ainda **vestisse o uniforme**, e ela com um movimento de suas pestanas de girafa.” (p.406).

(17) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 12; Tabela 13 – 109; Tabela 14 – 12; Tabela 17 – 109

Original: “Hortense se le plantó por delante, desafiándola. «Fíjate, Olivie, qué atrevida es ésta», le dijo a su hermana, que se sobresaltó tanto como la misma Rosette. «Y fíjate **lo que lleva puesto**, ¡es de oro! Las negras no pueden usar **joyas** en público.” (p.323)

Tradução: “Hortense se plantou na frente dela, desafiando-a. ‘Olhe, Olivie, que atrevida é esta’, disse à irmã, que se sobressaltou tanto quanto a própria Rosette. ‘E olhe **o que usa**, é de ouro!’ As negras não podem usar **joias** em público.” (p.467).

As armas secretas

(18) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 13; Tabela 13 – 110; Tabela 14 – 13; Tabela 17 – 110

Original: “Yo no me sentía impresionada por madame Rosay, aunque me hubiera gustado estar mejor vestida. Me tomó de sorpresa, y **tenía puesta la falda verde** que me habían regalado en lo de las hermanas. Madame Rosay no miraba nada, quiero decir que miraba y desviaba la vista en seguida, como para despegarse de lo que había mirado.” (p.14).

Tradução: “Eu não estava impressionada por madame Rosay, embora preferisse estar mais bem vestida. Tomou-me de surpresa, e **estava com a saia verde** que uma de minhas irmãs tinha me dado de presente. Madame Rosay não olhava para nada, quero dizer que olhava para tudo e desviava o olhar em seguida, como para se desligar do que havia olhado.” (p.16).

(19) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 14; Tabela 13 – 111; Tabela 14 – 14; Tabela 17 – 111

Original: “Yo me di cuenta cuando empecé a tocar que entraba en un ascensor, pero era un ascensor de tiempo, si te lo puedo decir así. No creas que me olvidaba de la hipoteca o de la religión. Solamente que en esos momentos la hipoteca y la religión eran como **el traje que uno no tiene puesto**; yo sé que el traje está en el ropero, pero a mí no vas a decirme que en ese momento ese traje existe.” (p.37).

Tradução: “Eu percebi quando comecei a tocar que entrava num elevador, mas era um elevador do tempo, se é que você entende. Não pense que eu me esquecia da hipoteca ou da religião. Só que naqueles momentos a hipoteca e a religião eram como **o terno que a gente veste**; eu sei que o terno está no guarda-roupa, mas não venha me dizer que nesse momento esse terno existe.” (p.45).

(20) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 15; Tabela 12 – 82; Tabela 14 – 15; Tabela 16 – 82

Original: “—Y **se había puesto una blusa naranja** que le quedaba tan bien — cuenta Michèle.” (p.68).

Tradução: “—E **tinha vestido uma blusa cor de laranja**, que ficava tão bem — conta Michèle.” (p.76).

(21) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 16; Tabela 13 – 112; Tabela 14 – 16; Tabela 17 – 112

Original: “Se oye hablar, ve a Xavier que lo está viendo, ve la imagen de Xavier en un espejo, la nuca de Xavier, se ve a sí mismo hablando para Xavier (pero por qué se me tiene que ocurrir que hay una bola de vidrio en el nacimiento del pasamanos), y de cuando en cuando asiste al movimiento de cabeza de Xavier, el gesto profesional tan ridículo cuando no se está en un consultorio y el médico no **tiene puesto el guardapolvo** que lo sitúa en otro plano y le confiere otras potestades.” (p.70).

Tradução: “Ouve-se falar, vê Xavier que o está vendo, vê a imagem de Xavier no espelho, a nuca de Xavier, vê a si mesmo falando para Xavier (mas por que tive de ter essa ideia de que há uma bola de vidro na ponta do corrimão?), e de

vez em quando assiste ao movimento de cabeça de Xavier, o gesto profissional tão ridículo quando não está no consultório e o médico não **está vestindo o avental branco** que o situa em outro plano e concede a ele outras potestades.” (p.78).

(22) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 17; Tabela 13 – 113; Tabela 14 – 17; Tabela 17 – 113

Original: “[...] Michèle sentada al borde de la cama levanta los ojos y lo mira, se lleva las manos a la boca, parecería que va a gritar (pero por qué no tiene el pelo suelto, por qué no **tiene puesto el camisón celeste**, ahora está vestida con unos pantalones y parece mayor), y entonces Michèle sonrío, suspira, se endereza tendiéndole los brazos [...]” (p.78).

Tradução: “[...] Michèle sentada na beira da cama levanta os olhos e olha para ele, leva as mãos à boca, pareceria que vai gritar (mas por que tem os cabelos soltos, por que não **vestiu a camisola azul-celeste**, agora está vestindo calças e parece mais velha?), e então Michèle sorri, suspira, ergue-se estendendo os braços [...]” (p.86).

Contravida

(23) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 18; Tabela 13 – 114; Tabela 14 – 18; Tabela 17 – 114

Original: “Mostró un par de **alpargatas nuevas**. «Esto me hacía falta a mí — dijo—. La otra ya estaba muy pelecha.» **Llevaba puesta una del flamante par**. La lucía con coqueteo, con senil orgullo.” (p.58).

Tradução: “Mostrou um par de **alpargatas novas**. «Isto estava me fazendo falta» —disse. —«A outra já estava muito surrada.» **Calçava um pé** do vistoso par. Exibia-se faceiro, com orgulho senil.” (p.113).

Crônica de uma morte anunciada

(24) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 19; Tabela 12 – 83; Tabela 14 – 19; Tabela 16 – 83

Original: “Santiago Nasar se puso **un pantalón y una camisa de lino blanco**, ambas piezas sin almidón, iguales a las que **se había puesto** el día anterior para la boda. Era un atuendo de ocasión.” (p.06).

Tradução: “Santiago Nasar pôs **calça e camisa de linho branco**, não engomadas, iguais às que **vestira** no dia anterior para o casamento. Era um luxo para a ocasião.” (p.09).

(25) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 20; Tabela 12 – 84; Tabela 14 – 20; Tabela 16 – 84

Original: “De no haber sido por la llegada del obispo **se habría puesto el vestido de caqui y las botas de montar** con que se iba los lunes a El Divino Rostro, la hacienda de ganado que heredó de su padre, y que él administraba con muy buen juicio aunque sin mucha fortuna.” (p.06).

Tradução: “Se não fosse pela chegada do bispo, **teria vestido a roupa cáqui e as botas de montar** com que ia, nas segundas-feiras, a *O Divino Rosto*, a fazenda que herdou do pai e que administrava com muito bom juízo embora sem muita sorte.” (p.09).

(26) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 21; Tabela 12 – 85; Tabela 14 – 21; Tabela 16 – 85

Original: “Mi hermana volvió a casa morriéndose por dentro para no llorar. Encontró a mi madre en el comedor, con **un traje dominical de flores azules que se había puesto** por si el obispo pasaba a saludarnos, y estaba cantando el fado del amor invisible mientras arreglaba la mesa.” (p.12).

Tradução: “Minha irmã voltou a casa mordendo-se por dentro para não chorar. Encontrou minha mãe na sala de jantar, **com um vestido dominical de flores azuis que vestira** para a eventualidade do bispo vir nos cumprimentar, e estava cantando o fado do amor invisível enquanto arrumava a mesa.” (p.31).

(27) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 22; Tabela 12 – 86; Tabela 14 – 22; Tabela 16 – 86

Original: “Sin embargo, no había acabado de escuchar la noticia cuando ya **se había puesto los zapatos de tacones y la mantilla de iglesia** que sólo usaba entonces para las visitas de pésame.” (p.13).

Tradução: “Ainda não acabara de ouvir a notícia e já **estava com os sapatos de salto e a mantilha de igreja** que só usava, então, para as visitas de pêsames.” (p.31).

(28) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 63; Tabela 13 – 142; Tabela 15 – 63; Tabela 17 – 142

Original: “Santiago Nasar entró en su casa a las 4.20, pero no tuvo que encender ninguna luz para llegar al dormitorio porque el foco de la escalera permanecía encendido durante la noche. Se tiró sobre la cama en la oscuridad y **con la ropa puesta**, pues sólo le quedaba una hora para dormir, y así lo encontró Victoria Guzmán cuando subió a despertarlo para que recibiera al obispo.” (p.28).

Tradução: “Santiago Nasar entrou em casa às 4h20m, mas não precisou acender nenhuma luz para chegar ao quarto porque a lâmpada da escada permanecia acesa durante a noite. Atirou-se na cama no escuro e **vestido**, pois só tinha uma hora para dormir, e assim o encontrou Victória Guzmán quando foi acordá-lo para receber o bispo.” (p.85).

(29) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 23; Tabela 13 – 115; Tabela 14 – 23; Tabela 17 – 115

Original: “Santiago Nasar le dijo que lo tomaría más tarde, y le pidió decirle a Divina Flor que lo despertara a las cinco y media, y que le llevara una muda de **ropa limpia igual a la que llevaba puesta.**” (p.30).

Tradução: “Santiago Nasar disse que o tomaria mais tarde e lhe pediu para dizer a Divina Flor que o acordasse às cinco e meia, e mandasse por ela uma muda de **roupa limpa igual à que vestia.**” (p.90).

(30) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 24; Tabela 13 – 116; Tabela 14 – 24; Tabela 17 – 116

Original: “Pablo Vicario apareció entonces en la puerta. Estaba tan pálido como el hermano, y **tenía puesta la chaqueta de la boda** y el cuchillo envuelto en el periódico.” (p.45).

Tradução: “Pablo Vicário apareceu então à porta. Estava tão pálido como o irmão, **vestia ainda o casaco do casamento** e mantinha a faca enrolada no jornal.” (p.142).

Eu o supremo

(31) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 25; Tabela 13 – 117; Tabela 14 – 25; Tabela 17 – 117

Original: “A Vucencia yo siempre lo veo trajeado en uniforme de gala, con su levita azul, el calzón blanco de cachemir. Ahora que acaba de volver del paseo **lleva puesto el pantalón de montar color canela**, algo esponjado en las entrepiernas por el sudor del caballo.” (p.51).

Tradução: “A Vossa Excelência sempre vejo trajando uniforme de gala, com sua levita azul, a calça branca de casimira. Agora que acaba de voltar do passeio **veste a calça de montar cor de canela**, algo molhada nas coxas pelo suor do cavalo.” (p.82).

(32) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 26; Tabela 13 – 118; Tabela 14 – 26; Tabela 17 – 118

(33) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 64; Tabela 13 – 143; Tabela 15 – 64; Tabela 17 – 143

Original: “[...] **Llevaba puesto aquel día su traje de ordenanza**, casaca azul con galones, **capa mordoré puesta sobre los hombros**, uniforme de brigadier español...” (p.52).

Tradução: “[...] **Usava naquele dia seu traje de ordenança**, casaca azul com galões, **capa mordoré posta sobre os ombros**, uniforme de brigadeiro espanhol...” (p.82).

(34) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 27; Tabela 13 – 119; Tabela 14 – 27; Tabela 17 – 119

Original: “Le entregó entonces el reo 3 pantalones de lienso inglés, 2 arrayados y 1 liso, una camisa de lienso criollo de porte regular con pechera de encaje y un pañuelo de tornasol listado amarillo y rojo con flores color oro, para que los labase y planchase. **Vestuario que llevaba puesto** el dho. Joséph María cuando se iban los dos a los bailes de negros de Kambá-kua, de Huguá-de-seda o Campamento Loma, y allí bailaban, según expresión de la declarante, hasta no sentir más el cuerpo, que volvíamos al alba casi sin pisar el suelo.” (p.228).

Tradução: “Entregou-lhe então o réu 3 calças de linho inglês, dois riscados e 1 liso, uma camisa de linho nacional de porte regular com peitilho de encaixe e um tecido de sombrinha listrado amarelo e roxo com flores de couro, para que os lavasse e passasse. **Vestuário que usava posto** o dito Joséph María quando iam os dois aos bailes de pretos *Kambá-Kua*, de Huguáde-seda ou Campamento Loma, e ali dançavam, segundo expressão da declarante, até não sentir mais o corpo, que voltávamos no alvorecer quase sem pisar o solo.” (p.344).

Havana para um infante defunto

(35) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 65; Tabela 13 – 144; Tabela 15 – 65; Tabela 17 – 144

Original: “[...] nadie pudo dormir esa noche, a pesar de acostarnos **con la ropa puesta**, que era la vestimenta del verano habanero que dejamos detrás.” (p.88).

Tradução: “[...] ninguém conseguiu dormir nessa noite, apesar de deitarmos **com a roupa do corpo**, ou seja, a veste apropriada para o verão de Havana que tínhamos deixado para trás.” (p.189).

(36) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 66; Tabela 13 – 145; Tabela 15 – 66; Tabela 17 – 145

Original: “Pero antes de quitarme la ropa, aún sin haberme librado de los pantalones, todavía **con los calzoncillos puestos**, me imagino [...]” (p.148).

Tradução: Sem tradução na versão consultada

(37) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 67; Tabela 13 – 146; Tabela 15 – 67; Tabela 17 – 146

Original: “—¿Tienes los **espeuelos puestos?**” (p.184).

Tradução: “—Você **está de óculos?**” (p.385).

Lituma nos Andes

(38) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 28; Tabela 12 – 87; Tabela 14 – 28; Tabela 16 – 87

Original: “Llegaron a Huancavelica de noche. Hacía frío y ellos **se habían puesto chompas, guantes de latía y bufandas.**” (p.52).

Tradução: “Quando chegaram a Huancavelica já era noite. Fazia frio e **puseram suéteres, luvas de lã e cachecóis.**” (p.67).

(39) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 29; Tabela 12 – 88; Tabela 14 – 29; Tabela 16 – 88

Original: “Se había quitado el saco y estaba sentado en la cama, con la canastita entre las piernas, comiéndose las humitas con las manos. **Se había puesto el pañuelo en el cuello**, a manera de servilleta.” (p.61).

Tradução: “Havia tirado o paletó e estava sentado na cama, com o cestinho entre as pernas, comendo as pamonhas com as mãos. **Amarrara o lenço no pescoço**, à guisa de guardanapo.” (p.77).

(40) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 68; Tabela 13 – 147; Tabela 15 – 68; Tabela 17 – 147

Original: “—Y ya ves -suspiró Lituma—. Te lo volviste a poner, y aquí ni siquiera puedes quitártelo. Morirás **con las botas puestas**, Tomasito. ¿Viste ese pelicolón?” (p.74).

Tradução: “—E olhe só — suspirou Lituma. — Voltou a usar, e aqui nem sequer pode tirar o uniforme. Vai morrer **com as botas nos pés**, Tomasito. Viu esse filmaço?” (p.95).

(41) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 30; Tabela 12 – 89; Tabela 14 – 30; Tabela 16 – 89

Original: “Oscurecía de prisa y comenzaba a hacer frío. **Se habían puesto las chompas de alpaca** que compraron en Huánuco, pero uno de los cristales del vehículo estaba rajado y por el hueco se colaba un vientecito helado.” (p.74).

Tradução: “Escurecia depressa, estava começando a fazer frio. **Vestiram os suéteres de alpaca** que tinham comprado em Huánuco, mas um dos vidros do veículo estava rachado e um ventinho gelado se filtrava pela fresta.” (p.95).

(42) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 69; Tabela 13 – 148; Tabela 15 – 69; Tabela 17 – 148

Original: “-Y lo más probable es que a los dos nos lleven a la tumba **con los uniformes puestos**, Tomasito. ¿No te cansas a veces de esperarlos? ¿No piensas a veces: «Que vengan de una vez y que termine esta maldita guerra de nervios?»” (p.74).

Tradução: “— E o mais provável é que nós dois vamos para o túmulo **fardados**, Tomasito. Você às vezes não se cansa de esperá-los? Às vezes não pensa: “Tomara que venham de uma vez e termine esta maldita guerra de nervos?”” (p.95).

O caderno de Maya

(43) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 70; Tabela 13 – 149; Tabela 15 – 70; Tabela 17 – 149

Original: “Mi Nini me había traído una pequeña fotografía plastificada de mi Popo en la que aparecía solo, unos tres años antes de su muerte, **con su sombrero puesto** y la pipa en la mano, sonriendo a la cámara.” (p.79).

Tradução: “Minha Nini havia me trazido uma pequena fotografia plastificada do meu Popo, na qual ele aparecia sozinho, uns três anos antes de sua morte, **com seu chapéu** e o cachimbo na mão, sorrindo para a câmera.” (p.134-135).

(44), (45) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 71 e 72; Tabela 13 – 150 e 151; Tabela 15 – 71 e 72; Tabela 17 – 150 e 151

Original: “Por fin pude ir a mi pieza, donde me tendí en la cama sin sábanas, **con la ropa y las zapatillas puestas**, asqueada con ese colchón, que imaginé usado por gente de sospechosa higiene.” (p.112).

Tradução: “Por fim, pude ir para o meu quarto, onde me estendi na cama sem lençóis, **com a roupa e os tênis calçados**, enojada com o colchão, que imaginei ter sido usado por gente de higiene suspeita.” (p.189).

(46) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 73; Tabela 13 – 152; Tabela 15 – 73; Tabela 17 – 152

Original: “Había jugo de fruta, leche y galletas para los niños, café y té a toda hora, baños, teléfono y máquinas de lavar, inútiles para mí, porque sólo contaba **con la ropa puesta**, había perdido la bolsa de plástico con mis magras pertenencias.” (p.165).

Tradução: “Havia suco de frutas, leite e biscoitos para as crianças, café e chá a toda hora, banheiros, telefone e máquinas de lavar roupa, inúteis para mim, porque eu tinha apenas **a roupa que usava**, havia perdido a sacola plástica com as minhas magras posses.” (p.279).

(47) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 74; Tabela 13 – 153; Tabela 15 – 74; Tabela 17 – 153

Original: “El día estaba húmedo y helado, pero la noche fue mucho peor. Tiritábamos en los sacos de dormir, **con la ropa puesta**, gorro, calcetas gruesas y guantes, mientras caía la lluvia en la lona y se colaba por debajo del piso de plástico.” (p.204).

Tradução: “O dia estava úmido e gelado, mas a noite foi muito pior. Tiritávamos nos sacos de dormir, **de gorro, meias grossas e luvas**, enquanto a chuva caía na lona e penetrava por baixo do forro de plástico que nos separava do chão.” (p.344).

(48) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 31; Tabela 12 – 90; Tabela 14 – 31; Tabela 16 – 90

Original: “**Se había puesto lentes de contacto** y cortado la melena y el bigote, estaba irreconocible.” (p.231).

Tradução: “**Tinha colocado lentes de contato**, cortado o cabelo e raspado o bigode – estava irreconhecível.” (p.389).

O outono do patriarca

(49) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 75; Tabela 13 – 154; Tabela 15 – 75; Tabela 17 – 154

Original: “[...] Patricio Aragonés no quería tanto sino que quería más, quería que lo quisieran, porque ésta es de las que saben de dónde son los cantantes

mi general, ya verá que usted mismo lo va a ver cuando la vea, así que él le indicó como fórmula de alivio los senderos nocturnos de los cuartos de sus concubinas y lo autorizó para usarlas como si fuera él mismo, por asalto y de prisa y **con la ropa puesta** [...]" (p.10).

Tradução: “[...] Patricio Aragonés não queria tanto senão que queria mais, queria que o quisessem, porque esta é das que sabem das coisas meu general, o senhor mesmo logo vai ver quando a vir, de modo que ele lhe indicou como fórmula de alívio os caminhos noturnos dos quartos de suas concubinas e autorizou-o a usá-las como se fosse ele mesmo, ao acaso e rapidamente e **vestido** [...]" (p.16).

(50) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 32; Tabela 12 – 91; Tabela 14 – 32; Tabela 16 – 91

Original: “[...] los padres destronados de otras patrias a quienes él había concedido el asilo a lo largo de muchos años y que ahora envejecían en la penumbra de su misericordia soñando con el barco quimérico de la segunda oportunidad en las sillas de las terrazas, hablando solos, muriéndose muertos en la casa de reposo que él había construido para ellos en el balcón del mar después de haberlos recibido a todos como si fueran uno solo, pues todos aparecían de madrugada con **el uniforme de aparato que se habían puesto al revés sobre la pijama** [...]" (p.13).

Tradução: “[...] os pais destronados de outras pátrias a quem ele havia concedido asilo ao longo de muitos anos e que agora envelheciam na penumbra de sua misericórdia sonhando com o barco quimérico da segunda oportunidade nas cadeiras dos terraços, falando a sós, morrendo mortos na casa de repouso que ele havia construído para eles no mirante do mar depois de haver-lhes recebido a todos como se fossem um só, pois todos apareciam de madrugada com **o uniforme de gala que haviam vestido pelo avesso sobre o pijama** [...]" (p.20)

(51) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 33; Tabela 13 – 120; Tabela 14 – 33; Tabela 17 – 120

Original: “En la oficina contigua a la sala de audiencias tuvo que restregar el cuerpo con estropajo y jabón para quitarle el mal olor de la muerte, lo vistió **con la ropa que él llevaba puesta**, le puso el braguero de lona, las polainas, la espuela de oro en el talón izquierdo [...]" (p.20).

Tradução: “No gabinete contíguo do salão de audiência teve que esfregar o corpo com esfregão e sabonete para tirar de si o mau cheiro da morte, vestiu-o **com a roupa que ele vestia**, colocou nele a funda de lona, as polainas, a espora de ouro no calcanhar esquerdo [...]" (p.30).

(52) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 34; Tabela 13 – 121; Tabela 14 – 34; Tabela 17 – 121

Original: “[...] se encontró con que todo el mundo en la casa presidencial **tenía puesto un bonete colorado** [...]” (p.30).

Tradução: “[...] viu que todo mundo no palácio **tinha posto boné vermelho** [...]” (p.44).

(53) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 35; Tabela 13 – 122; Tabela 14 – 35; Tabela 17 – 122

Original: “[...] desapareció en la sala de audiencias como un relámpago fugitivo hacia los aposentos privados, entró en el dormitorio, cerró las tres aldabas, los tres pestillos, los tres cerrojos, y se quitó con la punta de los dedos **los pantalones que llevaba puestos** ensopados de mierda.” (p.88).

Tradução: “[...] desapareceu no salão de audiências como um fugitivo relâmpago em direção aos aposentos privados, entrou no quarto, puxou as três aldravas, as três trancas, os três ferrolhos, e tirou com a ponta dos dedos **a calça que vestia** ensopada de merda.” (p.123).

(54) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 36; Tabela 13 – 123; Tabela 14 – 36; Tabela 17 – 123

Original: “[...] se había desabotonado la guerrera, se había quitado el sable con el cinturón de los colores de la patria, se había quitado las botas pero **se dejaba puestas las medias de púrpura** de las doce docenas que le mandó el Sumo Pontífice de sus calceteros privados [...]” (p.94).

Tradução: “[...] desabotoara a túnica, tirara o sabre com o cinturão das cores da pátria, tirava as botas mas **deixava vestidas as meias de púrpura** das doze dúzias que lhe mandou o Sumo Pontífice de seus privados [...]” (p.131-132).

(55) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 37; Tabela 12 – 92; Tabela 14 – 37; Tabela 16 – 92

Original: “[...] **se había puesto una diadema en la frente**, se había puesto una gola de encajes contra su voluntad, se había dejado poner talco en la cara y carmín en los labios por esa única vez [...]” (p.100).

Tradução: “[...] **pusera um diadema na testa**, pusera uma gola de rendas contra sua vontade, deixara pôr talco no rosto e batom nos lábios por essa única vez [...]” (p.140).

(56) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 38; Tabela 13 – 124; Tabela 14 – 38; Tabela 17 – 124

Original: “[...] se acostó sobre ella mientras dormía como se había metido en el agua **con todo lo que llevaba puesto**, el uniforme sin insignias, las correas del sable, el mazo de llaves, las polainas, las botas de montar con la espuela de oro [...]” (p.119-120).

Tradução: “[...] deitou sobre ela enquanto dormia como se havia metido na água **com tudo o que levava vestido**, a farda sem insígnias, as correias do sabre, o molho de chaves, as polainas, as botas de montar com a espora de ouro [...]” (p.166).

(57) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 39; Tabela 12 – 93; Tabela 14 – 39; Tabela 16 – 93

Original: “[...] era imposible creer por su gracia y su languidez que no fuera una niña disfrazada de militar con **el uniforme de gala** con entorchados de oro que parecía crecerle en el cuerpo, pues Leticia Nazareno **se lo había puesto** desde antes de la primera dentición cuando lo llevaba en la cuna de ruedas a presidir los actos oficiales en representación de su padre [...]” (p.131).

Tradução: “[...] era impossível pensar por sua graça e sua languidez que não fosse uma menina disfarçada de militar com **o uniforme de gala** de canutilhos de ouro que parecia crescer-lhe no corpo, pois Letícia Nazareno **vestia-o** desde antes da primeira dentição quando o levava no berço de rodas para presidir os atos oficiais na representação do pai [...]” (p.181).

(58) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 40; Tabela 13 – 125; Tabela 14 – 40; Tabela 17 – 125

Original: “[...] sus parientes inagotables que llegaban desde los cayos incógnitos de las Antillas sin otra fortuna que **el pellejo que llevaban puesto** [...]” (p.138).

Tradução: “[...] seus parentes inesgotáveis que chegavam de cachopos incógnitos das Antilhas sem outra fortuna que **os trapos que vestiam** [...]” (p.191).

(59) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 41; Tabela 13 – 126; Tabela 14 – 41; Tabela 17 – 126

Original: “[...] desde entonces estamos como estamos debiendo hasta **los calzoncillos que llevamos puestos** mi general [...]” (p.162).

Tradução: “[...] desde então estamos como sempre devendo até **as cuecas que usamos** meu general [...]” (p.225).

(60) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 42; Tabela 13 – 127; Tabela 14 – 42; Tabela 17 – 127

Original: “[...] había llegado en un burro de alquiler **sin más ropas que las que llevaba puestas** al amanecer del mismo jueves en que lo arrestaron [...]” (p.189).

Tradução: “[...] havia chegado em um burro de aluguel **sem outra roupa que a que vestia** ao amanhecer da mesma quinta-feira em que o prenderam [...]” (p.260).

(61) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 43; Tabela 13 – 128; Tabela 14 – 43; Tabela 17 – 128

Original: “[...] pero ella replicó que no, general, ha sido aquí, descalzo y **con la ropa de menesteroso que llevaba puesta** [...]” (p.195).

Tradução: “[...] mas ela replicou que não, general, foi aqui, descalço e **com a roupa de indigente que usava** [...]” (p.269).

Os prêmios

(62) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 44; Tabela 12 – 94; Tabela 14 – 44; Tabela 16 – 94

Original: “—Son madre e hija —dijo Nora, infalible para esas cosas—. Dios mío, **qué ropa se han puesto.**” (p.05).

Tradução: “— São mãe e filha — disse Nora, infalível para essas coisas. — Meu Deus, como estão **vestidas.**” (p.18).

(63) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 45; Tabela 12 – 95; Tabela 14 – 45; Tabela 16 – 95

Original: “La mano de Persio había resbalado como un pez por la de Medrano. Persio estaba vestido de blanco y **se había puesto zapatillas también blancas.**” (p.33).

Tradução: “A mão de Persio havia escorregado como peixe pela mão de Medrano. Persio estava vestido de branco e **calçava uns sapatos também brancos.**” (p.74).

(64) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 46; Tabela 12 – 96; Tabela 14 – 46; Tabela 16 – 96

Original: “Lucio notó que **se había puesto el camisón** en el baño. Sentándose frente al espejo, empezó a secarse el pelo, a cepillarlo con movimientos interminables.” (p.94).

Tradução: “Lucio percebeu que **ela vestira a camisola** no banheiro. Sentada em frente ao espelho, começou a enxugar o cabelo, a escová-lo com movimentos intermináveis.” (p.198).

(65) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 47; Tabela 12 – 97; Tabela 14 – 47; Tabela 16 – 97

Original: “Se inclinó solemnemente ante Paula que abría la puerta de la cabina, y volvió a mirar a López que no se sentía muy cómodo en traje de baño. Paula **se había puesto una malla negra** bastante austera, en total desacuerdo con la bikini del día anterior.” (p.105)

Tradução: “Inclinou-se solenemente diante de Paula, que abria a porta da cabina, e tornou a olhar para López, que não se sentia muito à vontade de roupa de banho. Paula **tinha vestido um maiô preto** bastante austero, totalmente em desacordo com o biquíni do dia anterior.” (p.221).

(66) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 48; Tabela 12 – 98; Tabela 14 – 48; Tabela 16 – 98

Original: “Entró en la cabina y se sentó en un sillón. Felipe **se había puesto unos pantalones blancos**; todavía tenía el torso desnudo.” (p.120).

Tradução: “Entrou na cabina e sentou-se numa cadeira. Felipe **vestira umas calças brancas**: ainda tinha o torso nu.” (p.252).

Terra Nostra

(67) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 49; Tabela 13 – 129; Tabela 14 – 49; Tabela 17 – 129

Original: “Una de las manos de la mujer no deja de acariciarle; pero la postura obliga al muchacho a mirar la otra mano de esta aparecida y la otra mano **lleva puesto un guante**, rugoso y sebado, sobre el cual se mantiene muy derecho un azor.” (p.35).

Tradução: “Uma das mãos da mulher não deixa de acariciá-lo; porém a postura obriga o jovem a olhar para a outra mão desta visão e a outra mão **está calçada com uma luva**, enrugada e sebenta, sobre a qual se mantém muito espigado um açor.” (p.60).

(68) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 76; Tabela 13 – 155; Tabela 15 – 76; Tabela 17 – 155

Original: “«Toma siempre ejemplo de tu padre», le había dicho desde niño al Señor su madre, «que en una ocasión durmió treinta días seguidos **con el armadura puesta**, y así reunió el sacrificio del cuerpo y la batalla del alma.» (p.40).

Tradução: “«Siga sempre o exemplo de seu pai» — a mãe do Senhor Ihe tinha dito quando não passava de um menino —; «ele, certa feita, dormiu trinta dias seguidos **com a armadura posta** e assim uniu o sacrifício do corpo à batalha da alma.» (p.65).

(69) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 77; Tabela 13 – 156; Tabela 15 – 77; Tabela 17 – 156

Original: “[...] padre, te prometí ser digno de tu heredad, batallar como tú, declarar mi presencia por los fuegos de fuertes y villorrios en comarcas insumisas a nuestro poder y al de Dios, luchar y dormir como tú, treinta días seguidos **con la armadura puesta**, padre, he cumplido mi promesa, he pagado mi deuda para contigo y tu ejemplo, ahora debo pagar mi deuda para con Dios [...]” (p.47).

Tradução: “[...] pai, te prometi ser digno de tua herança, batalhar como tu, declarar minha presença pelos fogos dos fortes e aldeolas em comarcas insubmissas a nosso poder e ao de Deus, lutar e dormir como tu, trinta dias seguidos **com a armadura posta**, pai, cumpri minha promessa, paguei minha dívida para contigo e teu exemplo, agora devo pagar minha dívida para com Deus [...]” (p.74-75).

(70) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 50; Tabela 13 – 130; Tabela 14 – 50; Tabela 17 – 130

Original: “Al silencio sigue una exclamación incrédula y todos, como antes lo hicieron los mendigos, caen de rodillas alrededor de la carroza fúnebre. Todos vieron lo mismo. Un cadáver vestido **con la ropa que tú traías puesta** esta mañana [...]” (p.64).

Tradução: “Segue-se ao silêncio uma exclamação incrédula e todos, como antes fizeram os mendigos, caem de joelhos ao redor do coche fúnebre. Todos viram a mesma coisa. Um cadáver vestido **com a roupa que trazias** esta manhã [...]” (p.96).

(71) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 51; Tabela 13 – 131; Tabela 14 – 51; Tabela 17 – 131

Original: “El Señor le dictó a Guzmán un folio declarando que en este palacio no cabrían costumbres de moros o judíos, y que todos se morirían **con el calzado que llevaban puesto** desde siempre, como la abuela del Señor.” (p.142).

Tradução: “O Senhor ditou para Guzmán um fólio declarando que neste palácio não caberiam costumes de mouros ou judeus e que todos morreriam **com o calçado que sempre traziam**, como a avó do Senhor.” (p.183-184).

(72) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 78; Tabela 13 – 157; Tabela 15 – 78; Tabela 17 – 157

Original: “[...] me sentía deforme con ese calzado, sentía una pierna chueca y la otra más corta que la primera, así que le di de puntapiés al zapatero **con sus propios botines puestos** hasta que el rufián pidió gracia, excusándose [...]” (p.200).

Tradução: “Me sentia mal com o calçado, sentia uma perna mal encaixada e a outra mais curta que a primeira, assim dei pontapés no sapateiro **com suas próprias botinas em mim calçadas** até que o rufião pediu perdão, excusando-se [...]” (p.259-260).

(73) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 52; Tabela 12 – 99; Tabela 14 – 52; Tabela 16 – 99

Original: “[...] **se ha puesto en el dedo meñique un anillo de plomo** con una gema grabada con la imagen de la serpiente enrollada [...]” (p.278).

Tradução: “[...] **pôs no dedo mínimo um anelzinho de chumbo** com uma gema gravada com a imagem da serpente enrolada.” (p.359).

(74) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 53; Tabela 13 – 132; Tabela 14 – 53; Tabela 17 – 132

Original: “—Sólo perseguida y oculta puedo actuar; perdonada, soy inútil; consagrada, soy tan cruel como mis perseguidores; condenada, mantengo la llama de la sabiduría olvidada. Tenía que sobrevivir. **La máscara**, pronto, no tenemos mucho tiempo. Tocas en la oscuridad el rostro de Celestina... Lo cubre otra máscara de plumas, arañas muertas, dardos... —**La traes puesta tú...** —Yo la mía, tú la tuya, pronto...” (p.675).

Tradução: “—Só quando perseguida e oculta posso agir; perdoada, sou inútil; consagrada, sou tão cruel quanto meus seguidores; condenada, mantenho a chama da sabedoria esquecida. Tinha que sobreviver. **A máscara**, depressa, não temos muito tempo... Na escuridão tocas o rosto de Celestina... Está coberto por outra máscara de plumas, aranhas mortas, dardos... —**Estás com ela...** —Eu com a minha, tu com a tua, depressa...” (p.848).

Três tristes tigres

(75) – Numeração por tabela: Tabela 11 – 79; Tabela 13 – 158; Tabela 15 – 79; Tabela 17 – 158

Original: “[...] así nos pusimos a conversar y luego le dije que le iba a hacer unas fotos aquí tomando café una de estas noches, porque Rolando se veía muy bien, muy cantante, muy cubano, muy muy habanero allí con su traje de dril 100 blanco y **su sombrero de paja**, chiquito, **puesto** como solamente se lo saben poner los negros [...]” (p.63-64).

Tradução: “[...] começamos a conversar e depois eu disse a ele que ia tirar umas fotos dele ali tomando café numa dessas noites, porque Rolando estava muito bem muito cantante, muito cubano, muito muito de Havana ali com seu terno de linho 100 por cento, branco, e **seu chapéu de palha**, pequeno, **posto** como só os negros sabem pôr [...]” (p.74).

(76) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 54; Tabela 13 – 133; Tabela 14 – 54; Tabela 17 – 133

Original: “Hacia mucho calor esa tarde y aunque estaba nublado hacia el sur no parecía que fuera a llover, pero Cué **tenía puesta una capa de agua** (para él, su *imper*) y venía fumando en boquilla y caminando con su difícil paso zambo [...]” (p.80).

Tradução: “Fazia muito calor essa tarde e embora o sul estivesse nublado não parecia que fosse chover, mas Cuê **vinha de capa impermeável** (para ele, seu *imper*) e vinha fumando de piteira e caminhando com o passo difícil, zambo [...]” (p.95).

(77) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 55; Tabela 13 – 134; Tabela 14 – 55; Tabela 17 – 134

Original: “Se estaba maquillando y **tenía puesta una bata** por encima de su ropa de escena.” (p.84).

Tradução: “Estava se maquiando e **tinha um roupão** sobre a roupa do show.” (p.99).

(78) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 56; Tabela 13 – 135; Tabela 14 – 56; Tabela 17 – 135

Original: “Cuando entré, Laura **tenía puesta una trusa blanca**, no era un bikini ni una dos-piezas sino «un maillot blanco radiante» en la explicación técnica de Livia: de un largo y ancho escote a la espalda y otro escote que

cerraba entre los senos y atado al cuello: nunca la vi más hermosa que en aquella penumbra —excepto desnuda excepto desnuda excepto desnuda.” (p.120).

Tradução: “Quando entrei, Laura **tinha posto um maiô branco**, não era um biquíni nem um duas-peças mas ‘um maiô branco radiante’ na explicação técnica de Livia: de um longo e largo decote nas costas e outro decote que acabava entre os seios e fechava no pescoço: nunca a vi mais bela do que nessa penumbra – exceto nua exceto nua exceto nua.” (p.143).

(79) – Numeração por tabela: Tabela 10 – 57; Tabela 13 – 136; Tabela 14 – 57; Tabela 17 – 136

Original: “El Rosaurora está bien pero no sé si me aviene bien con **la ropa que llevo puesta.**” (p.125).

Tradução: “O Rosaura está bem mais não sei se combina com **a roupa que estou.**” (p.148).

Apêndice A

Cópia do teste aplicado a falantes do português brasileiro para estabelecer o status dos objetos da categoria *roupa* encontrados no *corpus*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
LABORATÓRIO EMERGÊNCIA DA LINGUAGEM ORAL
ESCOLA DE INVERNO

CATEGORIZAÇÃO DA LINGUAGEM

Atividade 1

É possível que as pessoas reconheçam alguns objetos de uma determinada categoria como mais representativos que outros. Por exemplo, pensando na categoria de *veículo*, você, provavelmente, julgará que um carro é melhor exemplar categorial que um elevador. Embora esses dois elementos possam classificar-se dentro do mesmo rótulo, um carro parece representar de modo mais fidedigno a nossa ideia sobre um veículo que um elevador. Você seria mais rápido em identificar um carro como veículo que um elevador. Aliás, você até poderia ficar em dúvida se este último objeto é, de fato, um veículo.

Na tabela da página seguinte, há diversos objetos pertencentes à categoria *roupa*, como *calças*, *jaqueta* ou *vestido*. A proposta é que você classifique cada um deles conforme a sua adequação dentro da categoria, atribuindo-lhes notas de um (1,0) a sete (7,0). **Um (1,0)** significa que se trata de um excelente representante categorial; **sete (7,0)**, que se trata de um péssimo representante categorial. No exemplo do primeiro parágrafo, poderíamos atribuir 1,0 a carro e 7,0 a elevador.

Preencha a tabela de acordo com o que você realmente pensa a respeito dos objetos da lista. A atividade não tem respostas certas e erradas, portanto, não quebre a cabeça se um objeto lhe parecer difícil de classificar:

siga o seu primeiro instinto. O objetivo é discutir a estrutura das categorias da nossa linguagem e da nossa cognição com base neste simples exercício.

Objeto/Pontuação	1	2	3	4	5	6	7
Saia							
Chapéu							
Capa de chuva							
Roupão							
Maiô							
Luva							
Terno							
Alpargata							
Camiseta							
Calças							
Casaco							
Armadura							
Sapato							
Anel							
Jaqueta							
Bota							
Máscara							
Sobretudo							
Sapatilha							
Camisola							
Uniforme							
Boné							
Meias							
Diadema							
Cueca							
Tênis							
Gorro							
Lente de contato							
Suéter							

Cachecol							
Lenço							
Capa							
Camisa							
Vestido							
Capa							
Mantilha de igreja							
Blusa							
Avental							
Colete							
Quepe							
Fita de cabelo							
Corrente							
Gravata							
Pulseira							
Capacete							
Poncho							
Shorts							
Bermuda							
Moletom							